

MOACIR LOPES DE CAMARGOS



Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de concentração: Análise do discurso

Orientador: Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP – 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C14s

Camargos, Moacir Lopes de.

Sobressaltos: caminhando, cantando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo / Moacir Lopes de Camargos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : João Wanderley Geraldi.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Diálogos. 2. Parada do Orgulho Gay. 3. Linguagem. I. Geraldi, João Wanderley. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Marching in high heels: singing and dancing in São Paulo Gay Pride p(art)y.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Dialogues; Gay Pride; Language.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. João Wanderley Geraldi (orientador), Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti, Profa. Dra. Juliene da Silva Barros, Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza e Prof. Dr. Valdemir Miotello.

Data da defesa: 27/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Wanderley Geraldi



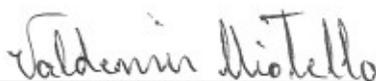
Prof. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti



Prof. Dra. Juliene da Silva Barros



Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza



Prof. Dr. Valdemir Miotello

Prof. Dra. Tânia Maria Alkmim

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Prof. Dra. Adriana Varani

IEL / UNICAMP 27 de fevereiro de 2007

200701753

Epígrafe



René Magritte – Perspicácia ou auto-retrato duplo (1936) www.google.com/imagens

Caro(a) leitor(a)

Devo advertir-lhe que talvez este texto possa não te parecer tão brilhante como esperado, ou eu mesmo não tenha conseguido abrilhantá-lo, fazendo uso de uma linguagem à altura de uma tese em lingüística, como muitos irão dizer. Porém, acredito que este meu texto é muito brilhante. Não mérito meu, claro, mas de amig@s que não pouparam esforços, não economizam e capricham no **glitter**, na purpurina, **nas lantejoulas**, **nas sombras nos olhos**, **no rímel**, **no batom**, enfim, nos **brilhos** que vão da cabeça aos pés para arrasar no dia da Parada. Foi muito difícil escolher as fotos. Mas, ao fim de tudo, graças aos esforços de amig@s pode-se dizer que este texto é um brilho só, um luxo!!! É para tod@s essas pessoas brilhantes que ofereço este trabalho.

CARTA DE AGRADECIMENTO AOS AMIG@S

Como escreve Djavan, durante os meus caminhos pela vida

Só eu sei

As esquinas

Por que passei

Só eu sei

Só eu sei/ Sabe lá/ O que é não ter/ E ter que ter pra dar/ Sabe lá

Sabe lá/ E quem será/ Nos arredores do amor/ Quem vai saber reparar/ Que o dia nasceu?

Só eu sei/ Os desertos/ Que atravessei/ Só eu sei

Só eu sei/ Sabe lá/ O que é morrer de sede/ Em frente ao mar/ Sabe lá

Sabe lá/ E quem será/ Na correnteza do amor/ Quem vai saber se guiar?

A nave em breve/ Ao vento vaga/ De leve e traz/ Toda a paz/ que um dia/ o desejo levou

Só eu sei/ As esquinas/ Por que passei/ Só eu sei

Só eu sei.

Mas esses caminhos, cheios de incontáveis esquinas, se tornaram menos áduos porque neles encontrei muitos amig@s que vieram do nordeste, do sudeste, do sul, do norte, do centro-oeste, do além-mar e deixaram um sorriso, uma palavra, um gesto, um grande auxílio, um abraço, uma voz, um poema, pois

Os amigos são guerreiros. Eles não querem a morte, a submissão, a dizimação do outro; e nisso se distinguem dos guerreiros do exército de Estado. Não se pretendem irmãos ou filantropos. Os amigos se relacionam libertariamente para a

vida. Guerreiam pela sua própria existência, antecedem-se e sucedem, são únicos. A vida é uma batalha, sim. Mas a vida não é guerra de todos contra todos, da parte contra o todo, do todo contra a parte. Esta é a vida dos Estados com seus projetos de contrato social, paz perpétua e melhor soberano. Entre amigos não há soberanos, contratos, mas entrada livre nas associações e invenção de vida anti-hierárquica. (Edson Passetti – Ética dos amigos)

E como diz Clarice Lispector, não vou citar nome de ninguém para não ser injusta, ingrata. Se isso fizer, com certeza, vou esquecer alguém porque durante a minha vida de estudante, professor etc tive o privilégio de cruzar/conviver com várias pessoas maravilhosas (ou grupo de pessoas – excluo agências de fomento) e cada qual, do seu jeito, me deixou um trem bão, me apoiou, me ouviu, me leu, me ajudou muito em momentos extremamente difíceis em meus percalços pelos caminhos que decidi seguir. E, se alguns já se foram, partiram e continuaram suas próprias viagens, talvez eu tenha deixado uma lembrança em suas vidas. Mas para essas muitas pessoas ou grupos a-m-a-v-e-l-m-e-n-t-e especiais que passaram pela minha vida ou ainda estão comigo e vão continuar, fico imensamente feliz em saber que vou guardar tod@s dentro do peito, do coração como diz Milton em seus tons geniais. Enfim, resta-me dizer, ou melhor, escrever um simples

MUITO OBRIGADO!

MERCI BEAUCOUP!

THANK YOU VERY MUCH!

GRACIAS POR TODO!

DANKE SCHÖN!

RESUMO

Esta pesquisa narrativa pode ser dividida em três níveis, a saber: a) observação – fui à Parada como observador externo, curioso, para ver e constatar o que ouvia, ou seja, que aquilo era um mero carnaval fora de época dos viados. Então voltei e fiz um projeto para estudar a Parada de São Paulo; b) participação - com o projeto em mãos e já matriculado no curso de doutorado, fui à Parada com a intenção de pesquisar, coletar dados, tirar fotos, conversar com as pessoas, perguntar e ... terminei dentro da festa, dançando, beijando, enfim, participando do acontecimento; c) envolvimento – a partir desse momento me envolvi, fui como fotógrafo à Parada, participei, conversei com as pessoas, escutei histórias, mas como um paradista, ou seja, já estava dentro dela para viver, sentir e contar as minhas experiências e transformações. Para escrever a narrativa de minhas caminhadas, considerei a Parada como um misto de três pilares discursivos distintos que se mesclam e estão em constante movimento. O primeiro deles é o discurso da rememoração que tem uma data, 28 de junho, para lembrar um fato – a agressão a gays no Bar novaiorquino Stonewall Inn em 1969. Assim, a partir desse fato histórico, podemos reivindicar nossos direitos. Esse discurso tem um caráter sério, “político” e consiste em olhar um fato passado e mostrar que o preconceito continua de outros modos na sociedade atual. O segundo pilar discursivo é o da comemoração que, além de lembrar o passado, a agressão aos gays e a rebelião que houve no bar, volta ao presente para não esquecer os gestos heróicos do orgulho de ser gay. A festa, que é coletiva, junta os dois outros discursos, isto é, ela lembra e comemora ao mesmo tempo com o grotesco, a música alta, a dança, o riso, as extravagâncias, as cores e a carnavalização que exagera tudo, excede e trans-borda a cidade.

ABSTRACT

This narrative research might be divided into three levels, namely: *a) observation* – *I went to the Gay Parade as an external observer, curious, to see and check what I had heard, that is that the event be nothing more than a fags' carnival party.* Then I returned and developed a project to study the São Paulo Gay Pride Parade; *b) participation* – having written the project and enrolled in the doctorate course, I went to the Parade in order to research, collect data, take pictures, talk with people, ask for information and... I ended up inside the party, dancing, kissing, participating in the event; *c) involvement* – from this moment on, I immersed myself. I went as a photographer to the Parade, I participated, I chatted with people, I listened to their stories, but as a *parader*. That is, I had already entered the Parade to live, feel and share my experiences and trans-formations. To write down the narrative of my paths, I considered the Parade as a mix of three distinct discursive pillars, which are interwoven and in continuous movement. The first one is the remembrance discourse, which remembers the date of June 28 and the aggression committed against gays in the New York bar, Stonewall Inn, in 1969. Thus, from such an historical fact, we can claim our rights. This discourse has a serious, “political” feature, and consists in looking at a past fact and showing that the prejudice is still ongoing, merely assuming other faces in contemporary society. The second discursive pillar is that of commemoration, which, besides remembering the fact – the aggression to gays and the insurrection in the bar – comes back to the present, intending not to forget the heroic gestures of being gay. The party, collective in nature, is connected to the other discourses, that is, it both remembers and – by means of the grotesque, the loud music, the dance, the laugh, the extravagances, the colors and the carnivalization that exaggerates and exceeds – overflows the city.

SUMÁRIO

PREFÁCIO A VÁRIAS VOZES	17
INTRODUÇÃO AOS DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE	19
Narrativa 1	27
CAPÍTULO 1 – OLHARES CARREGADOS DE SOMBRAS: CAMINHAR E SUBIR NO SALTO.....	29
1 - OLHARES CARREGADOS DE SOMBRAS.....	31
1.1 - OS OLHARES QUE CEGAM CONTINUAM NO NOVO SÉCULO	41
1.2 - LUTAS POÉTICAS DE OUTROS OLHARES	50
1.3 - STONEWALL INN: O BAFON QUE MUDOU E MARCOU NOSSA HISTÓRIA	57
1.4 - E O NOSSO STONEWALL, CADÊ?	63
1.5 – AS PARADAS, SEUS TEMAS E SEUS DIÁLOGOS	69
Narrativa 2	85
CAPÍTULO 2 – CAMINHAR NO SALTO: QUEM ME DÁ UMA IDENTIDADE?....	89
2 - QUEM ME DÁ UMA IDENTIDADE?.....	91
2.1 - O CONCEITO DE IDENTIDADE.....	92
2.2 – SER OU NÃO SER, TER OU NÃO TER: PINK MONEY E BLUE SOCIETY... 97	
2.3 - O PROBLEMA DA IDENTIDADE E OS GÊNEROS SEXUAL E DISCURSIVO	102
2.4 - CORPO, IDENTIDADE E LINGUAGEM	108
2.5 - GÊNERO SEXUAL E GÊNEROS DISCURSIVOS – QUE BABADOS SÃO ESSES?.....	111
CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS E SUAS HISTÓRIAS	125
3 - VIAGENS GERAIS E NARRATIVAS METODOLÓGICAS	127
3.1 - QUAL O SEU MÉTODO?	130
3.2 - Diário 1 - 2001	137
3.3 - Diário 2 - 2002	140
3.4 - Diário 3 - 2003	144
3.5 - Diário 4 - 2004	148
3.6 - Diário 5 - 2005	151

3.7 - Diário 6 - 2006	155
Quarta narrativa	159
CAPÍTULO 4 – CAMINHOS, SALTOS E CORPOS	161
4 - A PARADA NA PAULISTA OU A TRANS-FORM(A)ÇÃO DO COR-AÇÃO FINANCEIRO DO PAÍS.....	162
4.1 – QUANDO AS IMAGENS CHOCAM A PAULISTA.....	168
4.2 – UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA.....	171
4.2.1 - Itália.....	171
4.2.2 – Portugal.....	172
4.3 – A SOMBRA, O SENSÍVEL, A IMAGEM, O MOVIMENTO... ..	176
4.4 – O CORPO GROTESCO NA PARADA.....	184
Quinta narrativa	197
CAPÍTULO 5 – CAMINHAR, CANTAR E DANÇAR EM CIMA DO SALTO.....	199
5 - CARNAVAL(IZAÇÃO) E A PARADA	201
5.1 – PARADA, DESFILE, PASSEATA, PROTESTO... ..	206
5.2 – LIVRE CONTATO, EXCENTRICIDADE, MÉSALLIANCES, PROFANAÇÃO	217
5.4 – A F(R)ESTA DA PARADA.....	226
6. SONHAR E CONTINUAR A CAMINHAR NOS SALTOS	237
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	240

PREFÁCIO ROSA A VÁRIAS VOZES

Eu sou uma pessoa que tem emoção e
sensibilidade e me orgulho de não ter que escondê-la.
Eu manifesto. Agora, se dentro dos padrões isso é feminino,
caguei.
Ney Matogrosso¹

Minha mãe contava que quando eu nasci, lá nas grotas das Gerais, veio uma anja esbelta, de salto alto, cabelos longos, brilhos, coisa e tal...dessas que tocam órgão e murmurou: *esse aí, quando crescer, vai carregar bandeira do arco-íris na Avenida Paulista!* Isso era carga muito pesada pra bicha do interior, esta espécie discriminada que envergonha a família e a cidade. Então, aceitei alguns subterfúgios que me couberam. Às vezes precisei calar, fugir, mentir, fingir, dramatizar. E agora me pergunto: será que sou feio? Não me casei, tô beato. Namorei no Rio de Janeiro, Minas. E, por cartas ridículas de amor, vivi aventuras em São Paulo, Europa, New York, Cairo, etc ... Mas, à parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. Ora sim, ora não, penso em ser pai. Nada de parto com dor. Mas sempre gosto de sentir e escrever. Tento cumprir a sina. Deixei a saia e tentei escrever um ensaio. Também já pinteí o sete. E, *entre a pincelada e a palavra, o ensaio não é um caminho improvisado ou arbitrário, mas a estratégia de uma démarche aberta que não dissimula sua própria errância, mas que não renuncia a captar a verdade fugaz de sua experiência.* Reinauguro linhas, viro rainha e dor, para mim, não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree. Isso é coisa de cachorro. Eu gosto mesmo é de gente, de multidão. Já a minha vontade de alegria, sua raiz vai até mil avô. Assim, arraso na Paulista, me jogo mesmo na festa! Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Gay é desdobrável. Eu sou!

¹ Citado por Trevisan (2000:290).

Já meu pai contava que quando eu nasci o silêncio foi aumentado. Era inverno da ditadura. Ele, desde cedo, entendeu que eu era torto, um *gauche* na/da vida. Mudo, envergonhado, entendeu talvez minha diferença, mas nunca tentou me aprumar. Preferiu fugir de casa e deixou minha mãe perdida em seus devaneios... Então, passei anos me procurando por lugares nenhuns do mundo cego, cantos quaisquer da vida, impulsiva e imprópria, entre cerrados secos e selvas de pedra. Até que não me achei e fui salvo. Às vezes caminhava como se fosse um bulbo, mas descobri que o caminho se faz ao caminhar, a cada golpe do verb(s)o. Levei muitos golpes, bebi muitos versos, comi muita prosa em vasos de cólera que derramaram pelas esquinas que percorri, mostrando, enfim, que *o sentido e o valor do ensaio decorrem da proximidade do vivente, do caráter genuíno “morno, imperfeito e provisório” da própria vida. Essa condição lhe confere sua forma única e torna manifesta sua especificidade, assim como o princípio que o fundamenta.* Dizem ainda que quando eu nasci veio um anjo desses bem safado, um chato dum querubim e decretou: *você está predestinado a ser errado, torto, gauche assim.* Logo garoto, minha estrada entortou, apanhei na escola, repeti de série, borraram o meu boletim e, para piorar, nunca aprendi a jogar bola nem a tocar clarim. E, um bom futuro é o que jamais me esperou. Então, resolvi escrever minhas mazelas e nem sei o que será de mim, mas vou até o fim. Como já disse era um anjo safado...

INTRODUÇÃO AOS DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE

Os riscos devem ser tomados porque o perigo maior na vida é não arriscar nada. Aquele que não arrisca, não faz nada, não tem nada, não é nada. Pode até evitar o sofrimento e a dor, mas não pode aprender, sentir, mudar, crescer, nem amar. Amarrando a tudo que é segurança ele é um escravo, renunciou a sua liberdade. Só uma pessoa que corre riscos é livre.

Ralph Emerson

Escrever uma tese exige o domínio de um gênero discursivo e deve obedecer a determinadas regras, sobretudo para quem entende gênero numa perspectiva teleológica. Durante os quatro anos do curso de doutorado, ouvi sempre perguntas: mas você está estudando a Parada guei na lingüística? Como? O que você vai fazer depois? A dificuldade em contar algo que busca fugir dos padrões de pesquisa positivista não é uma tarefa fácil. Concordando com Manfrim (2006), quando elegemos um determinado gênero para escrever, por exemplo, cotejamos outro(s). A partir dessa afirmação, busco a saída, e creio tê-la encontrado. Escrevi, uma tese, não em forma de um tratado filosófico, mas teçi a minha história, ou melhor, narrei puxando fios de outras histórias, poemas, memórias, acontecimentos. Assumi o risco, opção ética como afirma Lima (2005).

Nas minhas viagens acadêmicas, narrei o que me tocou, o que fez parte da minha experiência de vida enquanto sujeito: professor, militante, aluno... E são exatamente essas experiências que me tocaram, me aconteceram que me fizeram narrador, uma vez que, sem experiência não se pode narrar. Se Benjamim (1994) afirma que estamos perdendo nossa capacidade de narrar, eu afirmo que estamos, devido a agitação do mundo moderno, não nos deixando ser tocados pelas experiências, no sentido de Larrosa (2004), que nos permitem narrar. No

meu projeto de dizer, muitos foram os acontecimentos, por isso não estive sozinho na minha travessia. Se a historia é minha, eu não sou a única voz que a compõe porque, como escreve Daniel Viglietti²:

Por detrás de mi voz
- escucha, escucha –
otra voz canta.

Viene de detrás, de lejos;
Viene de sepultadas
boca y canta.

Dicen que no están muertos
- escúchalos, escucha –
mientras se alza la voz
que los recuerda y canta.

Escucha, escucha
Otra voz canta.

Dicen que ahora viven
En tu mirada.
(sosténlos con tus ojos,
con tus palabras;
sosténlos con tu vida,
que no se pierdan,
que no se caigan).

Escucha, escucha
Otra voz canta.

² Música *otra voz canta* do cd *A dos vocês* de Daneil Viglietti..

No son sólo memoria,
Son vida abierta,
Continua y ancha;
Son camino que empieza.

Cantan conmigo,
Conmigo cantan.

Dicen que no están muertos
-escúchalos, escucha-
mientras se alza la voz
que los recuerda y canta.

Cantan conmigo,
Conmigo cantan.

O leitor verá que, embora eu escreva e assine o que aqui vou narrar, de fato, o texto que aqui apresento, não sou o autor absoluto. Tomando a perspectiva bakhtiniana, o autor é polifônico, ele ouve ecos de vozes passadas, escuta as vozes presentes e responde a elas. Assim,

a seleção e a valorização implícita daquilo que se elege para ser contado conferem ao narrador a condição de autor. É uma história que, tendo em vista minha história, única e irrepetível, que reside na memória social do grupo, essa história não é só minha. Desse modo, não posso ser a autora dela, mas somente da narrativa circunscrita ao meu projeto de dizer. Aos motivos que me levaram a narrá-la. Por ser a história do grupo, faz parte da tradição coletiva (Lima, 2005:52).

Antes mesmo de começar a pesquisa tinha em mente o que ouvia sobre a Parada: *isso é coisa de viado desocupado que fica mostrando o rabo e os peitos na rua; isso queima a imagem da gente, gay não é isso*. Depois, quando me joguei na pesquisa, fui conhecendo pessoas, passando por lugares novos, voltando aos antigos, ouvindo histórias novas, experienciando umas, lembrando outras, escolhendo umas, deixando outras, imaginando e sonhando outras. Enfim, narrando para desatar alguns nós e continuar a tecer o enredo da(s) vida(s) envolvida(s) numa labuta diária para buscar um novo devir (Lima, 2005:48).

Desse modo, esta pesquisa pode ser dividida em três níveis, a saber: a) observação – fui à Parada como observador externo, curioso, para ver e constatar o que ouvia, ou seja, que aquilo era um mero carnaval fora de época dos viados. Então voltei e fiz um projeto para estudar a Parada de São Paulo; b) participação - com o projeto em mãos e já matriculado no curso de doutorado, fui à Parada com a intenção de pesquisar, coletar dados, tirar fotos, conversar com as pessoas, perguntar e ... terminei dentro da festa, dançando, beijando, enfim, participando do acontecimento; c) envolvimento – a partir desse momento me envolvi, fui como fotógrafo à Parada, participei, conversei com as pessoas, escutei histórias, mas como um paradista, ou seja, já estava dentro dela para viver, sentir e contar as minhas experiências e trans-formações...

Para escrever a narrativa de minhas caminhadas, considerei a Parada como um misto de três pilares discursivos distintos que se mesclam e estão em constante movimento. O primeiro deles é o discurso da rememoração que tem uma data, 28 de junho, para rememorar um fato – a agressão a gays no Bar novaiorquino *Stonewall Inn* em 1969. Assim, a partir desse fato histórico, podemos

reivindicar nossos direitos. Esse discurso tem um caráter sério, “político” e consiste em recordar, relembrar um fato passado e mostrar que o preconceito continua de outros modos na sociedade atual. Por isso, a necessidade de uma reivindicação politizada e com seriedade para mudar os rumos da sociedade que discrimina. Uma Parada rememorativa seria o ideal para muitos militantes e muitos gays da *cidade letrada* (Rama, 1985) que iriam à rua usando terno, gravata (discretos) e levando cartazes com palavras de ordem e discursos “adequados”, isto é, políticos. Algo do tipo: *Homossexuais de todo o Brasil, uni-vos!* seria o ideal para um dia de rememoração, mostrando a crise do presente e fazendo uma reivindicação rígida por meio de protestos cívicos e civilizados.

O segundo pilar discursivo é o da comemoração que, além de lembrar o passado, a agressão aos gays e a rebelião que houve no bar, volta ao presente e traz à memória para não esquecer os gestos heróicos do orgulho de ser gay. A data 28 de junho deve ser comemorada a cada ano, revivida de forma coletiva por meio da memória do acontecimento que é considerado o marco do movimento gay mundial. Esse discurso é representado pela exaltação da livre orientação sexual – gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros que se mostram na liberdade total durante o evento, beijam na rua, mostram o corpo...

E como comemoração traz festa, este é o terceiro discurso presente na Parada – o discurso da festa. Como não há festa sem excesso, surge aqui o paradoxo: politizar sim, festejar em exagero não! Excesso somente de pessoas! A festa, que é coletiva, junta os dois outros discursos, isto é, ela rememora e comemora ao mesmo tempo com o grotesco, a música alta, a dança, a alegria, o riso, as extravagâncias, as cores e a carnavalização que exagera tudo e excede,

trans-borda a cidade. O que os gays fazem é a festa que pré-domina e invade todos os espaços. A palavra de ordem da festa *Bichas unidas, jamais serão vencidas!* escandaliza, envergonha e horroriza a cidade letrada. A festa da Parada é o mais importante dos dispositivos comemorativos do Mês do Orgulho Gay (junho), pois, além dela há uma série de colóquios, exposições, apresentações artísticas etc. Mas muitos gostariam que fosse apenas uma lembrança mais do plano do subjetivo talvez (Rodrigues da Silva, 2006; Eylath, 1997).

Uma vez que o único modo de contar é pela narrativa, o que apresento é uma investigação narrativa, ou seja, na minha relação com o objeto ele se mudou para mim e eu também me mudei. E, se para alguns narrar não é verdade, não é ciência, aceito, pois verdades são construídas historicamente. Daí a necessidade de mudarmos o aforismo e dizermos: a verdade é relativa. Diz o ditado: quem conta um conto, aumenta um ponto. De fato, nas nossas artes diárias de fazer, reinventamos o cotidiano (Certeau, 1994). Isso nos humaniza, pois é inerente ao homem a necessidade e capacidade de fabulação (Antônio Candido, 1999).

Para desenvolver a pesquisa, fiz uso de diversos instrumentos de geração de dados. Comecei em 2001, com a minha chegada na Cidade de Campinas, a freqüentar o Grupo Identidade³, local onde tomei conhecimento da realização da Parada. Também, no mesmo ano, iniciei um arquivo com recortes de jornais sobre a Parada, antes mesmo de iniciar o curso de doutorado. Quando comecei a freqüentar a Parada, fiz outro arquivo de folhetos, revistas, panfletos informativos diversos sobre o movimento GLBT, aids, textos da internet, vídeos diversos etc.

³ Ver a página www.identidadedecampinas.hpg.ig.com.br - Grupo de Ação pela cidadania homossexual.

Embora eu tenha começado a freqüentar a Parada de São Paulo e Campinas desde 2002, não tive a chance de fotografar o evento. Na Parada de 2004, 2005 e 2006 tirei muitas fotos para iniciar um arquivo de imagens. Porém, por não possuir um aparelho potente que me possibilitasse fotos de melhor qualidade, além da dificuldade de entrar na multidão, utilizei fotos das Paradas disponibilizadas na internet, sobretudo para ter acesso a fotos das primeiras Paradas que não participei. As fotos de 2006 foram as melhores pelo fato de terem sido feitas com uma câmera profissional. Por esse motivo, elas foram as mais utilizadas durante a escrita dos textos.

Também foram realizadas entrevistas gravadas⁴ e informais não previstas, encontros com militantes, participação nos eventos do mês do orgulho gay na cidade de São Paulo e Campinas, participação das reuniões de avaliação das Paradas de 2004, 2005 e 2006, além de pesquisa nos arquivos da Associação da Parada em vários momentos durante a realização da pesquisa.

Resta-me então, dizer ao leitor que prossiga a leitura e (des)cubra os textos a seguir. Geralmente, é comum, em teses, explicitar o que contém os textos seguintes. Não farei isso. Te digo somente que não deixo de usar a linguagem do gueto porque gosto quando os meus verbos deliram, derramam feito uma espécie de canto da/na multidão. E assim como Manoel de Barros, eu respeito as oralidades e tento escrever o rumor das palavras, pois não sou sandeu de gramática. Não sei nada, somente o nada aumentado. E se eu sou culpado de mim, nunca mais vou nascer em junho, em plena ditadura. Nem vou mais ouvir anjo algum. Eu vou é ser um *flâneur* louco pela linguagem da cidade que me

⁴ Ver relação das entrevistas em anexo.

convida a ser um caminhante e ter devaneios constantemente, lingüisticamente, poeticamente...

Narrativa 1

Ao som de Marisa Monte...

Ao meu redor está deserto e ainda está tão perto você não está por perto Em todos os armários, nos vestidos, nos remédios, Dentro dessa geladeira, dentro da despensa e do fogão Dentro da gaveta, dentro da garagem e no porão Por dentro das paredes, pelos quartos, pelos prédios e no portão Até no que eu não enxergo num botão Eu não quero Dentro da camisa, no sapato, no cigarro na revista, na piscina, na janela, no carro ao lado no som do fevereiro, em janeiro, em dezembro Até mesmo quando eu não quero rádio eu ouço a mesma coisa o tempo inteiro, em Ao meu redor está deserto Tudo que está por perto ainda está tão perto.

A idéia de escrever este primeiro texto surgiu quando a Mônica me emprestou o ensaio sobre a cegueira....acabei de ler mais um capítulo do livro, quase ao fim, leio e tento escrever essa primeira narrativa, tenho lágrimas, lembro da minha amiga, desejo jogar tudo no papel, volto ao livro... o sol está limpo, branco, o céu poeirento, o inverno está seco, mas nosso destino não está seco... a tese, o trabalho, os alunos, os textos, a escrita, a defesa, o mundo, a vida... tudo lá fora me espera.. eu não sei mais nada... estou fechado num quarto Pessoaano estranho, real impossivelmente real, certo desconhecido certo, que ninguém sabe o que é, e se soubessem o que é, o que saberiam? Esse quarto está em um mistério cruzado de uma rua que conduz carros, pessoas, cachorrossss.. num vai e vem...

Vejo o branco do dia, penso nas nossas diferenças; e foi a Mônica que me enxergou as diferenças de nós... com ela pude ver além do branco dos olhos que nos cegam... mergulhei no livro e fui nos vendo nesse mundo de imundícies... foi

sua sensibilidade que me permitiu, veio me dizer que a chuva não lava nossa diferença.. Os nossos olhos estão na alma, na poesia, na nossa doce loucura que nos faz feliz, triste e tudo mais... sem definir nada, não temos mesmo nomes... não importa se tudo está pálido ou embaçado (me lembro de outra música – Patrick Bruel - mes yeux sont flous), não estamos trancafiados por abjeção, estamos livres e a tentativa da escritura na vida é a nossa única possibilidade, esta tentativa de nos fazer poéticos e menos patéticos... talvez sejamos apenas absurdos relativos e surrealistas no mundo asséptico das classificações temporárias enquanto a morte não nos comer os corpos... talvez sejam medo dos confinamentos que vivemos sempre e não sabemos que temos liberdade, que temos olhos e não vemos... ou se o temos, vemos somente para taxar com números e taxas... títulos, rótulos... não tenho respostas, só perguntas que surgem, mas Mônica me fez enxergar que não estamos mais internados... é verdade tiramos nossos saltos e descemos, sem classe alguma os degraus da indignidade, ela de pantufas e eu de pés descalços, *atingimos a abjeção dos olhares limpos vindos de fora.. desilusão... mas, por favor, não me perguntem o que é o bem e o que é o mal, sabíamos-lo de cada vez que tivemos que de agir no tempo em que a cegueira era uma exceção, o certo e o errado são apenas modos diferentes de entender a nossa relação com os outros, não a que temos com nós próprios, nessa não há que fiar, perdoem-me a preleção moralística, é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o, e agora ponto final da dissertação...ponto final desta primeira narrativa...*

**CAPÍTULO 1 – OLHARES CARREGADOS DE SOMBRAS: CAMINHAR E
SUBIR NO SALTO**



Hirschfeld



Whitman



Freud



Kinsey



Oscar Wilde



Michel Foucault

1 - OLHARES CARREGADOS DE SOMBRAS

Vejo-me entrando no escuro,
como quem penetra um santuário,
ansioso por certa luz.
Trevisan (Em Nome do Desejo)

Meu objeto de interesse neste trabalho é a Parada do Orgulho GLBTT⁵... de São Paulo, mas antes de entrar neste tópico e contar um pouco do seu início, não posso me esquivar da seguinte questão: homossexualidade. Escrever sobre um assunto tão carregado de babados não é tarefa fácil. Porém, não é meu objetivo aqui traçar a história da homossexualidade, tampouco me preocupa suas causas, desvendar todos os seus mistérios ao longo dos séculos. Para quem deseja saber minuciosos detalhes históricos, a obra de Trevisan *Devassos no paraíso* registra com grande astúcia e meticulosidade a trajetória da homossexualidade desde o Brasil colônia até os dias atuais. Posso, talvez, levantar um pouco a saia da história e ver alguns dos seus babados, nescas, pregas, rendas... Opto, então, por começar a lançar um breve olhar ao século XIX porque, como escreve Whitman, *minha voz persegue aquele que meus olhos não alcançam, com um movimento de minha língua abarco mundos e universos. A linguagem é irmã gêmea da vista, é imensurável, me provoca constantemente e me disse com ironia: você contém muitas coisas, por que não expressá-las?* Eis a minha tentativa de expressar pela linguagem, compor meu olhar e minha voz ancorado em muitas outras vozes que me respondem e me sussurram falas, canções, poesias, me contam prosas.

⁵ Também uso Parada Gay que se aproxima do termo usado em alguns países latino-americanos como Marcha Gay ou em francês Marche Gay. O leitor poderá perceber também que, em alguns momentos, utilizo gay como categoria, se referindo aos GLBTT.

Olhar o século XIX se deve, primeiro, por ser o momento (1217-1821) que a inquisição termina no Brasil, o que significou o fim da pena de morte aos sodomitas e também de seu exílio, mas não o fim de suas agruras. Segundo, é também neste período que o modelo de conhecimento científico racional, começado com a revolução científica três séculos antes, no campo das ciências naturais, se estende às ciências sociais (Santos, 2003:10). Dentro deste novo paradigma emergente, ganha destaque o saber médico, pois

a medicina constitui as raízes epistemológicas de todas as ciências da saúde, que dela se derivaram e são filiadas, aparentadas. Sua importância, neste sentido, extrapola, porém, o campo da saúde; ao construir o primeiro discurso sobre o indivíduo, ao ser a ciência que toma o homem como objeto de saber positivo, torna-se raiz constituinte de todas as ciências do homem (Moysés, 2001:140).

É dentro desse saber positivo que os sodomitas, agora invertidos sexuais na linguagem médica, vão ser divididos, analisados, classificados. Se a inquisição lhes conferia o lugar que tais pecadores mereciam e os eliminava da sociedade, cabia a medicina dar o veredicto sobre os seres patológicos de vícios abomináveis que invadiam o espaço social burguês. De fato, quem cunha o termo homossexual é o médico húngaro Karoly Maria Benkert (1824-1882) que, embora fosse gay, mantém suas idéias coerentes com a comunidade científica a qual pertencia. Ele escreve:

Além do impulso sexual normal dos homens e mulheres, a Natureza, em seu poder soberano, dotou alguns indivíduos masculinos e femininos, ao nascer, de um impulso

homossexual, deixando-os assim numa dependência sexual que os torna física e psicologicamente incapazes – mesmo com a melhor das intenções – de ereção normal. Esse impulso cria antecipadamente um claro horror ao sexo oposto. (apud Bullough, 2002).

Mas as relações entre pessoas do mesmo sexo já era, na efervescência científica do século XIX, objeto de discussão entre os outros médicos como o austríaco Richard von Kraft-Ebing (1840-1902), de tradição católica, para quem a homossexualidade era uma perversão patológica (sexo na sua visão era somente para procriação), degenerativa e hereditária. Ebing escreveu a obra *Psychopathia Sexualis* que teve grande influência em futuros pesquisadores. Neste livro o autor escreve sobre a homossexualidade: *em quase todos os casos em que foi possível examinar as peculiaridades físicas e mentais dos ancestrais e parentes de sangue, neuroses, psicoses, sinais degenerativos etc foram encontrados nas famílias*. Mas o trabalho de Ebing foi tomado de outro médico alemão chamado Karl Westphal que, em 1870, escreveu um texto intitulado *As sensações sexuais contrárias e*

definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como um suposto desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino, em suma, uma espécie de loucura. A partir de então, no ramo da Sexologia, a homossexualidade foi descrita como uma das formas emblemáticas da degeneração. Nos códigos penais, surgiram leis que proibiam as relações entre pessoas do mesmo sexo. (www.wikipedia.org acesso em 11/4/06)

Por sua vez, as idéias de Ebing foram seguidas pelo médico estadunidense John D. Quackenbos (1848-1926) que, em 1899, começou a tratar os “pervertidos sexuais” com hipnose para curá-los do que ele chamava de paixão antinatural. Também fazia tratamentos e afirmava curar ninfomania, masturbação e flagrante de obscenidade. (Spencer, 1999:276).

H. C. Sharp (1866-1924) foi outro médico estadunidense que buscou limpar a sociedade daqueles que ele classificou de classes baixas. Ele estabeleceu em 1899 um programa de tratamento para insanos, epiléticos, imbecis, idiotas, pervertidos sexuais, alcoólatras, prostitutas, vagabundos, pobres, criminosos e até crianças de orfanatos. No instituto reformatório de Kansas, onde Sharp trabalhou, foram castrados, em 1898, 48 meninos. Sharp também usou a vasectomia em 236 homens, pois acreditava que isso curaria a masturbação excessiva. (Spencer, 1999:278-279).

No Brasil, em 1872, um médico do Rio de Janeiro, Francisco Ferraz de Macedo, dedica em seu livro - *Da Prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis* - um capítulo aos sodomitas e os descreve com seu olhar médico de modo a convencer os leitores de sua descrição científica do objeto de análise que ele observa e descreve:

Por caracteres especiais e disposições anatômicas, de que não trato, poderíamos afirmar o maior número das vezes que é sodomita passivo o indivíduo que examinarmos; mas é, sem dúvida, difícil reconhecer à simples vista e por conversa passageira um bagaxa [gay] profissional. (...) Assim, se virmos um rapazito com andar sereno, grave, com os passos curtos acompanhados de movimentos do tronco e dos membros

superiores; com as pernas um pouco abertas e o bico o pé muito voltado para fora; enfim, se virmos um rapaz arremedar no andar uma dama (cantoneira bem entendido); que tenha estudado ao seu espelho os movimentos semilascivos do corpo e que os ponha em prática quando passeia, com o fim de excitar e atrair as vistas e desejos dos transeuntes: podemos suspeitar que é um rapaz infame que passa. (apud Green e Polito, 2006:27-28)

As posições e opiniões médicas, fossem de estrangeiros ou brasileiros, se apoiavam em regras metodológicas e princípios epistemológicos que seguiam fielmente o conhecimento científico racional⁶, pois deviam confirmar e contribuir para a legitimação da nova ciência. Kuhn (1998) defende que a ciência normal estabelece suas teorias e busca realizações científicas passadas e as reafirma em um corpo teórico bem aceito no presente pelas suas aplicações e experimentos bem sucedidos. Essas teorias, segundo o pesquisador, começaram a se tornar populares no século XIX, mas sempre tomando como referência os estudos anteriores como é o caso da Física de Aristóteles que serviu para definir as bases metodológicas para os futuros pesquisadores dessa área. Ou ainda das pesquisas do médico francês Broussais sobre o normal e o patológico que se tornaram axiomas para Auguste Comte elaborar sua teoria positivista (Canguilhem, 1985).

⁶ Veremos mais adiante como estes estudos de médicos europeus foram usados pelos médicos brasileiros para classificar e diagnosticar a homossexualidade no Brasil. Com tratamentos de cura, lobotomia, hormônios etc.

No século XIX a medicina era a ciência que tinha (e ainda tem)⁷ o poder de dizer a verdade, de ter a autorização legítima para dar a palavra final sobre o homossexual e o classificar de doente, degenerado, louco. Esta característica classificatória fundamental da ciência médica começa desde os seus primórdios, porque ela, mais que qualquer outra disciplina,

traz em si a busca de uma linguagem que possibilite a equivalência absoluta entre o visível e o enunciável, entre o significado (a doença) e o significante (o sintoma), absoluta porque sem resíduos. A linguagem constitui ponto central na construção do método anátomo-clínico: dizer o que se vê, mas também, fazer ver, dizendo o que se vê. Sob uma linguagem aparentemente superficial, presa a descrever o visível, revela-se na linguagem médica, o ato de desvelamento (Moysés, 2001:140)

Nas palavras de Foucault (2003): se antes o *sodomita era um reincidente, agora o homossexual era uma espécie* com várias denominações (missexuais, heréticos, pederastas, invertidos, perversos etc...) sob o olhar científico dos médicos. Nessa perspectiva, explica Lanteri-Laura (1994:39), *o conhecimento tornava-se tão mais científico quanto mais propusesse variedades e as distinguisse com mais sutileza, mesmo tendo de cunhar todos os neologismos necessários*. E, uma vez desvelado o homossexual como doente⁸, a medicina – que usou a homossexualidade para testar o método científico sobre as perversões

⁷ Ver em anexo a reportagem da Folha de 05/4/06 – *Policia! transexual reclama de preconceito*. A fala dos médicos é a palavra final sobre a transexual.

⁸ No ano de 2005, encontro uma colega de minha cidade que também faz pós-graduação na lingüística - Unicamp. Quando vou a sua casa ela me diz: olha eu tinha problema em entender gay, mas depois que meu médico disse que é uma doença eu passei a aceitar. Eu respondi imediatamente: se você me vê como doente, não podemos ser amigos, eu não sou doente.

- também tem o respaldo dos discursos da igreja⁹ que, seguindo a tradição judaico-cristã, o considera imoral e pecador que deve confessar todos seus pecados, pedir perdão – mesmo que seja para repetir tudo de novo - e a justiça também dá o seu veredicto: homossexualidade é crime, é atentado ao pudor. Como se não bastasse ser confinado a estas três esferas – igreja, estado e medicina, surge um outro olhar sobre o homossexual, vindo também de um médico que revolucionou os estudos na área da psicanálise: Sigmund Freud. Originário de família de classe média da sociedade vienense, Freud não consegue defender uma posição favorável à homossexualidade, mas a classifica a partir de quatro principais causas: a) a fixação, quando o indivíduo deixa de completar adequadamente todas as etapas do processo de amadurecimento (fase oral, anal-sádica e fálica) permanecendo fixado a uma delas; b) o medo de castração resultante de um desejo infantil pela mãe e o medo de uma punição por parte de um pai ciumento; c) o narcisismo que leva o homossexual a buscar um parceiro parecido consigo mesmo, pois em seu inconsciente deseja amar a si mesmo; d) a identificação com um dos pais do sexo oposto, o que levaria a criança a copiar a sua preferência sexual. Isso ocorreria com frequência entre meninos com mães dominadoras e pais ausentes, conforme explicam Fry e Macrae (1980: 73-74).

Em 1950 o médico estadunidense Edmund Berger declarou que entender a mãe dominadora, por exemplo, era uma das chaves para chegar à cura daquilo ele chamou de masoquismo psíquico da homossexualidade, pois o inconsciente

⁹ Sobre cristianismo e homossexualidade ver Boswell (1981), ver também anexos sobre igreja e gays.

levava o homossexual a uma auto-destruição. Então, se descobrisse a causa, se encontraria a cura (Romesburg, 1995)¹⁰.

É interessante notar como a visão de Freud ganhou importância e se legitimou no imaginário ocidental. Me lembro que, quando adolescente, era comum ler em revistas ou enciclopédias ou ouvir os professores comentarem sobre as causas da homossexualidade apoiados nas explicações (do complexo de Édipo) do mestre austríaco. Isolado e na impossibilidade de qualquer diálogo, no meu imaginário eu continuava doente, pois não estava dentro da normalidade. Como poderia copiar minha mãe? Será que ela era mesmo dominadora? O meu sentimento era de que tanto minha mãe quanto eu éramos, de algum modo, doentes psiquicamente e poderíamos ser curados. Estudar psicologia seria a grande saída para entender o meu universo. Não é por acaso que muitos gays ainda hoje desejam ou estudam psicologia¹¹ nesse afã de se auto-conhecerem e perdoar/entender as pobres mães ou os pais malvados.

Aos dezoito anos, quando minha amiga lésbica Simone¹² me emprestou o livro “O que é homossexualidade”, pude compreender a crítica feita ao Freud por Fry e Macrae (1985) e perdi meu interesse de fazer vestibular para psicologia. Como explicam os autores, as mães, quando descobrem que o filho é gay, se desesperam, se sentem culpadas, pois não são capazes de ver onde está o “erro” e ficam com a “culpa”. Na fala de minha mãe, por exemplo, ela havia errado, era

¹⁰ No livro *Out in all directions: an almanac of gay and lesbian America*, Romesburg (1995) descreve as mais diversas práticas de cura aplicadas aos homossexuais desde o início do século XIX.

¹¹ Em outubro de 2005 participei de um Congresso (El cuerpo descifrado) na Cidade do México. Por acaso, encontrei um grupo de estudantes da *Universidad Nacional de Méjico* e todos eram gays e estudantes de psicologia. Durante a nossa conversa ficou claro, para esse grupo, o apoio na psicologia para se auto-conhecerem, se aceitarem e serem reconhecidos e compreendidos pela família, pela sociedade e poderem auxiliar outras pessoas.

¹² Há nomes de pessoas em minhas narrativas que fiz questão de manter. Outros, porém, tive que mudar.

culpada por ter se separado do marido. Lástima pela separação significa que a família patriarcal não foi consolidada, pois o pai está ausente. Então, explicam-se as causas da homossexualidade, mas a heterossexualidade não teria suas causas? É uma lei natural dada por um deus ou pelas leis naturais estabelecidas pelo conhecimento científico para a procriação¹³ e perpetuação da espécie¹⁴?

Aceitando com benevolência o dogma da culpa, do erro, a heterossexualidade se impõe como normal e, conseqüentemente, a homossexualidade fica como anormalidade. E o homossexual, se era chamado de doente pela medicina, fica no mesmo patamar com a psicanálise, que o classifica de imaturo, ou seja, que não consegue se enquadrar no modelo vigente. Enfim, *a psicanálise tende a reproduzir o moralismo judaico-cristão, usando como ameaça, em vez do inferno, uma vida sem sentido, seguida de uma velhice solitária ou um caríssimo divã* (Fry e Macrae, 1985: 74-75). Ou seja, se não tiver como pagar um bom psicólogo – nos dias atuais é caro e de acesso restrito –, terá que conviver com o seu “problema” por toda a vida, será fadado a não se conhecer, será torto na vida, padecerá, será errado...

E o problema psicológico passou a ser maior. Em 1985¹⁵, eu cursava o ensino médio e me lembro da ênfase dada às causas e questões relativas à

¹³ Um cartaz da Frente anti-caos na época da chegada da aids no Brasil dizia o seguinte: *Uma vez que pederastas não reproduzem, tal prática execrável já é, por si só, um afronta ao princípio mais básico da perpetuação da espécie humana: a procriação!* (Trevisan, 2000) Grifos no original.

¹⁴ Em 29/06/06 participei em São Paulo dos debates promovidos pela Associação da Parada GLBTT de São Paulo. Durante a conferência sobre sexo e saúde, o médico Murilo Moura Sarno levantou a seguinte questão: infelizmente, nos cursos de medicina o sexo é estudado somente como procriação ou as doenças que a ele são atribuídas. O prazer, os corpos não são discutidos. Talvez seja esse o fato que levou o médico Dráuzio Varela a introduzir a literatura em alguns cursos de medicina, pois segundo ele, a literatura dialoga com a vida, com o ser humano. Declaração feita no programa Roda Viva da TV Cultura, em 22/04/2004.

¹⁵ Em 1985, no XIX Congresso Brasileiro de Patologia Clínica, o médico João Lélío Mattos Filho apresentava sua tese de doutorado na qual demonstrava que os homossexuais eram, sem distinção, portadores de imunodeficiência precoce, daí porque já teriam predisposição à aids e a outras doenças venéreas, pois

homossexualidade. Nessa época estávamos em um alarde total devido à chegada da aids no Brasil¹⁶. Era rotina alunos e professores comentarem o assunto, pois era consenso que os gays eram os responsáveis pela doença, chamada de câncer gay. Me lembro que, certa vez, minha irmã, professora primária, abriu um exemplar da antiga revista *Visão* e me apontou uma foto com vários gays em um gueto tipo *décadence sans élégance*. Na manchete estava escrito: *gays, os principais culpados pela doença que alastra no país*. Na escola era comum os colegas repetirem o seguinte tipo de humor vindo de cartazes que circulavam: *homossexual hoje, aidético amanhã; faça um bem para a sociedade: mate um gay, evite a peste*¹⁷. Até o professor Mário (de física) parava as suas aulas e explicava com ênfase científica a promiscuidade homossexual – sobretudo pela prática indevida do sexo anal - que era responsável pelo avanço da aids o que, em suas palavras, geraria um caos para a população mundial muito em breve.

O preconceito recaiu sobre nossas “práticas sujas” tidas como incivilizadas e antinaturais. Se antes a nossa diferença não era aceita, nossos corpos eram abjetos¹⁸, agora éramos seres excluídos do sistema, pois o nosso corpo era veículo de um prazer não permitido, mesmo para aqueles que – como nós do

praticavam muito sexo anal, diferente das prostitutas (Trevisan, 2000:442). É também em 1985 que Ruth Escobar defende a causa proposta pelo GGB (Grupo Gay da Bahia) e consegue tirar do código de doenças do INSS, a homossexualidade. Mas, se saímos de um código, a luta seria maior com uma doença que nos marcava no corpo com os sarcomas. A medicina passa a ter maior autoridade ainda sobre os corpos abjetos.

¹⁶ Sobre a aids ver o filme *E a vida continua*.

¹⁷ Trevisan (2000) reproduz tais cartazes.

¹⁸ Os cartazes da Frente anti-caos, que circulavam normalmente entre as pessoas, alertavam: *As atividades promíscuas e anti-higiênicas dos pederastas facilitam o contágio de doenças sexualmente transmissíveis (especialmente a aids!) Inclusive através de contato não sexual*. (Grifos do original). Como o preconceito contra os homossexuais estão, em muitos, explícitos no corpo que anda e fala, parecíamos que éramos leprosos; na escola as pessoas evitavam nos encostar, sentar perto de nós na sala de aula.

interior que sobreviviam com o trabalho de bóia-fria, tinham as mãos calejadas e eram estudantes de cursos noturnos - nunca tinham conhecido tal prazer.

1.1 - OS OLHARES QUE CEGAM CONTINUAM NO NOVO SÉCULO

Do rio que tudo arrasta
 Se diz que é violento
 Mas ninguém diz violentas
 As margens que o comprimem
Bertold Brecht

Quando se inicia o novo século, o ex-sodomita, antes queimado na fogueira, é jogado às margens de uma cidade que o comprime; resta-lhe vagar pelas ruas condenado a catar restos e raspas no submundo, no subterrâneo da modernidade. Os homossexuais, nas primeiras décadas do século, confinaram-se no Rio de Janeiro que era a capital e em São Paulo que se urbanizava rapidamente. Green (2000) relata suas histórias de vida sobrevivendo de subempregos de garçons, cozinheiros em prostíbulos ou vendendo seus corpos, pois, ao contrário das *mademoiselles* e *madames*, “podiam” circular pelas ruas, apesar do risco de serem constantemente presos, ameaçados, agredidos.

Com os estudos da medicina iniciados na Europa e Estados Unidos, os médicos brasileiros também tinham onde se apoiar para explicar os “invertidos”. O médico carioca José Ricardo Pires de Almeida lançou em 1906 o livro *Homossexualismo – a libertinagem no Rio de Janeiro*. Nele, o autor afirma que o mais importante era preservar a saúde da família¹⁹ o que incluía, além de extirpar o homossexualismo – essa doença, sem vergonhice – a prostituição (Trevisan, 2000). O trabalho do médico Pires de Almeida dá início a uma série de estudos

¹⁹ Sobre saúde, família no Brasil ver Costa (1999).

médicos no Brasil, pois, sem dúvida, a medicina adquire aqui também, no novo mundo, a autoridade científica para dar todas as palavras sobre os “seres invertidos” que recebem os mais diversos nomes que o classificam em espécie: bagaxas, frescos, bichas, viados etc. Isso era inclusive, motivo de constantes charges em jornais da época.

Além dos vários estudos médicos que se intensificaram na década de 20, os advogados que também gozavam de muito prestígio assim como os médicos²⁰ – ambos doutores e, obviamente circulando no poder – se juntaram a estes para limpar a sociedade daqueles considerados pervertidos. O estudo - com oito homossexuais entrevistados no Vale do Anhangabaú - do estudante Aldo Sinisgalli do Instituto de Criminologia de São Paulo foi apresentado em 1938 no Primeiro Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Endocrinologia, Identificação, Criminologia e Medicina Legal. Em um de seus discursos, em tom de manifesto ele enfatizava que

Os homossexuais, os pederastas, não são homens normais. Como anormais precisam de tratamento adequado. A punição, reclusão em presídios, é injustiça e não traz o mínimo resultado prático. Deixar em liberdade elementos perniciosos é perigoso e prejudicial à sociedade. Logo, um instituto para pederastas se faz necessário. No instituto para pederastas estes seriam tratados, reeducados. Far-se-ia a seleção profissional, gozando os invertidos de uma relativa liberdade. Propugnamos por um dispositivo legal permitindo a internação dos pederastas perniciosos ao meio social nesse instituto. Desse modo

²⁰ Essas duas profissões tinham um grande respeito na época do Brasil império e isso continuou com a instalação da república. Os escritores brasileiros famosos estudavam direito na Europa. Apesar do direito ter perdido parte do seu prestígio, a medicina ainda continua como um dos cursos mais procurados nas universidades; o médico ainda tem o status, ele está no centro do poder da cidade das letras.

beneficiaremos a sociedade e os invertidos. Desse modo resolveremos, científica e humanamente, esse problema social. Desse modo – tenho a certeza – glorificaremos a nossa terra e a nossa gente! (apud Green, 2000: 217)

Esse discurso vai ao encontro da proposta do novo Brasil moderno²¹ que era o grande intuito da ditadura de Vargas. Então, usar os termos vindos da anatomia *normal* e *anormal*, nas palavras do estudante Aldo sobre o homossexual, é relevante para estabelecer a ordem desejada, pois *ser anormal consiste em se afastar, por sua própria organização, da grande maioria dos seres com os quais se deve ser comparado*. (Canguilhem, 1995:102). E para modernizar o país, o Dr. José Soares de Melo, professor da Escola de Direito de São Paulo, propõe uma mudança na lei para punir a homossexualidade como ato criminoso, tal como se passava na Rússia de Stalin e na Alemanha nazista de Hitler. Nas palavras do advogado,

Em capitais européias, como Berlim, medidas violentas foram tomadas para evitar a onda de corrupção que por lá se estendia. Seria profundamente aconselhável que no futuro Código Penal do País existissem dispositivos punindo toda a prática de homossexualismo, qualquer que fosse a modalidade de que ele revestisse. (apud Green, 2000:218)

Mas enquanto não havia uma lei específica para punir aqueles que sujavam a sociedade, a modernidade de Vargas cria uma saída bastante estratégica: a carteira de trabalho com o auxílio do estudo do Dr. Leonídio Ribeiro. Assim, se não

²¹ A esse respeito ver o livro de Herschman e Pereira (1994)

tinha lei de sodomia vigente para prender os bagaxas (nome dado inicialmente às prostitutas), a justiça, pelas mãos da polícia, tinha plenos poderes para enquadrá-los no código de vadiagem e atentado ao pudor²². Obviamente, o alvo eram os homossexuais pobres e também os negros, ambos sem acesso ao mercado de trabalho. Então, se estivessem na rua vadiando sem a carteira de trabalho assinada, iam direto para o xadrez. Com as prisões de vadios, o crescimento do Brasil moderno seria vertiginoso.

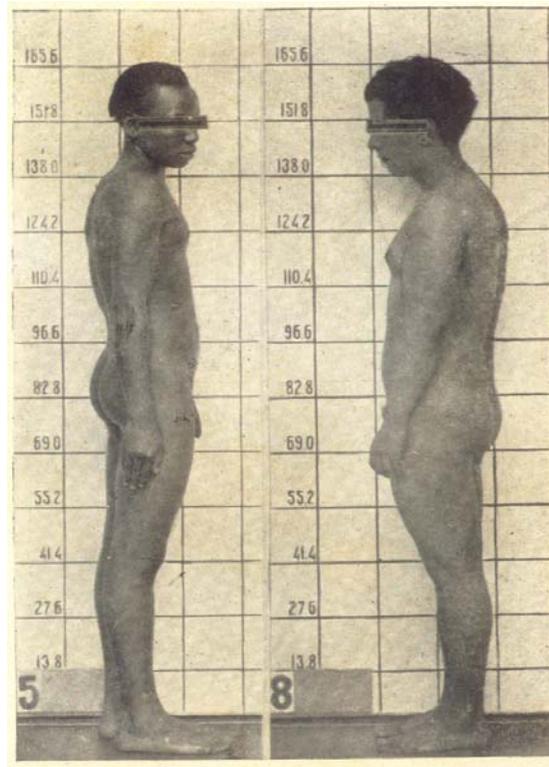
Essa limpeza social, de grande importância no governo de Vargas, era devido à chegada das teorias eugenistas vindas da Europa, o que reforçou ainda mais os estudos da ciência médica que estava em pleno vigor. O Dr. Leonídio Ribeiro foi contratado pelo governo Vargas e começou a sua série de estudos. Tamanho foi o esforço do médico que, em 1935, lhe concedeu o prêmio Lombroso²³ de medicina na Itália por seu estudo de três volumes sobre quatro temas: *a patologia da impressão digital, os tipos sanguíneos dos índios guaranis, os biótipos criminais afro-brasileiros e as relações entre a homossexualidade masculina e o mal-funcionamento endócrino*. Para o estudo de Ribeiro, em 1932, foram presos 195 homossexuais para serem medidos, ordenados, classificados à luz dos conhecimentos científicos modernos²⁴. Mas, os que foram investigados e presos para serem objetos do Dr. Ribeiro, eram aqueles pobres (muitos

²² O atentado ao pudor é o apoio que o direito tem para punir casais homossexuais que se beijam em público.

²³ Lombroso foi um famoso médico italiano do período fascista, defensor das causas eugenistas e higienistas.

²⁴ Quando li este livro, narrei de modo espantado este estudo para um famoso médico. Ele riu e me disse que era necessário à medicina testar esses corpos para aprender como tratá-los posteriormente.

descendentes de negros, ou seja, duplamente perseguidos) que vagavam pelas ruas e não tinham, obviamente, carteira assinada. Veja a foto²⁵ a seguir.



Uma característica importante desses estudos médicos sobre os homossexuais é o fato de todos basearem suas pesquisas sempre nos efeminados. Assim, se eles tivessem traços que os identificassem, aproximassem do gênero feminino, eram classificados de passivos e, conseqüentemente, invertidos. Quando acontecia de encontrar um homossexual que se dizia ativo e passivo²⁶, os médicos não sabiam explicar tal distorção, pois era uma anomalia que não estava prevista dentro das regras estabelecidas pelo conhecimento científico, e não mereceria atenção. Nas palavras do médico Hernani de Irajá

²⁵ Foto reproduzida do livro de Ribeiro (1938).

²⁶ Ver o filme *Madame Satã*, a história de um homossexual negro que vive o seu auge no período Vargas e morre nos anos 70. Ele desafiava a polícia e intrigava por ser indefinido. Ao mesmo tempo em que se travestia e fazia shows, era extremamente violento e não tolerava ser agredido ou ver outras pessoas serem agredidas, sobretudo por policiais. Ele morava na Lapa, Rio de Janeiro, e passou grande período de sua vida na prisão.

No invertido completo, é curioso, onde haja aversão ou indiferença absoluta pela mulher, - poderão existir tendências a cumprir por vezes o papel ativo. Parece depender este impulso da ambivalência, como o algolagnista que atua como sádico ou masoquista. A ambivalência pode repousar no gráfico mental: “vou fazê-lo gozar como eu gosto de gozar”. Quer isto dizer, o passivo, pelo Amor voltado ao parceiro, sai do seu egoísmo para poder facilitar ao seu ativo o maior prazer, que é para ele o do passivo (Irajá, 1946:161, apud Oliveira, 2004:33).

Uma pergunta que se pode fazer é a seguinte: por que tantos trabalhos médicos, repetindo sempre a mesma coisa, ou seja, os homossexuais são seres invertidos e, portanto, doentes? Ora, isso era/é justamente o grande ponto da ciência moderna, isto é, seguir sempre as mesmas regras, aplicar sempre o mesmo método, que tem validade prévia, em um corpus devidamente coletado e organizado. Essa era – e ainda é – a tarefa do homem da ciência que

devia descrever, para um cuidado de exatidão e rigor, comportamentos e até cenas que, na pena de outro, pareciam textos obscenos, bons para serem circulados às escondidas, e talvez o homem de ciência, qual um novo Galileu, viesse a tornar-se vítima do conhecimento e dos preconceitos da sociedade; mas ele se mantinha como um observador escrupuloso, e não um voyeur, tornava-se redator de uma obra científica, e não exibicionista, e, na maioria das vezes, bastava-lhe permanecer no mais exato vocabulário anatômico para que seu texto conservasse sua serena neutralidade (Lanteri-Laura, 1994:39).

Eis outra característica essencial do cientista moderno, ser um observador e ter o poder de usar uma linguagem que descreve os fatos de modo neutro, os dados se revelam pela aplicação do método. Se pensamos que, dessa forma, acrescenta-se pouco, repete o mesmo método, a ciência normal de que fala Kuhn sobrevive justamente dessa repetição, pois caso haja crise, a ciência moderna não conseguirá triunfar, uma vez que ela é cumulativa. Além disso, os médicos faziam/fazem parte de um grupo que está em torno do anel do poder dentro da cidade das letras (Rama, 1985), um *locus* privilegiado da escrita; e os homossexuais, os o(a)bjeto(s) de estudos não faziam/fazem parte desse anel do poder, não circulavam nesse espaço, então a escrita científica tinha o poder de dizer a verdade sobre eles, e jogá-los fora da cidade das letras foi um trabalho que o conhecimento científico soube fazer muito bem. Como questiona Bataille (2004:233) *posso considerar o estudo das condutas sexuais do homem como o interesse do cientista que observa, em uma espécie de ausência, o efeito de luz sobre o vôo de uma abelha.*

Além da medicina, durante as primeiras décadas do século XX Freud se consagrou como o pai da psicanálise, recebeu o prêmio Goethe e conseguiu divulgar suas idéias pelo mundo, além de ter vários seguidores como Jung e Bleuler que realizam em Salzburg (1907) o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise. No ano seguinte Freud e Jung viajam para os Estados Unidos e proferem conferências²⁷. Após sua morte em 1939, suas teorias continuam em

²⁷ Freud (1978).

voga e alguns psicanalistas religiosos²⁸ se empenham em curar os homossexuais, acreditando que aceitação de deus e auxílio da psicanálise a heterossexualidade seria conquistada (Vaid, 1995).

Franchetti (1998) realizou pesquisa de mestrado a respeito da abordagem do homoerotismo na obra de Freud, compreendendo os períodos de 1910 a 1937. Durante esses períodos os conceitos e discussões, realizados por Freud no que concerne à homossexualidade, sofreram várias alterações. Embora no terreno da psicanálise, tais conceitos não conseguem fugir da dicotomia estabelecida pelas regras rígidas do conhecimento científico e parecem reforçar a classificação hetero (paternidade = masculinidade, ou seja, atividade; maternidade = feminilidade, ou seja, passividade) - normais e homo - anormais. Como explica Canguilhem (1995:23),

A identidade real dos fenômenos vitais normais e patológicos, aparentemente, tão diferentes e aos quais a experiência humana atribuiu valores opostos, tornou-se, durante o século XIX, uma espécie de dogma, cientificamente garantido, cuja extensão no campo da filosofia e da psicologia parecia determinada pela autoridade que os biólogos e os médicos lhe reconheciam.

Conforme dito anteriormente, a psicologia andou de mãos dadas com a medicina para também registrar, não diferente dos métodos científicos, os seus axiomas sobre a homossexualidade. Lanteri-Laura (1994) explica que Freud conheceu e tinha apreço pelos trabalhos médicos de sua época, sobretudo por ser

²⁸ Atualmente, existem várias igrejas que propõem a cura da homossexualidade por meio da aceitação de Jesus. Nessas igrejas há psicólogos que auxiliam no “tratamento de cura”. Ver o site www.abraceh.org.br

médico, o que o fez apoiar-se nos trabalhos de Kraft-Ebing, Havelock Ellis, Hirschfeld, dentre outros²⁹. Fontes (2004)³⁰ defende que Freud, ao ler os clássicos gregos, esqueceu o Banquete de Platão, ou o fez da forma que melhor convinha à elaboração de sua teoria, talvez para não negar o paradigma médico que seguia. Na sua leitura ele deixou de lado o discurso de Aristófanes que afirmava haver três gêneros: masculino, feminino e os andróginos que eram colados e quando separados procuravam a sua metade:

Por conseguinte, todos os homens que são um corte do tipo comum, o que então se chamava andrógino, gostam de mulheres, e a maioria dos adultérios provém deste tipo, assim como também todas as mulheres que gostam de homens e são adúlteras, é deste tipo que provêm. Todas as mulheres que são o corte de uma mulher não dirigem muito sua atenção aos homens, mas antes estão voltadas para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho (...) (Platão, coleção os pensadores, abril cultural, 1987: 23-24).

Se é certo que o pai da psicanálise deixou de lado leituras como a de Platão, para alicerçar sua teoria sobre a homossexualidade, ele lançou sua âncora no mito de Édipo, também originário do mundo grego. Assumir o mito de Édipo como explicação psicanalítica coerente para a homossexualidade nos leva a

²⁹ Se, por um lado, isso dificulta determinar até que ponto exato Freud trata as perversões (a homossexualidade, prostituição), é evidente nos discursos médicos desde o século XIX que perversão moral é calcada na loucura moral. Por outro lado, não podemos esquecer que Freud fazia parte de uma família tradicional e religiosa da classe média vienense. Segundo Sugimoto (2006) uma crítica que se faz a *Freud é ter se ocupado somente de pacientes da classe abastada da sociedade e que seus estudos talvez tenham sido limitados por peculiaridades desta elite.*

³⁰ Anotações no segundo semestre de 2004 durante o curso *Poética do erotismo* na Faculdade de Educação – UNICAMP – com o Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes.

pensar que, sobretudo nos dias atuais com os altos índices de separação entre os casais (e na grande maioria é a mãe que cuida dos filhos aqui no Brasil), de mães solteiras, de mulheres independentes que optam por ter filhos por inseminação artificial, estaria acontecendo um recrudescimento exagerado de gays na nossa sociedade; culpa das mulheres que não preservam mais a família. Podemos hipotetizar também que, como os homens dificilmente ficam com os filhos em caso de separação ou os têm sozinhos no Brasil, o número de lésbicas é muito inferior em relação aos gays.

1.2 - LUTAS POÉTICAS DE OUTROS OLHARES

Brotan em mi muchas voces largo tiempo mudas,
 voces de interminables generaciones de prisioneros y esclavos,
 voces de los enfermos y los desesperados, de los ladrones y los enanos,
 voces de ciclos de preparación y crecimiento,
 de los hilos que unen a los astros, de los úteros y de la simiente paterna,
 y de los derechos de aquellos a quienes los otros pisotean,
 de los seres deformes, vulgares, simples, locos,
 despreciados,
 niebla en el aire, escarabajos que arrastran su bola de estiércol.

Walt Whitman

Walt Whitman (1819-1892), foi considerado o poeta da democracia nos Estados Unidos. Ele possuía somente o ensino primário, mas soube usar a poesia para a(e)nunciar o seu diálogo com as pessoas, com a vida, com a natureza. *Leaves of grass* (Folhas de relva) é o nome do livro de poemas que foi sendo reescrito ao longo de sua vida. Em muitos de seus poemas Whitman escreveu abertamente sobre o amor e atração que sentia por homens e não considerava

isso anormal, mesmo vivendo em um período de repressão como foi o século XIX.

O poeta escreve³¹:

El amor por el cuerpo de un hombre o una mujer
 Frustra toda explicación, sus cuerpos mismos
 Frustran toda explicación,
 El cuerpo del hombre es perfecto, y el cuerpo de la
 Mujer es perfecto.

Daí seus cantos poéticos serem vozes não classificadas pelo olhar médico da época. Os corpos poéticos de Whitman fogem ao controle do método dedutivo, que a medicina usava para denotá-los; ela os esquadrihava, picava as partes e juntava o todo racionalmente. Já as metáforas poéticas estariam relegadas ao campo do irracional, ou seja, não tinham poder para explicar nada sobre as pessoas, portanto não seriam objeto do conhecimento científico. O homem era dividido em corpo e alma e caberia à poesia divagar sobre a alma, o corpo era questão do saber médico.

Do outro lado do atlântico, o poeta português Fernando Pessoa nutriu forte admiração por Whitman e, inclusive, lhe dedicou um poema (Ode a Walt Whitman)³², o que suscita e aumenta a desconfiança de muitos curiosos sobre a sexualidade do poeta lusitano, embora pouco se saiba sobre a sua vida amorosa.

Na Inglaterra, o socialista Edward Carpenter (1844-1829) tomou conhecimento das idéias democráticas de Whitman e defendia a

³¹ As citações desta tese que não estão em português é devido ao fato de já terem sido traduzidas de seu idioma original. Opto, por não realizar uma terceira tradução, por exemplo, dos poemas de Whitman que já foram traduzidos do inglês, língua em que foram escritos, para o espanhol. Excerto da tradução espanhola de poemas de Whitman *¡Oh, Capitán ; mi Capitán!*. (Trad. Francisco Alexander). Madri: Mondadori, 1998.

³² Ver o poema em anexo.

homossexualidade como um modo de espiritualizar a democracia e promover a união das classes sociais. A casa onde vivia com seu amante era um local de encontros não só de homossexuais, mas também de anarquistas, artesãos, vegetarianos, intelectuais etc. (Fry e Macrae, 1985:85-86)

Outra voz surge da literatura no século XIX no continente europeu: o irlandês Oscar Wilde (1856-1900). Quando vem à tona o seu caso amoroso com um jovem, a Inglaterra vitoriana se escandaliza. É então condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados. Ele era o Fantasma de Canterville que a moral inglesa desejava descartar de sua aristocracia, expulsar de seu castelo. Sua diferença não podia ser admitida, afinal ele não era o Príncipe Feliz da corte, não era igual aos demais. Assumir sua diferença significou perder sua liberdade de indivíduo. Wilde escreveu: *apenas a mediocridade progride, o artista se move em um ciclo de obras-primas (...)*. Tempos depois da prisão Wilde escreve o *Retrato de Dorian Gray* e ilustra o drama do olhar a si mesmo, ver sua diferença e ser condenado pela cegueira dos olhares alheios.

Enquanto os olhares poéticos dialogam com a vida, o amor, o alemão Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895) usou o termo “uranistas” para definir os homossexuais, palavra que foi bastante utilizada pelos médicos em um sentido pejorativo em substituição ao termo sodomita. Esta definição foi tomada em homenagem à deusa Urânia, que nasceu do esperma de Urano jogado ao mar. O amor desta deusa provém, portanto, dos machos, conforme explicação no Banquete de Platão por Pausânias (Platão, abril cultural, os pensadores, 1987: p. 15).

Ulrichs, que era homossexual, argumentava que os fetos eram iguais no início, depois desenvolviam o chamado terceiro sexo, ou seja, o sexo ia a uma direção e o psíquico em outra. Para o pesquisador, os instintos considerados anormais eram inatos e naturais. Obviamente, isso não foi ouvido pela ciência da época que já havia dado a sua palavra sobre os homossexuais: invertidos e doentes que precisavam ser curados.

Magnus Hirschfeld (1868-1935) um médico alemão, judeu e homossexual e o inglês Havellock Ellis (1859-1839) popularizam o termo homossexual que circulava nos meios acadêmicos. Ellis era casado com uma lésbica e durante sua vida estudou a sexualidade, inclusive publicou o livro *Inversão Sexual*. Apesar de ser influenciado pela moral de sua época, as idéias de Ellis serviram de referência para a luta dos homossexuais, pois ele afirmava que:

- a) o homossexualismo seria marca característica de uma minoria incurável;
- b) as tentativas de reforma deveriam se voltar para provocar mudanças na lei permitindo que esta minoria vivesse em paz;
- c) para esta reforma seria preciso antes um período de educação do público (Fry e Macrae, 1985:83).

Hirschfeld, com o apoio de Adolf Brand (1874-1945), é considerado pioneiro na luta pelos direitos dos homossexuais; fundou uma organização gay na Alemanha em 15 de maio de 1897 que se chamava *Comitê Humanitário Científico* – considerada a primeira no mundo - e tinha aliança com o movimento feminista. Um de seus objetivos era eliminar o artigo 175 do código penal alemão que punia

os homossexuais³³. Os dois pesquisadores começam a luta necessária para se contrapor ao respeito obtido pela medicina no corpo da sociedade com sua tese sobre os invertidos.

Para começar a luta, a escrita também foi um dos principais meios de combater o preconceito já instaurado pelo discurso médico-científico. Para isso Hirschfeld e Brand publicaram vários panfletos e livros e um Anuário para tipos sexuais especiais. Hirschfeld também foi patrocinador de conferências sobre novas idéias a respeito da homossexualidade. Em 1919 o médico alemão criou o Instituto para pesquisa do sexo em Berlim, e em 1920 fundou a Liga Mundial pela Reforma Sexual que alcançou 130 membros no mundo. O movimento nazista destruiu o instituto e o médico fugiu para a França onde faleceu (Vaid, 1996:39)

Henry Gerber, um imigrante da Bavária que morava nos Estados Unidos e havia participado da I Guerra Mundial, tomou conhecimento do trabalho de Hirschfeld. Na sua volta para Chicago, Gerber fundou, juntamente com mais 5 pessoas a Sociedade pelos Direitos Humanos com o objetivo de combater o preconceito contra os homossexuais. Como os jornais publicaram a notícia da sociedade, ele foi demitido de seu trabalho e preso (Vaid, 1996:40).

A cultura homossexual floresceu (tanto na Europa, Estados Unidos e também nas principais cidades brasileiras da época – Rio e São Paulo) nas primeiras décadas do século XX, apesar dos estudos médicos insistirem em limpar a sociedade desses “anormais”. Mas os progressos conseguidos pelos pioneiros

³³ Em 1994 a Alemanha unificada não somente aboliu o Parágrafo 175 original, como também definiu a idade de 16 anos para relações homossexuais, a mesma para as relações heterossexuais. Em 1985, 40 anos após a II Guerra Mundial, a primeira comemoração pública na Alemanha lembrou os assassinatos de homossexuais pelos nazistas. Informações do site www.glbtc.com acesso em 11/04/06.

como Hirschfeld permaneceram estagnados com a chegada da II Guerra – além de judeus, os gays identificados com o triângulo rosa e lésbicas com negro eram alvo da Gestapo³⁴.

Surge em 1948 *O comportamento sexual do homem*, mais conhecido como relatório Kinsey³⁵, o mais completo relatório sobre a sexualidade humana. Para obter milhares de entrevistas, Alfred Kinsey, que era formado em biologia e tinha paixão por insetos, juntamente com uma equipe, viaja por todo os Estados Unidos para realizar suas enquetes e tabular minuciosamente seus dados. Obviamente, na pesquisa em que traçou um perfil da sexualidade dos estadunidenses, ele não deixou de usar as metodologias científicas vigentes em sua época. No entanto, um trunfo que lhe é atribuído é o fato de ter deslocado a visão dicotômica (normal/anormal) da sexualidade humana. Kinsey afirma que a sexualidade deve ser vista dentro de um *continuum*. Assim, se traçarmos uma linha que começa no heterossexual e vai até ao homossexual, vemos que há uma variação bastante grande dentro desta faixa, pois nas entrevistas ficou evidente que 37% dos homens afirmaram ter tido, pelo menos uma vez, uma experiência homossexual. Tal estatística revela a fluidez da vivência da sexualidade e a instabilidade dos rótulos de gênero (homem/mulher) que a ciência moderna não consegue captar por olhares classificatórios.

³⁴ Os gays (foram mortos em torno de 25.000 pela Gestapo) na época de Hitler eram conhecidos como bolcheviques porque Alexandra Kollantoi, líder bolchevique de 1917, lutou pela liberdade das minorias, inclusive a dos homossexuais. O livro *O segredo de Hitler* do historiador alemão Lothar Machtan reconstituiu a vida de Hitler que, por ser gay e refém de sua própria sexualidade no mundo nazista, depois de transar, mandava matar rapazes, inclusive matou o namorado da própria sobrinha.

³⁵ Além do famoso Relatório Kinsey, foi lançado em 2005 o filme Kinsey. Posteriormente a Kinsey, surgiu nos Estados Unidos o relatório Hite de sexualidade humana que também buscou categorizar as condutas sexuais humanas.

Segundo Kinsey, 10% dos homens seriam homossexuais. Este dado teve uma enorme repercussão no movimento gay que começava a surgir. Surgia, logo após a publicação do relatório, o *Mattachine Society*, o primeiro grupo estadunidense organizado. A expressão *homossexual* era substituída por homófilo ou homoerótico pela forte ênfase no sexual que era dada à palavra homossexual. A porcentagem apontada de 10% foi uma forma de dizer: nós estamos aí e somos muitos, um ponto de apoio para a luta do movimento homófilo.

No entanto, é pertinente a crítica de Bataille (1897-1962) feita ao relatório Kinsey. O pensador francês dá mérito ao relatório por sua minuciosa pesquisa numérica que lhe confere notabilidade. No entanto, em seu livro *O erotismo*, escrito em 1957, na segunda parte, dedicada ao erotismo, começa com o título *Kinsey, a escória e o trabalho*. Mas o subtítulo *O erotismo é uma experiência que não podemos observar de fora como se fosse uma coisa* resume o que Bataille quer discutir. Ou seja, os números, tabelas e gráficos do relatório não conseguem desvendar os segredos da sexualidade humana como pretendiam Kinsey e sua equipe. Eles coisificam a sexualidade, tornam-na um objeto visível a olhos de lentes supostamente objetivas que analisam e observam, pelos métodos científicos, do lado de fora, imaginando trazer à tona toda a verdade sobre os fatos sexuais.

Apesar de ser considerado referência para o movimento gay e exaltado por vários autores - como Bullough (2002:13) que afirma: *Kinsey demoliu mitos sobre a sexualidade em geral e sobre a homossexualidade em particular* – creio que, pela tentativa de naturalizar a homossexualidade com o tracejar de um *continuum* entre dois extremos, esse relatório nega a diferença que é parte constitutiva, não

exclusivamente de nós gays, mas de todos os seres humanos³⁶. Nos termos do pensador russo Bakhtin, se negamos a diferença, negamos a alteridade, o que leva a uma negação da dialogia, ou seja, o diálogo com o meu outro que me dá a completude de ser, que é parte constitutiva de mim. O movimento gay incorporou esse lema da igualdade de Kinsey que, até hoje, faz partes das reivindicações: *somos iguais, queremos direitos iguais*. Parece que aí está o paradoxo (necessário) do movimento gay, pois nos reconhecemos como diversidade, diferentes, mas queremos e defendemos que somos iguais.

1.3 - STONEWALL INN: O BAFON QUE MUDOU E MARCOU NOSSA HISTÓRIA

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.

Manoel de Barros

Em 28 de junho de 1969 o jornal *New York Post*³⁷ publica uma pequena reportagem dando destaque à seguinte manchete: “**Ataque no Village agita multidão de manifestantes**”. Sim, o ataque era de gays, drags, trans e lésbicas que diziam um basta aos policiais corruptos pelos abusos diários, inclusive nas

³⁶ Apesar da ênfase da pesquisa quantitativa de Kinsey que devemos analisar com cuidado, uma vez que números podem não nos oferecer significados mais profundos, os estudos do pesquisador estadunidense têm uma grande importância, pois ele foi o primeiro a se propor a estudar e tentar desnudar a sexualidade humana. Neste sentido, os resultados de suas pesquisas puderam oferecer excelentes pistas para construir hipóteses interpretativas a respeito da sexualidade humana, o que iria influenciar e contribuir para diversos estudos posteriores.

³⁷ As reportagens dos jornais estadunidenses foram obtidas do site www.columbia.edu/cu

ruas, pelas batidas e agressões gratuitas em bares, pelas prisões constantes que eram comuns durante a década de 60, sobretudo em Nova York e São Francisco, ambas metrópoles com intensa vida noturna³⁸. A revolta ocorrida no bar novaiorquino Stonewall Inn na noite de 27 de junho significa também a conquista do espaço público por parte daqueles que eram considerados “doentes, aberrações sociais, espécies patológicas” carimbadas pela ciência médica. Com os gritos de “**Nós queremos liberdade e Poder gay**” começou uma manifestação que durou três noites, prolongou-se durante a semana e marcou a história do movimento gay, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo.

Na época da rebelião, não só a ciência médica tinha seu poder consolidado, sobretudo com a introdução dos anticoncepcionais, uma verdadeira revolução mundial, mas também as tecnologias estavam no auge com a chegada do homem na lua. Em junho de 1969, o jornal *Estado de São Paulo* publica a propósito do feito tecnológico, em vários idiomas, a seguinte frase: *É um passo pequeno para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade*. Mas... se era um salto para a evolução científico-tecnológica da humanidade, para conquistar espaço, aqui na terra, ainda estávamos vivendo o retrocesso sob o domínio do preconceito. A saída era subir no salto, uma tentativa de buscar liberdade para reivindicar o direito a nossa sede antropológica: o amor. Foi em cima do salto e dançando em *roquette style*³⁹ que drags, travestis, gays e lésbicas cantavam ironicamente em frente aos policiais no Stonewall,

Somos as gatinhas do Stonewall

³⁸ Ver o filme *Stonewall* de Nigel Finch e os documentários *Before Stonewall* e *After Stonewall*.

³⁹ Este estilo consiste em dançar lateralmente, segurando o braço do parceiro do lado e levantar as pernas alternadamente.

Temos cabelos enroladinhos
 Não usamos calcinha
 Mostramos os pentelinhos
 Usamos sainha
 Acima dos joelhinhos⁴⁰

Enquanto a TPF (Tactical Patrol Force), treinada para controlar multidões e com participação na guerra do Vietnã, tentava controlar a multidão que se enfurecia cada vez mais e atirava tijolos, blocos de rua, garrafas, moedas (protesto à máfia) e punha fogo nas latas de lixo. Sylvia Rivera, uma travesti freqüentadora do bar descreve: *Você poderia sentir a eletricidade indo em direção às pessoas. Você mesma poderia senti-la. As pessoas estavam se sentindo agredidas e encurraladas. Um cara de camiseta vermelha dançou junto à multidão gritando: ninguém vai fuder comigo!* (Duberman, 1993:196). No primeiro dia, 27, sexta-feira, a multidão foi dispersada após muitas agressões, sangramentos. Mas no dia seguinte, 28, todos voltaram para a porta do bar e a polícia reapareceu. O jornal *New York Times* do dia 29, enfatiza em sua manchete: *4 policiais feridos nos ataques ocorridos no Village.*

A rebelião, como enfatizavam os jornais da época, continuou também no domingo dia 30 até às 4 horas da madrugada. Nesse dia os policiais estavam ainda mais furiosos e gritavam: *comece algo, viado, se começar algo, eu adoraria arregaçar o seu cú.* A resposta de um dos manifestantes foi: *nossa que comentário freudiano oficial!* (Duberman, 1993:208). O resultado foi várias pessoas presas, feridas, policiais também feridos, tudo na tentativa de *varrer os*

⁴⁰ Tradução minha do original: *We are the Stonewall girls, we wear our hair in curls, we wear no underwear, we show our pubic hair, we wear our dungarees, above our nelly knees.* Duberman, 1993.

mais de 400 homossexuais da área, como relata o New York Times de 30/06/69. A resposta do jornal Village Voice, apoiado em Kinsey, foi a seguinte: Somos uma das grandes minorias do país – 10%, você sabe. Esta é a hora em que fizemos algo para nos assegurar.

Talvez a matéria do *Village Voice* tenha contribuído para que as pessoas continuassem a rebelião que, apesar das chuvas, prolongou-se até dia 4 de julho, dia da independência estadunidense. Nesse dia, de ônibus, 25 manifestantes foram até Philadelphia e caminharam pacificamente no hall onde havia as comemorações pela independência.

O bar foi vendido, mas os gays voltaram durante várias semanas com balões para protestarem. E, ao final do protesto houve repercussão na sociedade a respeito da efervescência dos acontecimentos e manifestações que já haviam acontecido ao longo dos anos sessenta. Vários autores – D’Emilio, Vaid, Duberman, Deitcher, Kaiser, Marcus, dentre outros - são unânimes em apontar o rock and roll (Beatles, Rolling Stones, Elvis Presley), os hippies, o movimento negro que ganhou força com Martin Luther King, o movimento feminista, dentre outros, como propulsores e ativadores do movimento gay estadunidense.

Marcus (1992) aponta a Segunda Guerra como um fator importante para a aproximação de gays e lésbicas, pois eles saíram de suas cidades, das zonas rurais e puderam se encontrar, embora houvesse grande repressão por parte das leis militares que classificavam homossexuais como *undesirable* (indesejável), como relata Weiss e Schiller (1988). Nessa época a homossexualidade ainda era doença e deveria ser curada, sobretudo pela psicanálise que ganhava cada vez

mais terreno. Os “indesejáveis” deveriam ser, então, enviados para o tratamento de cura.

Após a segunda guerra, em 1950, surge em Los Angeles o primeiro grupo gay, formado somente por homens – o *Mattachine Society*. Radicais, eles se reuniam secretamente e prezavam a discrição, usavam terno e gravata e aceitavam a visão patológica da homossexualidade. A mensagem do grupo era: *reforme sua própria imagem e então comporte-se de acordo com a sensibilidade da classe média*. Em 1953 surgiu a revista *One* dirigida ao público homossexual e, em 1955 o grupo de lésbicas DOB – *Daughters of bilitis* que, juntamente com a revista, criticaram os membros do *Mattachine society* que, em 1960, já contava com 230 membros.

De fato, os anos 60 foram o caldeirão onde tudo ferveu. Nos Estados Unidos houve, somente em 63, mais de 900 manifestações pelos direitos civis. Em 64, gays em São Francisco foram agredidos em bares e fundaram o SIR – *Society for Individual Rights* que, em 66, contava com mais de mil membros espalhados pelo país. Também importante foram as várias ações empreendidas pela NACHO – *North American Conference of Homophile Organizations*.

Quando acontece o quebra pau no Stonewall, já se havia criado e fomentado um desejo de luta. Logo após a manifestação no bar, surgiu o *Gay Liberation Front* (nome tomado do *Marxist Liberation Front of Vietnam* – grupo de manifestações anti-guerra) que intensificou suas ações em prol dos direitos homossexuais. O resultado foi a Primeira Parada em 28 de junho de 1970 que começou na porta do bar Stonewall e terminou no *Central Park*.

Em dezembro de 2001 visitei o Stonewall que continua funcionando timidamente no mesmo local – *Christopher Street*, Ilha de Manhattan.



Bar Stonewall atual – foto www.google.com/imagens.

Em conversa com Steven, um senhor estadunidense de 67 anos e freqüentador do bar desde o seu início, pude ouvir as histórias de como era o bar nos anos 60. Segundo ele, o local era um dos favoritos pelo público gay de Nova York, pois tinha pista de dança onde as pessoas podiam dançar e também havia Go Go boys⁴¹. Mas, ele me enfatizou: o bar era parte da máfia⁴², ou seja, os donos pagavam para a máfia (cerca de 2000 mil dólares por semana) para manter o bar aberto, vender álcool, que era proibido para homossexuais, e permitir a entrada de travestis e drags que, de acordo com o estatuto de Nova York, não podiam usar mais que três peças do vestuário feminino. Steven, que nasceu em São Francisco, me relatou: *quando as drags faziam show, tanto em Nova York*

⁴¹ Garotos musculosos que dançam seminus ou nus nas boates. Há também as go go girls.

⁴² No fim de semana da rebelião foi pichado na janela do bar Stonewall pelo *Mattachine Society* – *gay prohibition corrupt\$ cop\$ feed\$ máfia* (a proibição dos bares gays corrompe os policiais e alimenta a máfia) A frase se refere ao fato de os policiais receberem propina dos membros da máfia que gerenciavam os bares gays ilegais, sobretudo o Stonewall. (Macadarrah, 1994).

*quanto em São Francisco, deviam colocar, por exemplo, uma gravata para mostrar que pertenciam ao outro gênero*⁴³.

1.4 - E O NOSSO STONEWALL, CADÊ?

Não são as coisas que atormentam os homens,
Mas a opinião que se tem delas.
Epicteto

Embora Carmen Miranda tenha divulgado os balangandãs, remelexos, coloridos e exageros que todas as drags invejam e nos quais se inspiram até hoje, tendo contagiado os gringos e espalhado a alegria tropical na terra do tio Sam, a ditadura Vargas se prolongou pelos anos 40. Passamos por um período morno nos anos 50 e, no momento em que subiram no salto lá nos Estados Unidos, nos anos 60, aqui os “anormais” tinham que escondê-lo, embora tenham surgido algumas tentativas de publicações (o jornal Snob 63-69) e a Associação Brasileira de Imprensa Gay (67-68) e encontros na noite, sobretudo do Rio e São Paulo, conforme relata Green (2000). Em 1964 aconteceu o golpe militar e, em 1968, o AI5 significou censura, perseguições, torturas, prisões, exílios e muito mais horrores ainda hoje pouco conhecidos, embora tais fatos já sejam tema de vários filmes como *Cabra marcado para morrer*, *O que é isso companheiro*, *Entre dois irmãos*, *O ano em que meus pais saíram de férias* etc.

Diante desses acontecimentos, a década de 70 foi, para aqueles que pretendiam manifestar-se pelos seus direitos, sobretudo os gays, um período praticamente mudo. Somente em 1978 surge, na cidade de São Paulo, o primeiro

⁴³ Tais informações, gravadas em 05/02/06, podem ser confirmadas pelo filme e documentários a respeito do Stonewall. Também estão descritas em Duberman (1993).

grupo gay organizado e disposto a assumir uma luta política – o grupo SOMOS. Logo em seguida, criou-se um importante jornal com integrantes desse grupo⁴⁴ – *O Lâmpião da Esquina* que fazia uma interação entre o movimento ecológico, negro, feminista e gay.

Foi em 13 de junho de 1980 que aconteceu o que talvez possamos de chamar de nosso Stonewall. Como explica França (2006:78)

Tratava-se do protesto contra o delegado Richetti, que promovia uma ampla operação de “limpeza social” no centro de São Paulo, concentrando-se nas ruas que compunham o “gueto” gay da cidade e prendendo arbitrariamente prostitutas, homossexuais e travestis. A manifestação convocada pelos movimentos homossexual, negro e feminista reuniu cerca de 1000 pessoas, que percorreram algumas das principais ruas do centro da cidade.



Foto do protesto reproduzida de Costa Netto et al. (2006:78)

⁴⁴ MacRae (1990) publica o primeiro livro sobre o grupo. Pedro de Souza (2002) também publica um livro sobre o grupo.

Infelizmente, no início da década de oitenta, tanto o grupo Somos (que participou do protesto contra Richetti) quanto o jornal Lampião se extinguem. No entanto, vários outros grupos surgem pelo país como o Triângulo Rosa, e o GGB⁴⁵ na Bahia que, em 1985, realizou o II Ebho – Encontro Brasileiro de Homossexuais. Apesar da aids chegar ao Brasil nesse momento, justamente o período em que vivíamos a abertura política e tínhamos a proposta da democracia, os grupos não se enfraqueceram, pelo contrário, a luta foi maior ainda, conforme relata Facchini (2005). A autora fez uma pesquisa sobre o movimento homossexual no Brasil e mostra como os grupos floresceram nos anos 90 por todo o país e promoveram encontros, conferências, congressos para discussões de temas diversos.

No entanto, os grupos não tiveram apoio político. Trevisan (2000:160) conta que na campanha de 1989, Lula cogitou o nome de Fernando Gabeira para vice, o que gerou uma intensa polêmica, não só no PT, mas também no PSB e PC do B que ameaçaram desfazer as alianças devido ao fato de Gabeira dar apoio às chamadas minorias sexuais. Francisco Weffort, cientista político e membro do diretório nacional do PT, vetou publicamente o nome de Gabeira, acusando-o de defensor de condutas sexuais alternativas, ecologia e drogas.

Em 1995 aconteceu no Rio de Janeiro o V Congresso da ILGA – *International Lesbian and Gay Association*. Nesse encontro, Marta Suplicy lançou o seu *Projeto de Parceria Civil* para pessoas do mesmo sexo que foi severamente criticado pelo deputado petista Hélio Bicudo, na ocasião presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Em 1997 o projeto foi

⁴⁵ A partir de 1982, o GGB comemora, todos os anos, com atividades diversas o dia ou a semana do Orgulho Gay.

novamente posto em votação, mas o PT liberou os seus deputados para votarem de acordo com a consciência, segundo relata Trevisan (2000:161).

Em 2004, no II Congresso da ABEH – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – o estudante carioca Augusto Andrade⁴⁶, que realizou uma pesquisa de mestrado sobre o grupo Triângulo Rosa, informou-me que, após o encontro da ILGA em 26/06/1995, houve uma marcha em Copacabana com cerca de 3500 pessoas que fizeram uma manifestação com uma longa bandeira do arco-íris. Vejam as fotos a seguir.



⁴⁶ Conversa informal que tive com o pesquisador em 17/06/2004 .



Fotos do arquivo da Associação da Parada.

No entanto, embora haja registro dessa manifestação e de outras nos escritos sobre o movimento gay do Brasil como em Green (2000), Trevisan (2000) e Facchini (2005), o acontecimento mais próximo que antecede ao que podemos chamar de Parada, aqui em São Paulo, foi um ato público que ocorreu no dia 28 de junho de 1996⁴⁷ na Praça Roosevelt e promovido pelo Grupo Corsa⁴⁸ que já estava investindo nas comemorações do 28 de junho. O jornalista Paulo Giacomini, que na época escrevia para uma coluna gay da Folha de São Paulo, publicou o seguinte texto em 23/06/1996:

⁴⁷ Alguns autores como Nunan (2003), por exemplo, afirmam que a primeira Parada no Brasil ocorre no ano de 1995. Como meu foco é a Parada de São Paulo, a primeira Parada registrada nesta cidade ocorreu em 1997.

⁴⁸ Segundo Facchini (2005), o grupo Corsa (cidadania, orgulho, respeito, solidariedade, amor) fez sua aparição pública no segundo semestre de 1995, em São Paulo.

Orgulho gay

Vamos ferver no orgulho gay? A marcha "Lesbian & Gay Pride" acontece todos os anos em várias partes do planeta.

Em Sampa, o povo toma um copo de leite, se atira da janela e cai na real. Sem desfile, mas com triângulo rosa pra dar e camisinha pra vender, vão fechar a rua, chamar um trio elétrico e dançar quadrilha com as "drags". Alguém se habilita?

E ainda tem o "Mural do Orgulho", que é pra resgatar a história. É a visibilidade.

Em 1969 -você já era nascido?- a polícia novaiorquina invadiu pela última vez o Stonewall Bar. Desde então, muita coisa mudou. É o orgulho gay, que muita gente adora mostrar.

Se anima! Se estiver muito frio, tira um casaco do armário e sai com ele pra dar uma volta. Se não quiser aparecer, ponha uma máscara, se veste de caipira, mas vá! Liiinda!

Dia do Orgulho Gay. Sexta, 28, 18h. Pça Roosevelt, 252 (em frente à Choperia Corsário), região central.

Resgatar a história, ter visibilidade e comemorar o orgulho conquistado de ser gay são enunciados usados pelo jornalista para incentivar os gays a participarem do dia do orgulho gay, celebrado em vários locais do mundo, mas que ainda não era muito conhecido no Brasil. Segundo Facchini (2005), este ato reuniu cerca de 150 pessoas e foi importante para começar a articular a primeira Parada. Conforme me informou uma das participantes deste ato, muitas pessoas ficaram sabendo pelo boca a boca e decidiram ir até a Praça Roosevelt naquela noite, mas não saíram à rua. Daí o nome ato e não Parada. Apesar de não saírem na rua, havia um microfone e várias pessoas falaram e deram o seu recado.

1.5 – AS PARADAS, SEUS TEMAS E SEUS DIÁLOGOS

É urgente inventar a alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.
Eugênio de Andrade

Além do que foi chamado “ato” realizado em 1996, um importante acontecimento foi a exibição em São Paulo, no Festival Mix Brasil,⁴⁹ do filme *Stonewall*, recontando a história da rebelião no bar novaiorquino em 1969. Acredita-se que isso também foi mais um incentivo aos vários grupos militantes da cidade de São Paulo (alguns militantes desses grupos viveram no exterior e tiveram contato com outros militantes e, obviamente, conheceram as *Gay Pride*) que começaram a se organizar para realizar a Primeira Parada em 1997⁵⁰. Porém, segundo Facchini (2005:196), o fato que realmente motivou a organização de uma parada foi o seguinte:

Após uma passeata realizada no final do IX EBGLT [Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis – realizado em São Paulo com a presença de 30 grupos], em 1997, alguns militantes do Corsa começaram a planejar um evento de maior porte, em comemoração ao 28 de junho daquele ano. Esses militantes articularam em torno dessa proposta alguns grupos de São Paulo e passaram a realizar as reuniões preparatórias do evento, batizado de Parada do

⁴⁹ Este festival surgiu em 1993 (juntamente com o site www.mixbrasil.com.br) e a cada ano cresce mais e circula, sobretudo, em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília etc. Sua principal atração é a exibição de filmes nacionais e internacionais (curtas e longas metragens) com temáticas voltadas ao público GLBTT. Foi inspirado no *Gay and lesbian film festival* de Nova York. Além de filmes, o festival oferece outras atrações como a feira mundo mix – roupas, bijouteiras etc. Em 1994 fui à feira Mundo Mix em São Paulo pela primeira vez.

⁵⁰ Neste ano, o Conselho Federal de Medicina autoriza, no Brasil, a cirurgia de transexuais. Em 1998, em São José do Rio Preto – SP, a transexual Maria Augusta Silveira (nome que consta em seu RG) foi a primeira do país a ser operada. Atualmente ela vive em São José e trabalha como secretária de uma clínica médica.

Orgulho GLT, que acabou se realizando com cerca de dois mil participantes.

Essa primeira Parada, que tinha como tema *Somos muitos, estamos em todas as profissões*, aconteceu na Avenida Paulista, pois o pessoal decidiu que queria ocupar um espaço, sair na rua, diferente de se reunir em um local para se manifestar. Regina, militante da cidade de São Paulo, em entrevista de 04/02/2006, informou-me que, quando o pessoal do Corsa e outros grupos militantes (Núcleo de Gays e Lésbicas do PT de São Paulo, Caheusp – Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da USP, Etcétera e Tal, APTA - Associação para Prevenção e Tratamento da Aids -, Anarco-punks e Núcleo GLTT do PSTU) decidiram ir para a Paulista, foram sem autorização alguma: *a gente foi para a Paulista sem saber o que ia acontecer. A gente tinha mil receios. Tínhamos apenas uma Kombi emprestada do sindicato das costureiras com um alto falante. A gente arriscou*⁵¹.



Foto Parada 97 – arquivo da Associação da Parada.

⁵¹ Entrevista com Regina em 04/02/06.

Conforme consta na página da internet da Associação da Parada⁵², a primeira Parada aconteceu em 28/06/1997:

Começou tímida, mas a participação foi aumentando aos poucos com as pessoas que passavam pelas avenidas da cidade; todos se misturaram. Aconteceu justamente no dia 28 de junho, um sábado. Saiu da Avenida Paulista e terminou na Praça Roosevelt. (...) A bandeira do arco-íris, nosso símbolo maior também estava lá. Era o início de tudo.

O tema desta primeira Parada deixava explícito que a proposta era ter visibilidade, o que permanece e é enfatizado nas próximas três Paradas. O cartaz da primeira Parada fazia um convite para ir à Parada: *venha montada, desmontada, casada, descasada, solteira, de bota ou de tamanco. Afinal, quem vai notar você no meio da multidão?* Ou seja, todos os tipos de gays deveriam mostrar-se com orgulho, não importando o modo de ser, vestir...

Em 28/06/1998, aconteceu a segunda Parada com o seguinte tema: *Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos* e reuniu cerca de 7 mil pessoas. Além da visibilidade que já era, desde a Parada anterior, um dos objetivos dos organizadores, o tema recupera importantes fatos que aconteceram no país: primeiro, a fundação, em 1995, da ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis; segundo, em 1996, os homossexuais foram citados em um documento oficial do Governo Federal, o Programa Nacional dos Direitos Humanos. No ano de 1997 o Grupo Gay da Bahia (GGB) lançou o primeiro Boletim de assassinatos de homossexuais no Brasil informando que, de 96 a 97,

⁵² As informações sobre as Paradas estão disponíveis no *site* da associação www.paradasp.org.br

254 mortes havia sido registradas. Também ocorreram, no ano de 1998⁵³, dois importantes fatos: o STJ – Supremo Tribunal de Justiça aceitou a partilha de bens em caso de morte de um dos companheiros homossexuais com histórico de vidas compartilhadas. Este mesmo tribunal revogou um ato que impedia uma testemunha homossexual de depor na justiça (D'ELLAS, 2005:51)⁵⁴.

Devido ao sucesso obtido com a segunda Parada, os grupos organizadores decidiram que, para a realização do próximo evento, deveriam criar uma associação para organizar, não só a Parada, mas também outros eventos paralelos durante o mês de junho, como a realização de seminários, debates, exibição de filmes etc. A partir da terceira Parada, realizada em 27/06/1999, com o tema *Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000*, a Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT)⁵⁵ de São Paulo passou a ser

responsável pela Parada e outros eventos relacionados à comunidade GLBT. Foi também o primeiro ano em que esta sigla foi usada, dando visibilidade social e política para os bissexuais (B), travestis e transexuais (T). O dia 28 de junho entrou para o calendário oficial da cidade de São Paulo, e a participação do público ultrapassou todas as expectativas: 35 mil pessoas celebraram o orgulho GLBT naquela tarde de domingo na Avenida Paulista, Rua da Consolação e Praça da República (www.paradasp.org.br).

⁵³ Nesse ano também começou em Juiz de Fora – MG o Rainbow Fest - festa com atividades diversas para o público GLBT que se tornou conhecida em todo o país.

⁵⁴ Cartilha de distribuição gratuita - *Direitos humanos e contribuição à cidadania homossexual*. Rio de Janeiro: Movimento D'ELLAS, 2005.

⁵⁵ O escritório da APOGLBT funciona no centro de São Paulo em um espaço cedido pelo Programa de Ação pela cidadania.

O tema ainda mostra como é importante comemorar o orgulho de ser gay, sugerindo novas perspectivas para o novo milênio que chegaria. A expressão “rumo ao ano 2000” faz coro com o momento de calendário e é uma espécie de crença mágica em números redondos como se marcassem o início de um novo tempo. Neste ano de 1999 dois acontecimentos mereceram destaque: em Santa Catarina, o Tribunal Regional Federal estendeu, ao companheiro de um servidor público, o direito à aposentadoria. Desde 1985, no Conselho Federal de Medicina (CFM) a homossexualidade deixou de ser classificada como doença. E, em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID). Faltava, porém, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelecer normas de atuação profissional para os psicólogos no que diz respeito à orientação sexual. Então, em 22/03/99, foi definido que nenhum psicólogo pode exercer ação que favoreça a patologização de comportamento ou práticas homoeróticas, ou seja, tentar curar o homossexual (D’ELLAS, 2005: 52).

A quarta Parada, realizada em 25/06/2000, com o tema *Celebrando o orgulho de viver a diversidade*, refocaliza a questão a partir da noção de diversidade, dentro da qual se incluem também as opções sexuais diferentes. A Parada começou com o cantor Edson Cordeiro cantando o Hino Nacional e foi ele também que encerrou o evento na Praça da República com um show. Além da visibilidade, proposta das Paradas anteriores, neste segundo momento, a Associação busca também o respeito à diversidade e procura envolver mais a sociedade.

Após o grande sucesso do ano anterior tivemos um calendário mais completo, com exposição de fotografias,

lançamento de livros e debates. Todo esse trabalho foi recompensado. Terminamos a Parada GLBT naquela tarde de domingo com mais uma participação recorde: 120 mil pessoas. O tema refletiu nossa vontade de retratar toda a diversidade presente na comunidade homossexual, e o mar de pessoas presentes na Paulista naquela tarde retratou justamente isso. (www.paradasp.org.br).

Neste ano houve a realização, no Brasil, de sete Paradas regionais. Um destaque deste ano foi a decisão do Superior Tribunal de Justiça que, em 07/04/00, concedeu ao companheiro de um funcionário homossexual da Caixa Econômica Federal, portador do vírus HIV, o direito de ser incluído como dependente no Plano de Assistência Médica Suplementar da CEF. No mesmo ano, no Rio Grande do Sul, Estado que tem sido pioneiro nos direitos GLBT, publicou uma ação civil assegurando a todos os homossexuais brasileiros benefícios de pensão por morte e auxílio-reclusão, em decisão que passou a ser definitiva em janeiro de 2002. Também aconteceu em 2000 a II Conferência da América Latina e Caribe da Associação Internacional de Gays e Lésbicas. Neste ano também foi lançado pelo GGB o livro *Violação dos direitos humanos e assassinatos*⁵⁶ de homossexuais no Brasil, revelando que, de 96 a 2000, 671 gays haviam sido mortos no país.

⁵⁶ Em fevereiro de 2000 ocorreu, na Praça da República em São Paulo, o assassinato de Edson Neris da Silva, morto por um grupo de *skinheads*. Este crime causou revolta no movimento gay e, em 2001, dois dos acusados foram condenados a prisão. Criou-se o instituto Edson Neris. Por outro lado, houve uma grande aproximação do governo com os grupos e organizações gays no combate à aids, sobretudo com programas de prevenção apoiados pelo Ministério da Saúde que também patrocinou o cartaz da Parada de 2000 (jornal Estado de São Paulo, 25/06/00). Em 2000, Beto de Jesus, que ocupava a função de presidente da Associação, participou do programa Cara a cara, apresentado por Marília Gabriela.

A quinta Parada aconteceu em 17/06/2001 com o tema *Abraçando a Diversidade* e foi aberta pela prefeita Marta Suplicy (política sempre presente em todas as Paradas de São Paulo) que afirmou: *uma Parada como essa é um símbolo da nossa cidade, da nossa diversidade*. De fato,

crescendo a cada ano, a parada contou com a participação de mais de 12 carros em sua quinta edição. Fato importantíssimo foi a participação do provedor de internet IG, que surpreendeu o mercado ao ser o grande (e primeiro) patrocinador privado do evento. Sua logomarca podia ser vista em todo o percurso. A diversidade foi novamente o tema escolhido. Com um público de 250 mil pessoas, 5ª Parada do Orgulho GLBT abraçou todas as pessoas na avenida com a esperança de um mundo mais solidário, humano e participante. Com um calendário repleto de atividades (exposições, mostra de filmes, shows musicais etc.), conseguimos atingir um público ainda maior (www.paradasp.org.br)

A presença da empresa IG como primeiro patrocinador da festa revela algo interessante da Associação da Parada. No contrato de patrocínio constava que a empresa devia dar um curso aos funcionários sobre diversidade e respeito à cidadania GLBT.

Neste ano de 2001⁵⁷ foi criado em Brasília (DF) o Disque cidadania homossexual. Também em São Paulo, no mesmo ano, começou a funcionar a Defensoria homossexual. Estes centros passaram a oferecer, pela primeira vez no

⁵⁷ Neste ano ocorre o primeiro beijo gay na televisão brasileira – no programa Fica Comigo da MTV. Na cidade de Paraty – RJ José Cláudio de Araújo, gay assumido, toma posse como prefeito da cidade. Na Holanda e Bélgica é aprovado o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

país, um telefone de apóio à comunidade GLBT vítima de crimes, agressões, preconceito etc. Cria-se também a Associação Nacional de Travestis – Antra.

A sexta edição da Parada aconteceu em 02/06/02 com o tema *Educando para a diversidade* mostrando que a proposta de ter visibilidade e respeito foi conseguida. A prefeita Marta Suplicy, em seu discurso de abertura declarou: *Na primeira parada, todo mundo nos olhava com um jeito estranho. Aos poucos, o respeito à diversidade foi se impondo. Fico orgulhosa de ser a prefeita da cidade que tem essa parada maravilhosa* (Folha Campinas, SP – 03/06/02). Também foi nesse momento que o evento teve um calendário com mais de um mês de atividades voltadas ao público GLBT. A proposta do tema era instigar uma reflexão nas escolas, famílias, igrejas, televisão etc. Desse modo, a Parada ganhou evidência na mídia impressa e televisa e

se tornou uma das maiores do mundo. Em sua sexta edição, contou com 500 mil participantes, 25 trios elétricos e uma mídia intensa. Desta vez, a educação contra o preconceito foi tema. Queríamos transformar um evento grandioso como esse em algo que deixasse uma mensagem de cidadania, respeito e amor ao próximo. (www.paradasp.org.br)

Além do mês de eventos, a APOGLBT decidiu criar, a partir deste ano, uma maior integração entre grupos e apoio para os diversos segmentos. Em setembro de 2002 criou o grupo de Travestis e Transexuais e a Secretaria de Lésbicas. Estes grupos promovem discussões semanais ou quinzenais e são abertos a todas as pessoas que queiram participar, debater, fazer palestras etc.

Também no ano de 2002, durante o Fórum Social Mundial foi criada a Liga Brasileira de Lésbicas – LBL. E, em 31/10/02, um fato inédito aconteceu na justiça brasileira. No Rio de Janeiro, a tutela de Francisco (filho da cantora Cássia Eller, morta em 2001) é concedida a Maria Eugênia, companheira de Cássia desde o nascimento da criança. Durante a Parada circulou um abaixo-assinado que recolheu assinaturas em prol de Maria Eugênia.

A sétima Parada aconteceu em 22/06/2003 com o tema *Construindo políticas homossexuais* que dialoga com o seminário *Desejo e poder: construir uma política homossexual para a cidade de São Paulo*, realizado em 2002 na cidade de São Paulo com a participação de vários grupos militantes. Após a visibilidade e respeito à diversidade, a partir deste ano, os temas mudam o foco e mostram a necessidade de mudanças políticas em prol de GLBT. Nesta edição, o evento, que também teve um extenso calendário de atividades, conseguiu reunir um milhão de participantes,

um milhão de sonhos. Um milhão de vozes. Uma só reivindicação: "queremos políticas homossexuais". Com esse tema, a Associação trouxe para o debate a necessidade de se ter políticas específicas para a comunidade GLBT. Travestis e transexuais da Associação estavam presentes com um trio elétrico próprio e as lésbicas contagiaram a multidão com muita alegria, aumentando, naquele ano, a participação feminina. A agência de propaganda Almap BBDO patrocina parte do evento. Elza Soares encerra a Parada com um grande show na Praça da República.(www.paradasp.org.br)

Com esse número de participantes, a Parada passou a ser a terceira maior do mundo, só perdendo para São Francisco (EUA) e Toronto (Canadá). Dando continuidade às discussões do ano anterior, a APOGLBT criou a Secretaria de Gays para discutir temas voltados à masculinidade e o grupo de Jovens adolescentes Gays (JAH, atualmente JA – Jovens e adolescentes).

Neste ano de 2003, foi formada, em nível nacional, a Frente Parlamentar pela Livre Orientação Sexual. Também foi importante a decisão do Instituto Nacional de Serviço Social (INSS), válida desde 07/10/03, que garante aos homossexuais direitos previdenciários como pensão por morte do companheiro ou auxílio-reclusão, mas desde que comprovada a união estável dos parceiros.

A oitava Parada aconteceu em 13/06/2004 com o tema *Temos Família e Orgulho*. Com este tema fica evidente que o evento não reúne somente GLBT, mas mostra que a participação dos simpatizantes das mais diferentes idades e orientações sexuais é cada vez maior. O público era o mais diverso possível: mães com bebês, adolescentes de todos os tipos, senhoras que acenavam na calçada e pessoas dos prédios que jogavam papel picado. A frase presente do trio do Grupo Prisma (parceiro dos estudantes da USP), enfatiza o orgulho: *E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que eles chamam de amor?*

Neste ano a Parada entrou para a história das manifestações do país, conseguindo um público recorde de 1,8 milhões de participantes. Mas vale ressaltar que a Parada foi mais um dos diversos eventos ocorridos durante o mês de junho. Passou, então, ser a maior Parada Gay do mundo, deixando para trás São Francisco e Toronto que eram consideradas com maior número de participantes. Todos os jornais e redes de televisão da cidade de São Paulo

colocaram em destaque a Parada, apesar de muitas reportagens de tom preconceituoso e sensacionalista que sempre acontecem.

Nesse ano de 2004, na IX Conferência Nacional de Direitos Humanos, realizada em Brasília, em julho, logo após a Parada, propostas de lésbicas, gays e transgêneros foram destaque. As principais reivindicações foram: aprovação da Lei de Parceria Civil; a aprovação de leis anti-discriminatórias e a garantia de um Estado laico; a liberação de recursos orçamentários para o Programa Brasil sem Homofobia; a não discriminação dos bancos de sangue; a moção de repúdio ao Vaticano por suas práticas homofóbicas e outras 33 propostas avindas de vários estados do Brasil.

Foi também em 2004 que a APOGBLT criou o *Espaço B*, grupo para discutir (bi)sexualidades. Além disso, passou a ter um livro de registro de uniões homoafetivas que já registra mais de 100 uniões. Esse registro serve de documento para provar a união estável em caso de partilha de bens ou pensão do INSS.

A nona Parada aconteceu em 29/05/2005 com o tema *Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos!* Este tema, ao mesmo que faz uma reivindicação, faz também uma crítica ao Congresso Nacional, pois em 2005 o Projeto de Parceria Civil de autoria de Marta Suplicy completou 10 anos de tramitação, ou seja, que ele está parado, aguardando aprovação. Em 2001, apesar da tentativa de votação do projeto, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reagiu contra e, mais uma vez, o projeto não foi submetido à votação. Será que o sonho de democracia que se iniciou com o movimento das

diretas já morreu com Tancredo há exatamente vinte anos atrás ou ainda podemos ter os direitos?

Neste ano, o número de participantes ultrapassou os 2 milhões de pessoas. Tendo alcançado destaque nacional e internacional, a APOGBLT decidiu criar um grupo de trabalho composto por vários grupos/ONG's paulistas para dar mais visibilidade política às demandas da comunidade nos eventos do Orgulho e, pela primeira vez, houve um movimento na direção de procurar unificar os temas das Paradas pelo Brasil. Visando a atender as demandas da população GLBT e, com o intuito de mapear a violência, a APOGBLT realizou uma ampla pesquisa durante a Parada.

A décima Parada aconteceu em 17/06/06 com o tema *Homofobia é crime! Direitos sexuais são direitos humanos*. A proposta não é somente denunciar os diversos tipos de violência que acontecem com GLBT, mas reivindicar leis que punam e garantam a liberdade de expressão sexual no Brasil. Em 2004, o Ministério da Saúde lançou o projeto Brasil sem Homofobia⁵⁸, mas desde de 2001, a deputada federal Iara Bernardi (PT – São Paulo), apresentou o projeto 5003/2001 que tem como objetivo de criar políticas públicas que visem o controle e a erradicação da homofobia no Brasil, uma vez que já existe uma lei para punir a discriminação racial.

Apesar de sempre ter projetos, mesmo sem financiamento, neste ano a APOGBLT recebeu mais apoio e começou a

⁵⁸ O título da cartilha, de 31 páginas, é: *Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual*. De acordo com a Revista *Caros Amigos* de março de 2004, o Brasil estava no ranking dos países mais homofóbicos.

atuar com projetos de redução da vulnerabilidade frente às DST/HIV/Aids fora do período do Mês do Orgulho, com o projeto Tenho Orgulho e Me Cuido (TOMC), voltado para jovens e adolescentes HSH, e o Saber Cuidar, prevenção e ampliação do acesso a imunização e tratamento para hepatites virais entre GLBT. Investiu também no apoio ao Fortalecimento do Fórum Paulista TT, sendo executor fiscal do projeto. Ainda em 2006, começa a realizar o projeto Rede Cidadã pelos Direitos Humanos de GLBT e Pessoas Vivendo com HIV e Aids (PVHA), de modo a ampliar a capacidade de atender a demanda por atendimento/aconselhamento jurídico que tem recebido nos últimos anos. (www.paradasp.org.br).

Além do tema da homofobia, nesta edição da Parada, conforme explica França (2006:83)

A celebração dos 10 anos retomou a visibilidade das lésbicas e colocou nas ruas a maior ação de prevenção já feita na história das paradas em São Paulo, com 200 agentes de saúde em campo e 1 milhão de preservativos distribuídos, numa parceria com programas de prevenção às DST/Aids nos âmbitos nacional, estadual e municipal. Apesar das dificuldades envolvendo a autorização para a definição do local e da data da realização da parada e as restrições impostas⁵⁹ por um “Termo de Ajuste de Conduta”, novamente a Parada de São Paulo foi a maior do mundo, mostrando uma ampla adesão popular.

⁵⁹ A Prefeitura de São Paulo, que tem dado apoio à realização da Parada, no ano de 2006, criou sérios impasses para a realização do evento. Veja anexo.

Durante todo o ano, a APOGBLT permanece aberta às pessoas. Ou seja, ela não se restringe somente à realização da Parada. A associação funciona o ano todo e, em todos os eventos realizados, é importante ressaltar que nunca houve acidentes graves, seja nas Paradas, seja nos eventos promovidos pela Associação que acontecem durante o mês de junho. Nas palavras de Marcelo Rubens Paiva: *Num jogo de futebol, se alguém entrar com a camisa errada, leva pau. A maior brutalidade que se viu na Paulista foi o gesto de uma drag passando batom.* (Folha de São Paulo, 2001).

Logo após o término da décima Parada, aconteceu em São Paulo, um encontro com militantes de vários grupos para debater, juntamente com a deputada Iara Bernardi, a homofobia. Neste ano, aconteceram no Brasil, 102 Paradas, que se prolongaram até dezembro e atingiram regiões distantes como o agreste nordestino e fronteiras de Roraima com a Venezuela⁶⁰.

Em reunião realizada em 10/10/06, na sede da APOGBLT, o tema para a décima primeira Parada que será *Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia*. Diversos grupos e militantes de todo o Brasil enviaram sugestões que foram discutidas e foi definido por votação este tema.

Seguindo os lemas temáticos das Paradas, podemos encontrar um movimento que vai da “visibilidade à reivindicação” sempre associado ao “orgulho” de ser o que se é. Este movimento ora abrange aspectos mais amplos como políticas afirmativas, mas passa também por reivindicações pontuais, como aquela da união civil entre pessoas do mesmo sexo. No vai e vem destas temáticas, a passagem pela questão da diversidade situa o movimento GLBTT no interior de

⁶⁰ Ver reportagem em anexo sobre a Parada binacional e Paradas no agreste.

todo o esforço de recuperação paradoxal e necessária do diferente num mundo que se globaliza inclusive culturalmente. Parece ser possível estabelecer que, por suas práticas, a Parada acabou produzindo um conjunto de passos lógicos: primeiro tornar-se visível; uma vez visíveis, tornar-se parte da diversidade fundante do mundo social; uma vez integrados no mundo social, agora como sujeitos sociais coletivos, passam a reivindicações, amplas ou específicas, respondendo ao movimento geral da sociedade. Veja-se, por exemplo, a diferença entre a expressão de orgulho à reivindicação de um mundo sem homofobia.

Sem qualquer sombra de dúvida, os discursos que os slogans das Paradas proferem, dialogam com os discursos sociais em circulação a cada momento histórico. Assim é que identidade, diversidade, direitos humanos, políticas afirmativas, união civil e direitos sociais decorrentes - chegando mesmo à questão mais profundamente cultural da homofobia – estão nos temas das Paradas, enquanto temas compartilhados pelos movimentos sociais ou mesmo pela pesquisa sociológica, como as questões de identidade e da diversidade.

Narrativa 2

Ao som de prelúdios de Chopin

Se folheio o livro das páginas da vida, inúmeras são as imagens que posso ver...

7 anos já vividos na época da ditadura. Dona Margarida me chama a sua mesa, me entrega a cartilha e pede para eu fazer a última prova do ano - leitura. Li somente as figuras e tentei repetir o que já sabia de cor pela boca de meus irmãos:

palhaço tinha uma casa de palha

ai o lobo mal chego e sopra a casa dele

a casa caiu no chão

os treis porquinho fugiu.

8 anos já vividos na época da ditadura e repito pela segunda vez a primeira série.

Dona aparecida me olhava e eu já sabia que tinha que repetir senão apanhava. O *boi bebe água e baba*. Eu morava na roça, conhecia os animais, mas não entendia o que era essa frase, que sentido tinha isso... Enfim, aprendi o jogo, nunca mais repeti de ano e cheguei vitorioso no final da segunda série por ter apanhado somente uma vez da dona Aparecida.

2ª imagem

4, 5, 6, 7, 8, 9..... anos vividos na ditadura e tinha que seguir as ordens na escola e em casa: não fala desse jeito, corta esse cabelo, menino não tem cabelo grande, não veste isso, não brinca com isso, menino tem que fazer assim, vai jogar bola...

Quando chegou o movimento pelas diretas, adolescente mudo não podia dizer nada: o corpo era um escândalo falante e a tortura, se já tinha acabado, continuava em casa, dentro e fora da sala de aula: não podia haver transmutações généricas.

Agora várias imagens se confundem, fundem, os olhos embaçados, o corpo trêmulo, o medo... Nas aulas de português tínhamos um ritual: até o final da 8ª série tínhamos que decorar verbos, repetir estórias sem nenhum erro de português, decorar todas as classes gramaticais, escrever os textos que o professor Carlos pedia. As diversas histórias ouvidas, o nome de tantos chás que curavam de tudo, tudo ficou para trás... a ditadura não permitiu dizer, contar... e o corpo diferente também não tinha interlocutor, não se adequava ao modelo e não podia falar nem participar das aulas de educação física, era fraco, mole demais para jogar futebol...

Fim da ditadura, vitória, novo rumo, novos caminhos a se trilhar. Minha irmã me entrega a revista visão com a reportagem – novo câncer: gays são apontados como o alvo da doença. Uma foto de um gueto e várias travestis. Perplexidade, olhos esbugalhados e atônitos e somente uma pergunta: e agora José?

Vieram outonos com folhas mortas, jogadas ao vento, amareladas à espera de uma corrente que transportasse para qualquer lugar... Vieram longos e rigorosos invernos, secos, frios, mudos, tantas paisagens mórbidas... Vieram primaveras tristes, de vento, paisagens distantes e as chuvas começaram a trazer as flores... Vieram os verões quentes, as chuvas, os medos, os desejos de se molhar, deixar levar... e nessas estações renovadoras vieram, para a alegria do nosso mundo, os

poetas para trazer a linguagem, (re)ler a vida, a história, ouvir as vozes das vidas...

Outra força estranha no ar!⁶¹

*"Eu vi o menino correndo eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei"
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha no ar
Por isso é que eu canto não posso parar
Por isso essa voz tamanha"*

Eu vi um minino correndo
Vinha lá de São Gotarrrrrdo
Travessava capim gordura
Pra modi aprendê as letra
Mas na escola da Tuia
Onde tudo era silêncio
Minino magrelo e feio
Num podia falá, só podia repiti
A marvada da professora
C'um sorriso amarelo na boca
cortava os gaio da macieira
e com força vergava as costa
dos que num "queria" aprendê
Mas o que a dona num sabia
é que debaixo da ropinha surrada
um dos minino escondia

⁶¹ Para melhor compreender esta narrativa, ler o conto em anexo *O tempo das estações*.

Um lindo par de asa
Minino vuô pru mundo
E grito pra todo mundo
Que todo mundo pode aprendê
E agora o minino alado
Nosso pequeno "Agrado"
Vai mostrando pra gente
Que nem vara de macieira
pode nossas costa vergá
Por isso uma força me leva a cantá
Por isso outra força estranha no ar

[Mônica Vasconcellos Cruvinel]

CAPITULO 2 – CAMINHAR NO SALTO: QUEM ME DÁ UMA IDENTIDADE?



Foto Parada 2005 – dos dados gerados.

2 - QUEM ME DÁ UMA IDENTIDADE?

Sabe como soletra bunita?
 b, u, c, e, t, a – bunita.
 E sabe como soletra feia?
 f, u, d, i, d, a – feia.
 Bobinha, se algum dia
 eu fui feia, me esqueci.
 (*Adivinha entre gays*)

Roberta Close, o mito sexual dos anos 80, como foi denominada pela imprensa na época, teve sérios problemas com sua identidade. Em sua biografia⁶², ela conta que em seus documentos estava escrito Roberto – a vogal ‘o’ marcando o nome masculino. Porém, os seus traços físicos, sua aparência era feminina. Isso, além de ter sido um problema constante aqui no Brasil, a prejudicou para entrar na Europa, pois no seu passaporte constava o nome de Roberto, sexo masculino o que distorcia de sua aparência/imagem – seios, cabelos longos, vestido, salto alto etc. Imagine a cena. O que você faria? Como reagiria diante de uma mulher-masculina ou seria um homem-feminino? Talvez lendo a história de Riobado e Diadorim podemos entender a identidade...

As travestis também enfrentam diariamente esse problema da relação de “equivalência” entre nome, corpo, sexo, gênero. No Centro de Referência⁶³ de Campinas, SP, as travestis já podem se cadastrar e ter uma carteira de identificação com o novo nome que escolheram, diferente daquele usado na

⁶² Livro *Roberta Close – muito prazer*.

⁶³ Estes Centros de Referência vêm sendo implantados em várias cidades do país com o objetivo de auxiliar os GLBT, sobretudo no que respeito à violência, ofensa, discriminação. Eles contam com psicólogos e advogados, dentre outros profissionais para orientar em questões diversas. Há um telefone 0800-7718765 para atendimento ao público.

certidão de nascimento. No 11º CONEB⁶⁴ (Comissão Organizadora do Conselho Nacional de Entidades de Base), realizado na UNICAMP em 2006, foi decidido que as estudantes trans podem ter na sua carteirinha da UNE (União Nacional dos Estudantes) o novo nome adotado. Diante desses relatos podemos perguntar: Eis o jogo da identidade: essência igual aparência? O que nos define? Como somos definidos? O que a identidade pode me provar, me dar? Há uma substância, uma linguagem *a priori* que funciona para nos definir e, a partir dela temos a imagem do que seja masculino e feminino?

2.1 - O CONCEITO DE IDENTIDADE

Ser um homem feminino
 Não fere o meu lado masculino
 Se deus é menina e menino
 Sou masculino e feminino
Pepeu Gomes

As Paradas (GLBTT...) fazem parte dos movimentos (negros, feministas, pacifistas etc) surgidos após o maio de 68. Segundo Hall (2003:45), esses movimentos foram responsáveis pelo descentramento do sujeito moderno e cada um deles apelava para a identidade social de seus sustentadores. Por exemplo, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas. Eis o nascimento histórico do que passaria a ser conhecido como a *política da identidade*, ou seja, uma identidade para cada movimento.

Nas últimas décadas o conceito de identidade tem sido estudado em diferentes áreas do conhecimento: a filosofia, a psicologia, a psicanálise, a

⁶⁴ Encontro da UNE realizado em Campinas incluiu, pela primeira vez, debate sobre liberdade de expressão e orientação sexual; Diretoria GLBTT da UNE aprovou resolução que permitirá a travestis e transexuais adotar prenome na carteira de estudante. Acesso em 17/04/06 no site www.mixbrasil.com.br

antropologia, a sociolinguística, a análise de discurso, a linguística etc. Cada uma dessas áreas tem, evidentemente, gerado trabalhos que enfatizam diferentes aspectos da identidade. Segundo Gumbrecht (1999), a história do conceito de identidade iniciou-se há aproximadamente 2500 anos. É um conceito filosófico que começou com Parmênides para quem seu uso seria ontológico, ou seja, o objetivo da questão da identidade era provar que as coisas são o que são. Nas palavras de Gumbrecht (1999:117),

(...) neste sentido, a tradição ontológica centrada no conceito de identidade leva àquela visão arcaica, mas utópica e nostálgica também, de uma autenticidade, de uma possibilidade de se aproximar das coisas “originais” tais como são.

No século XVI, Descartes (1595-1650) estabeleceu o princípio dicotômico entre corpo (*res extensa* – substância espacial) e mente (*res cogitans* – substância pensante). O sujeito, com a capacidade de raciocinar e pensar (*cogito ergo sum*), passou, então, a habitar o centro da mente. Essa concepção de sujeito racional é conhecida como o postulado cartesiano da metafísica da substância e serve de base para a psicologia cognitiva elaborar um de seus pressupostos básicos, isto é, o de que cada indivíduo tem uma essência, única, fixa e coerente. Daí emerge o essencialismo como o ponto de referência para explicar, por exemplo, a identidade homossexual. Ou seja, atribui ao indivíduo uma essência que o molda, define e lhe dá uma completude a partir de um *self*.

Flexão importante da história do conceito de identidade inicia-se com Freud no final do século XIX e início do século XX. Diferente do conceito ontológico

tradicional, ou seja, do controle do inconsciente, com a psicanálise temos não uma preocupação com a autenticidade, mas com momentos de identificação. De acordo com o viés psicanalítico podemos entender que nossa identidade, nossa sexualidade e nossos desejos são construídos em processos psíquicos e simbólicos em nosso inconsciente. Porém, é pertinente ressaltar que a ênfase dada ao aspecto interno (inconsciente) como premissa essencial para a formação do bebê pode ser questionada. É verdade que a criança tem a mãe como principal referência, sobretudo pela proximidade, amamentação, mas colocar a mãe como a única referência para a formação do inconsciente da criança seria negar as relações de alteridade, assujeitar a criança a uma única posição⁶⁵. O bebê, à medida que se desenvolve, tem outros diálogos, ouve outras vozes que o constituem em seu processo de se tornar um humano sexualizado. Nas palavras de Bakhtin (2000:378)

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.

De fato, por não ter um aspecto finito, acabado e inato, a construção de nossas identidades abre espaço para olhar os diversos outros que nos circundam.

⁶⁵ No complexo de Édipo, explicado por Freud, o menino imitaria a mãe tornando-se homossexual por identificar com sua preferência, ou seja, amar um homem. Mas se a mãe for lésbica? Ótimo, aí ele se encaixará nos padrões hetero por identificar-se com a mãe que gosta de mulheres? E se for criado/educado sem pai, somente pela mãe hetero? E se o pai criar sozinho uma filha mulher, ela será lésbica?

Daí a alteridade que nos constitui, pois nos atos de nosso dia-a-dia não temos a capacidade exotópica. E, se construímos uma narrativa vetorial com início e fim que nos dá uma identidade, é para a nossa segurança ontológica (Bakhtin, 1993).

Mais recentemente, Castells (1999:22) define identidade como *o processo de construção do significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos inter-relacionados o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado*. Para construir esse significado no processo identitário, os atores sociais organizam-se no tempo e espaço. Este autor enfatiza o conceito de identidade coletiva a partir de um ponto de vista sociológico.

A crítica feita a essa concepção sociológica recai sobre o fato de que o conceito de identidade, ao ser dicotomizado, preenche o espaço entre o exterior e o interior, ou seja, entre o mundo pessoal e o mundo privado. Assim, *a identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis* (Hall, 2003-12).

O primeiro problema a se pensar é que em se tratando de identidade de gênero, não podemos defini-la *a priori* com base na dimensão e significado do corpo biológico, o que resultaria no binarismo essencialista - homem/mulher, heterossexual/homossexual, conforme explica Pinto (2002). Essas divisões, além de fixarem a identidade, atribuem um valor negativo –mulher/homossexual – e um positivo – homem/heterossexual. A teoria feminista e a teoria *queer*⁶⁶ mostram

⁶⁶ *Queer*, antes era usado em um sentido pejorativo para os gays. Atualmente criou-se a teoria *queer*, que significa o estudo do estranho, do diferente.

que devemos olhar para o aspecto cultural e de construção social e histórica que apresenta o gênero e a sexualidade. Como explica Louro (1998:89)

(...) as identidades de gênero são construídas socialmente, elas estão sempre referidas às representações que um dado grupo faz de feminino ou masculino; do mesmo modo, as identidades sexuais também se produzem socialmente, através das distintas formas de experimentar prazeres e desejos corporais, de pôr em ação a sexualidade.

Ao enfatizar o aspecto construído tanto da identidade de gênero quanto da sexual⁶⁷, pode-se incluir a diferença como constitutiva de ambas, mas uma não exclui outra. Quando digo “sou gay”, há uma cadeia de negações de uma identidade, de diferenças. A afirmação “sou gay” permite também a leitura de que “não sou mulher” e significaria também “sou homem” o que tem implicações para o enunciado “sou gay”. Tanto a identidade quanto a diferença estão em situação de dependência. Dessa forma, temos as características fundamentais para analisar a questão da identidade e da diferença: sua natureza múltipla⁶⁸, fragmentada e processual. Conseqüentemente, o sujeito também será múltiplo, móvel, à procura de f(r)estas para vir à tona e, uma vez que não está submetido à estrutura, ele desliza por ela em seus eventos e, na relação da diferença, ou seja, com o outro, ele poderá buscar sua completude (Bakhtin, 1993).

⁶⁷ A respeito de identidade e gênero sexual ver Clastres (2003) – cap. 5 – *O arco e o cesto*.

⁶⁸ Dizer que a identidade é múltipla não significa dizer que ela é uma espécie de um colar de contas onde se somam as partes (gênero, raça, nacionalidade etc) para construir um todo.

2.2 – SER OU NÃO SER, TER OU NÃO TER: PINK MONEY E BLUE SOCIETY.

Temos o direito de ser iguais quando as diferenças nos inferiorizam.
Temos o direito de ser diferentes quando a desigualdade nos descaracteriza
Boaventura de Souza Santos

No que se refere à identidade gay, é interessante o conto do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu⁶⁹, intitulado *A lenda das Jaciras*. No início do conto, a narrativa mostra ao leitor a “essencialização” identitária de cada tipo:

Reza não muito antiga lenda que homossexuais masculinos de qualquer idade ou nação – além de bofe, bicha, tia ou denominação similar – dividem-se em quatro grupos distintos. Seriam na verdade, sempre segundo a lenda, quatro irmãs que atendem por nomes femininos. A saber, e essa ordem arbitrária não implica cronologia nem preferência: Jacira, Telma, Irma e Irene.

Na lenda de Caio, cada irmã tem suas características, que são classificadas de acordo com suas preferências sexuais e seus hábitos cotidianos. Ele explica e exemplifica todos os tipos. Jaciras são as fofoqueiras, pintosas, assumidérrimas; Telmas são as bombadas de academia, não assumidas e só atacam em estado etílico; Irmas são aquelas que todo mundo sabe que é gay, menos elas; Irenes são as intelectuais, gostam de namorar, deixam no ar sobre a sua sexualidade e não gostam de Jaciras. Nem mesmo Platão (uma boa Irene) ou Freud (Irmérrima) escapam das categorias.

No entanto, ao final da lenda, vemos como as identidades não são estáveis, estão sempre em processo. Nas palavras de Caio

⁶⁹ Ver conto do autor em anexo.

As mutações são tantas como as do I Ching. Há quem diga que essas novas identidades têm até nome, como as Juremas (jaciras que se tornam irenes) ou Jaciras (exacerbadas, tipo Clovis Bornay). Pode ser. Mas segundo nossos estudos, Jaciras são inabaláveis, intransmutáveis. Jacira que é Jacira nasce Jacira, vive Jacira, morre Jacira. No fundo, achando o tempo todo que Telmas, Irmãs e Irenes não passam de Jaciras tão loucas como elas. E talvez tenham razão.

E se não tem identidade fixa, o que restaria para todas irmãs? A resposta de Caio mostra que cores, caras, corpos, bocas, nesgas, pregas, saias justas e saltos à parte, cada uma busca somente o amor – a ancestral sede antropológica. Ou ainda, todos nós somos seres sexuais e não cabemos em descrições corporais/sexuais ontologizáveis. E, durante a leitura do conto, não podemos deixar de perceber o humor e o riso que a narrativa nos provoca, características bastante evidentes na obra do escritor. De fato, se não é possível categorizar todas as irmãs e suas transmutações, resta-nos o riso como forma de zombar das classificações que tentam essencializar, pois o

verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do

riso na evolução histórica da cultura e da literatura (Bakhtin, 1993:105)

Se a Lenda das Jaciras nos permite riso, Caio nos oferece outro riso paradoxal quando questionado sobre identidade e literatura:

Acho que literatura é literatura. Ela não é masculina, feminina ou gay. Eu não acredito nisso, acho que existe sexualidade: cada um é sexuado ou assexuado. Se você é sexuado, tem mil maneiras de exercer a sua sexualidade com mulher, homem, vaca, criancinha, velhinho, com buraco de fechadura. E se nós formos comportamentalizar essas coisas, acho que dilui, pois fica uma editora gay, numa livraria gay, que vai ser lido apenas por gays⁷⁰.

O escritor defende a não adjetivação da literatura, assim como não deve haver essencialização das identidades, como discutimos anteriormente. Aqui surge novamente o paradoxo: somos diferentes e queremos direitos iguais, um lema constante da Parada. Mas, é justamente por sermos diferentes (GLBTT) que queremos os mesmos direitos que a cultura hegemônica: uma literatura, uma agência de turismo, uma livraria, uma arte etc. Mesmo que ontologicamente a sigla GLBT não exista, reivindica-se o direito de ser diferente para ser igual em direitos. A igualdade não é de sujeitos, mas de direitos. Então, radicaliza-se a diferença, adjetiva todas as instituições para incorporar os mesmos modos de vida. Se pago todos os meus impostos, quero ter meus direitos de cidadão: a minha arte, a minha bebida, a minha grife, o meu beijo na rua aberta etc.

⁷⁰ BESSA, M. S. Quero brincar nos campos do senhor: uma entrevista com Caio Fernando Abreu. In: *Palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1997. p. 7-15.



Foto Parada 2005 – dos dados gerados.

Ao propor uma adjetivação, o discurso da diferença não propõe extinguir a literatura ou a arte já existente, mas criar o seu nicho, seu espaço no mercado hegemônico consumidor. Cria-se um determinado espaço porque sabe que existe um consumidor específico, o que pode ser uma forma de resistência (Kates & Belk, 2001).

Por exemplo, no dia da visibilidade lésbica (29/08/06)⁷¹, a escritora Lúcia Facco lançou em São Paulo o livro *Lado B histórias de mulheres* pela editora GLS

⁷¹ Cameron (1998) discute o problema do *empowerment* – dar, conceder poder ao outro. O fato de criar um dia para as lésbicas, mulheres, negros pode ser também um outro jogo de poder, ou seja, te dou um dia, você faz o que te interessa, mas fica no seu lugar; assim mantém o *establishment*, teremos a impressão de igualdade, direitos, mas, na verdade a ordem do poder que controla está sendo mantida. De fato, ao *establishment* interessa puxar tudo para o campo do ontológico e, se o jogo político se entrega a isso, ele pode se perder. Será que posso conceder o poder de fato ao outro? Essa é a pergunta que Cameron nos deixa.

que publica títulos voltados para o novo gênero – literatura lésbica⁷². O argumento é: se não reconhecer a diferença – lésbica – não há como reivindicar os seus direitos específicos como atendimento médico, prevenção de DST. Na fala⁷³ da militante Regina isso é evidente: *a Parada, enquanto espaço de reivindicação política, precisa da figura da lésbica, da travesti, não é tudo igual.*

Por outro lado, surgem questões do tipo: são as categorias identitárias necessárias ou travas que nos fecham? Ao mesmo tempo em que tenho a necessidade de uma identidade para me diferenciar, quando me nomeio com essa identidade eu me fecho dentro desse mesmo ser que quero tirar do abismo desconhecido. Há aí um jogo entre estar no escuro e encontrar a luz. Quando invoco um determinado argumento x para invocar uma identidade (provisória) deve-se ter cuidado para que o tiro não saia pela culatra. Quando me atribuo uma identidade eu passo a ser o sujeito e terei a chance de uma nova vida, terei a oportunidade de uma felicidade. É verdade que preciso reconhecer minha diferença, pois não posso fingir que sou “igual”, mas o fato de me nomear também me ontologiza, me fecha. Temos que ser táticos nesse jogo e deixar espaços abertos para novas possibilidades e não nos orientarmos para a unidade. A política do *coming out of the closet* - o sair do armário - é um processo de ida e volta, ele não se dá em um único momento da vida.

Essa discussão sobre política e representação é abordada por diversos autores: Butler (2000), Rajagopalan (1999), dentre outros. A polêmica surge

⁷² Sobre literatura ver Revista Cult n. 66. As lésbicas procuram levantar sua bandeira, sobretudo na literatura argumentando que as mulheres lésbicas, seu amor, nem são considerados na história, elas nem existiam. Por isso é necessário resgatá-las historicamente, dar-lhes visibilidade.

⁷³ Gravação da reunião em 02/11/05 na APOGBLT – SP com estudantes que estudam o movimento gay.

quando há a necessidade de um termo que seja capaz de operacionalizar os diversos processos políticos para dar visibilidade, sobretudo no caso GLBTT, negros e torná-los sujeitos políticos, uma vez que estão na condição de subalternos e precisam ter voz. No entanto, representar esses sujeitos por meio de uma linguagem normativa também implica tanto em revelar como em distorcer o que pode ser verdadeiro em relação a esses sujeitos. Spivak (1994) argumenta que esse “essencialismo estratégico” é válido, mas não deve ser tomado como uma arma em torno da qual não tiro a mão. Talvez ele possa ser útil em um determinado momento, por exemplo, se não nomeio as trans, se não as vejo, elas não existem, não tem capacidade de reivindicar, pois são oprimidas. É um jogo de estar fora e buscar a visibilidade estando dentro⁷⁴.

2.3 - O PROBLEMA DA IDENTIDADE E OS GÊNEROS SEXUAL E DISCURSIVO

Eu cheguei à conclusão que não quero ser mulher. Eu gosto de representar um papel. Eu apenas quero ser eu. Eu quero ser Sylvia Rivera. Eu gosto de fingir. Eu gosto de me vestir, fingir e deixar que o mundo pense sobre quem sou. É ele ou não é ele? É isso que eu curto. Eu não quero ser uma mulher. Por quê? Porque isso significa que não posso fuder o cu de ninguém. Dois buracos? Não, não, não. Isso não é para mim. Não, não, não.

Sylvia Rivera (In: Duberman, 1993:125)

Pensar a identidade na pós-modernidade é pensar, necessariamente, o descentramento do sujeito. Porém, esclareço que não digo que esse sujeito é assujeitado a um sistema e um fantoche que se encaixa em uma posição e a ela se submete como uma massa de modelagem. De fato, vimos anteriormente que não podemos tratar esse conceito ontologicamente em termos de essência,

⁷⁴ Sobre esta discussão ver o livro de Eve K. Sidgwick *Epistemology of the closet*. New York, Centennial Books, 1991.

unidade, centramento. A identidade muda no movimento histórico social; assim como a linguagem, ela não é algo estático que ocupa um lugar em sistema vertical estruturante como advogam autores como Weedon (1995), Hall (2000).

Biagini (2002) ao discutir o problema identitário na América Latina, acredita que um aspecto positivo que surgiu, mesmo antes da pós-modernidade, é *a idéia de unidade na diversidade, mas além das barreiras étnicas, geográficas ou sociais* (p.37). No entanto, o autor começa o seu texto criticando duas correntes da tradição filosófica: a) a ontologia e a metafísica em que há uma crença no ente igual a si mesmo; b) a lógica proposicional – se p, então p. Esses postulados implicam também em um sujeito autônomo. Mas o que trariam conceitos tais como unidade, ontologia e implicabilidade para a discussão? Me parece um tanto contraditório quando Biagini critica a essência, mas propõe a unidade como um dos pontos fundamentais da dinâmica identitária. As perguntas de Butler (2000:36), - é a “unidade” necessária para a ação política efetiva? Não será precisamente a insistência prematura no objetivo de unidade a causa da fragmentação cada vez maior e mais acirrada das fileiras? - podem ajudar a (re)pensar essa problemática, sobretudo para a questão de gêneros (sexuais, discursivos).

Se pensamos nas opressões que sofrem os GLBTT, estes não poderiam ser simplesmente classificados, relacionados ao acaso e distribuídos entre planos que correspondessem ao que é “original” e ao que é “cópia”. Talvez a nossa insistência e coerência em unidade das categorias seja o que nos faça rejeitar as múltiplas interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das mulheres, por exemplo, conforme explica Butler (2000). Ao invés de

uma categoria (mulher, gay) que deve ser preenchida por vários componentes como raça, classe, idade, etnia e sexualidade para vir a ser completa, poderíamos entender a incompletude essencial que nos permite espaços novos para outros significados a serem contestados, (re)criados em nossas interações. Essa incompletude é que nos constitui enquanto sujeitos. Como explica Geraldi (1994:3)

se a experiência de mim vivida pelo outro me é inacessível, esta inacessibilidade, a mostrar sempre a incompletude fundante do homem, mobiliza o desejo de completude. Aproximo-me do outro, também incompletude por definição, com esperança de encontrar a fonte restauradora da totalidade perdida. É na tensão do encontro/desencontro do eu e do tu que ambos se constituem. E nessa atividade constrói-se a linguagem enquanto mediação necessária.

Uma abordagem antifundacionista, possível por meio das interações mediada por uma linguagem aberta e que não considera a identidade como uma premissa, nos permite ver que o gênero sexual é

uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembléia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor (Butler, 2000:37).

Se consideramos a linguagem em termos de unidades e categorias verticais a serem classificadas, estaremos agindo à maneira de um filólogo que vê a língua

apenas como o monólogo de um indivíduo. Bakhtin (1998) critica essa postura adotada por alguns teóricos da lingüística que admitem somente dois pólos – um sistema e um indivíduo. Vale ressaltar aqui que o pensador não nega as normas lingüísticas; ele as reconhece, mas não como imperativo abstrato e sim como forças criadoras da vida da linguagem, uma centrípeta (unificadora e centralizadora – gêneros poéticos) e uma centrífuga (dialógica, descentralizadora - romance). Para Bakhtin, problemas dessa natureza, surgem, por exemplo, com a estilística, pois ela

encerra cada fenômeno estilístico no contexto monológico de uma dada enunciação autônoma e fechada, como se o aprisionasse num contexto único: ela não pode fazer eco a outras enunciações, não pode realizar seu sentido estilístico em interação com elas, ela é obrigada a exaurir-se no seu contexto fechado (1998:84).

Mas a estilística não esteve sozinha em seu trabalho com a linguagem. Ao seu lado, a filosofia da linguagem e a lingüística estiveram juntas para auxiliá-la na centralização da vida ideológica verbal européia por meio do que se pode chamar de unidade na diversidade. Isso é o que Bakhtin (1998: 84) chama de “orientação para a unidade” que,

na vida presente e passada das línguas, fixou a atenção do pensamento filosófico-lingüístico sobre os aspectos mais resistentes, mais firmes, mais estáveis e menos ambíguos do discurso (sobretudo os fonéticos), enfim, os aspectos mais distanciados das esferas sócio-semânticas mutáveis do discurso.

Da maneira ao que ocorre com gênero sexual em que se fixa o sujeito em corpo biológico com estruturas pré-definidas (pênis, vagina, seios, pêlos), conforme já explicado, no estudo dos gêneros discursivos, a ênfase, atualmente, é uma forte tendência em orientá-los para uma unidade a ser preenchida por sintaxe, morfologia, semântica etc. Ou seja, há uma necessidade objetiva que insiste em lhes atribuir uma essência, uma identidade uma para depois poder olhá-los como corpus coletados prontos do mundo real⁷⁵, objetos de estudos; assim posso decifrá-los e ensinar/educar os alunos para ao fim ter a tranqüilidade e a garantia da explicação de seu funcionamento⁷⁶. Nessa vã tentativa, perde-se o processo criador da linguagem, da vida, da história, do social e do sujeito que fica encaixotado, comprimido pelas margens de uma linguagem que o reduz e o joga para fora da cidade letrada (intelectualizada) que *atua preferencialmente no campo das significações e inclusive as autonomiza em um sistema*, em oposição à cidade real (da sociedade como um todo) que *trabalha mais comodamente no campo dos significantes e inclusive os afasta dos encadeamentos lógico-gramaticais*, conforme explica Rama (1985:53)

De maneira similar, como afirma Butler (2000), quando tomo o corpo erógeno e o sistematizo por meios de suas partes sexuais (pênis, vagina, seios etc) tanto posso denominá-lo quanto reduzi-lo e fragmentar as partes desse corpo. De fato, a “unidade” que é imposta ao corpo pela categoria do sexo é uma “desunidade”, uma fragmentação, uma compartimentalização, uma redução da

⁷⁵ Por exemplo, o professor decide (quase sempre ele que escolhe) que vai trabalhar com o gênero crônica. Então, pede aos alunos para coletarem exemplos de crônica. Com os exemplos em mãos, se juntam para destrinchar todas as características do gênero – sintaxe, morfologia etc para depois alunos os saberem como se produz uma crônica.

⁷⁶ A respeito da ontologização dos gêneros discursivos ver a proposta teleológica discutida e exemplificada por Vian Júnior e Lima-Lopes In: Meurer et al. (2005)

erotogenia. Por isso, temos tanto medo e pavor em imaginar, por exemplo, as cirurgias transgenitais, sobretudo quando um homem faz a cirurgia, passa a ter uma “vagina” e se relaciona com uma mulher, ou com uma trans também operada⁷⁷. A redução fica mais evidente na pergunta curiosa que muitos de nós já ouvimos ou fazemos: será que depois da cirurgia as trans conseguem ter orgasmo, conseguem gozar com essa vagina feita? Como propõe Spivak⁷⁸ *se pensamos realmente no corpo como tal [unidade], não existe nenhum possível contorno do corpo como tal. Existem pensamentos sobre a sistematicidade do corpo, existem codificações que atribuem valores ao corpo. O corpo como tal não pode ser pensado e eu, certamente não posso acessá-lo.*

Então, devemos punir os “corpos abjetos,”⁷⁹ assim como os sujeitos da cidade real que não sabem se expressar em uma escrita correta ou em gêneros discursivos adequados exigidos pela escola? Ambos não cabem na cidade das letras marcada pela racionalidade moderna, ou seja, fogem de um padrão. Assim como os corpos abjetos não seguem o padrão masculino/feminino, muitos alunos não seguem a linguagem dita padrão, culta. E, se não há meios de controlá-los, a saída é criar mecanismos de excluí-los, pois não se enquadram nas exigências da sociedade, conforme explica Foucault (1996).

⁷⁷ O filme estadunidense *Transamérica*, lançado em 2006 no Brasil, aborda tal assunto, embora desde a década de 80 o cineasta espanhol Pedro Almodóvar já discuta essa temática em seus filmes como, por exemplo, em *A lei do desejo*.

⁷⁸ *In a Word*, entrevista com Ellen Rooney, apud Butler 1999:153.

⁷⁹ Butler (2002: 19-20) explica que a esfera dos seres abjetos é designada por aquelas zonas não-vivíveis, inabitáveis da vida social que, no entanto, estão densamente povoadas por quem não goza da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do não-vivível é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos. Pensemos, por exemplo, nas prostitutas e travestis que não podem circular em certos espaços.

2.4 - CORPO, IDENTIDADE E LINGUAGEM

Eu prefiro ser essa
essa metamorfose ambulante
do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo
Raul Seixas

Segundo Miskolci (2005) podemos entender o corpo e a identidade por meio de três paradigmas. O primeiro deles vem do século XVIII e XIX e tem como referência os trabalhos da biologia darwiniana. Conhecido como paradigma essencialista toma como referência o sexo para explicar as relações de gênero, o que implica em uma identidade monolítica e unívoca. No entanto, enquanto o olhar biológico fazia a taxionomia das espécies e ditava a verdade, na história, os corpos escapavam a essa unidade e pretensa originalidade. O caso do Chevalier d'Eon (1728-1810), nobre francês que trabalhou para o rei Luís XV, intrigou diversos escritores que tentavam desvendar seu mistério que levava d'Eon a fingir a ser uma mulher que fingia ser homem. Também na França, Herculine Barbin (1838-1868), apesar da curta existência, ao contrário de d'Eon, chocou a sociedade por ter sido registrada como mulher ao nascer e depois de adulta foi declarada como homem pela medicina e justiça da época⁸⁰.

Um segundo paradigma chamado de construtivista tem como precursora Simone de Beauvoir. O seu livro *O segundo sexo* foi referência até os anos 80 para os estudos feministas. Mas o construtivismo não consegue romper as amarras e mantém a crença nas bases biológicas do sexo, embora o social também atue nesses corpos sexuados. Apesar de aparecer o social como componente desse novo paradigma, o foco continua no binarismo

⁸⁰ Há mais de 20 livros sobre a intrigante vida de d'Eon. O longo diário de Herculine foi analisado por Foucault. Ver o filme *Le mystère d'Alexina* sobre a intrigante vida de Herculine..

(homem/mulher) o que confirma uma reiteração da heterossexualidade como normalidade. Essa regulação binária não leva em conta a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que vai além das hegemonias heterossexuais reprodutivas e médico-jurídicas.

Já o terceiro paradigma, proposto por Butler, teoriza a materialidade dos corpos, afirmando que sexo e gênero são construções histórico-sociais. Há uma ênfase nas fissuras do sujeito e na alteridade, ou seja, o outro passa a ser essencial para a minha constituição enquanto sujeito, pois ele está internamente em mim. Desse modo, posso entender que há estruturas de homossexualidade na heterossexualidade e vice-versa. Fazendo um paralelo com os estudos de Bakhtin (1998), podemos entender que no campo da sexualidade há também forças centrípetas e centrífugas, assim como acontece com a linguagem. Nesse sentido, não há um original, um autêntico e verdadeiro. Butler critica a crença na ilusão do ser e da substância, pois, para a autora,

todas as categorias psicológicas (ego, indivíduo, pessoa) derivam da ilusão da identidade substancial. Mas essa ilusão remonta basicamente a uma superstição que engana não só o senso comum, mas também os filósofos – a saber, a crença na linguagem e, mais precisamente, na verdade das categorias gramaticais. Foi a gramática (a estrutura do sujeito e predicado) que inspirou a certeza de Descartes de que “eu” é o sujeito de “penso”, enquanto na verdade, são os pensamentos que vêm a “mim”: no fundo, a fé na gramática simplesmente traduz a vontade de ser a “causa” dos pensamentos de alguém. O sujeito, o eu, o indivíduo, são apenas conceitos falsos, visto que transformam em

substâncias fictícias unidades que só têm realidade lingüística.

Bakhtin (2000), ao propor um estudo sobre a linguagem e os gêneros (tanto da literatura como da língua), esclarece que eles não são compostos de unidades prontas como se fossem tijolos com formas definidas para ganhar forma nas mãos de um construtor. E, por estar imersos em um mundo de cultura que contém uma unidade aberta, os gêneros vão acumulando formas vivas de uma visão de mundo. Por esse motivo,

na esfera da cultura, todavia, não há fronteira absoluta entre a carne e o sentido: a cultura não se edifica a partir de elementos mortos, e o vulgar tijolo, como já dissemos, entre as mãos do construtor, expressa algo através da forma que lhe é própria. Por isso, a descoberta de novos suportes materiais do sentido introduz correções nas concepções do sentido e pode até acarretar uma reestruturação fundamental dessas concepções (Bakhtin 2000:367).

Cultura, carne, sexo, gênero, linguagem, sentido... Tanto nas discussões de Bakhtin acerca da linguagem e dos gêneros (discursivos e literários) quanto nas pesquisas de Butler sobre o gênero sexual, podemos perceber a recusa à orientação para a unidade. Ambos autores convergem suas discussões para o processo em que são construídos os gêneros e, enquanto processos, não é possível defini-los em palavras exatas. Fica uma lacuna vocabular, pois a nossa dificuldade em deslocar nosso pensamento para pensar em processos é justamente porque nos escapam as classificações e categorias para fazer uma

taxionomia. Os gêneros (sexual, discursivo) são movimentos que escapam às classificações científicas, pois eles fazem um jogo constante entre estável e instável. Eles têm uma relação com as atividades e vivências humanas e não são fabricados assim como as identidades.

2.5 - GÊNERO SEXUAL E GÊNEROS DISCURSIVOS – QUE BABADOS SÃO ESSES?

Inútil me classificar.
 Eu escapulo fugindo.
 Gênero não me interessa mais.
 Eu quero o mistério.
 (*Visão do esplendor, Clarice Lispector*)

Por que esta discussão sobre gêneros? Primeiro, enquanto pesquisador e pesquisado e a relação com o meu objeto de estudo – a Parada GLBTT... de São Paulo – que envolve a complexidade da sexualidade, sobretudo as questões de gênero (além de outras: política, direitos etc), uma vez que estas deixaram de ser apenas discussões acadêmicas e estão presentes em revistas, em jornais, na televisão, na internet, etc o que tem gerado constantes perguntas e confusões. Por outro lado, enquanto professora de língua portuguesa há mais de 10 anos e inserida num contexto acadêmico de pesquisas, não posso deixar de me preocupar com as questões relativas ao ensino. Durante os anos de 2005 e 2006 trabalhei com professores do ensino fundamental e médio⁸¹ e as questões

⁸¹ No trabalho com a formação de professores que realizei na região do Vale do Ribeira / SP, tivemos também vários momentos de discussões sobre sexualidade e educação, temas estes não impostos por mim, mas trazidos à tona pelos próprios professores e presentes nos temas transversais dos PCNs. Partindo dos casos por eles relatados de discriminação e agressões a alunos gays e travestis dentro das escolas, assistimos aos filmes *Billy Elliot* e *Tudo sobre minha mãe*; lemos vários textos sobre sexualidade e escola (Louro, 1999; Moreno, 1999; Camargo, 1999; os livros infantis “And Tango Makes three” e “Menino brinca de boneca?”, dentre outros) e discutimos questões relativas à sexualidade e escola. Apesar de não impor os temas aos professores,

relativas aos gêneros discursivos, texto, textualidade, variação lingüística e gramática que as diversas pesquisas enfatizam - sobretudo a respeito dos gêneros discursivos e uma maneira “correta” de classificá-los e ensiná-los - têm sido motivo de em(de)bates. Então, o que proponho é articular uma discussão entre o gênero sexual que tem provocado diversas questões desde a origem do movimento feminista nos anos 60, e o gênero discursivo, uma preocupação que tem mexido com pesquisadores e professores para buscar novas perspectivas para o ensino. Creio que propor uma genealogia para o estudo dos gêneros sexuais e discursivos poderia ser interessante para buscar novos rumos para seu entendimento. Para isso tomo como referência dois pensadores: Butler que pesquisa sobre sexualidade e feminismo e Bakhtin que escreveu sobre linguagem e gêneros literários e discursivos.

Porém, antes de tomar estes autores, é necessário observar o que Foucault argumenta quando escreve a história da sexualidade. Ele retoma Nietzsche e faz uma investigação que chamou de genealógica. No entanto, o significado deste termo não se refere a um estudo linear ao longo da história para desvendar as origens, a verdade autêntica e ontológica da sexualidade, ao contrário, ele propõe um estudo sobre os vários discursos que são múltiplos e cujos pontos de origem são diversos. Conforme explica Deleuze na sua leitura da obra de Nietzsche (1976:2):

Genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor de origem e
origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto

considero a sala de aula o lugar de minha militância, tanto de questões relativas à linguagem quanto à sexualidade, pois a escola, enquanto instituição social, tem uma grande importância na vivência de nossa sexualidade. Embora a maioria não queira enxergar, muitos namoros começam no espaço da escola ou mesmo na sala de aula e sabemos, sobretudo nas cidades do interior, a grande quantidade de alunas grávidas.

dos valores tanto quanto o seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e vil, o alto e o baixo, este é o elemento propriamente genealógico ou crítico (...) Nietzsche espera muitas coisas dessa concepção de genealogia: uma nova organização das ciências, uma nova organização da filosofia, uma determinação dos valores do futuro.

Butler (2003) retoma os estudos de Foucault e afirma que, para estudar o gênero sexual por meio de uma genealogia, é necessário perceber que categorias como feminino/masculino não são estáveis e apenas uma análise em termos relacionais. Desse modo, a pesquisadora pergunta: *que possibilidades políticas são consequência de uma crítica radical das categorias de identidade? Ou ainda: como a linguagem constrói as categorias de sexo?* A saída que Butler propõe é, a partir de sua leitura dos atos performativos da linguagem de Austin, descaracterizar e dar um novo significado às categorias corporais por meio de uma série de práticas parodísticas⁸² baseadas numa teoria performativa de atos de gênero para que possam ser rompidas as categorias de sexo, gênero e sexualidade, o que ocasiona uma re-significação subversiva que vai além do binarismo mulher/homem, macho/fêmea. Assim, sendo gênero, o que cada um assume performativamente, masculino e feminino são categorias negociáveis, não

⁸² Butler considera a travesti como uma paródia da mulher, ou seja, de modo performativo, a travesti usa, às vezes de modo muito exagerado, o que temos como verdadeiro sobre a categoria mulher.

cristalizadas, nós é que cristalizamos. Há, desse modo, o performativo que é um processo que se dá por reiteração que não é apenas reiterabilidade ou repetição, mas iterabilidade, ou seja, iter = outro.

De modo análogo, Bakhtin (1998, 2000) no estudo sobre os gêneros literários e discursivos, enfatiza justamente para que não os categorizemos em unidades fechadas. Assim como Butler vê na paródia uma forma de re-significar os gêneros sexuais, Bakhtin explica que o plurilingüismo de gêneros considerados inferiores (fábulas, *soties*⁸³, canções de rua etc) parodiava e polemizava, além de exercer uma força centrífuga contra as línguas oficiais do seu tempo, ao passo que os gêneros poéticos, por exemplo, se desenvolveram dentro de uma corrente centralizadora e unificadora da linguagem.

A proposta do pensador russo, desde os seus primeiros escritos é não sistematizar a linguagem e torná-la uma abstração, como fez Saussure. Ao contrário, sua proposta é entender a língua(gem) como um fenômeno da interação social entre os interlocutores. Sendo assim, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (Bakhtin, 2000:279). Devemos atentar para os grifos do autor em tipos relativamente estáveis, ou seja, na interação verbal entre os interlocutores, os enunciados (orais ou escritos) possuem uma estabilidade em termos relacionais, mas não sistêmica, abstrata, divisível e analisável em partes, essencializáveis. Bakhtin (2000:279) completa:

A riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas,
pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável,

⁸³ *Sotie*, palavra francesa = Sátira de cunho social e político presente nos séculos XIV e XV.

e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Desse modo, sendo os gêneros do discurso uma expressão da linguagem humana, não seria possível dicotomizá-los, assim como Saussure dividiu língua (sistema) para ser o objeto “científico” da lingüística e linguagem (social) que, por ser heterogênea deveria ficar fora das estruturas a serem estudadas. Se pensamos a língua(gem) a partir dos estudos de Bakhtin não há razão em dividir língua e linguagem. Podemos até fazê-lo para fins didáticos, por exemplo, a língua francesa, inglesa etc. ou quando dizemos a linguagem de sinais, por exemplo. No entanto, a tentativa de esquadrihar os gêneros discursivos em estruturas “significativas” não é condizente com o pensamento bakhtiniano. Ao dizer gêneros primários e secundários, Bakhtin não está propondo uma classificação, tampouco uma hierarquia, afirmando que os orais são, digamos assim, gêneros menores por serem primários⁸⁴, e os escritos uma categoria superior por serem secundários. Um gênero pode ser considerado primário, a carta, por exemplo, em relação a um romance, quando esta aparece dentro daquele. Ou ainda, quando um conjunto de cartas “deixa de ser cartas” para constituírem o romance epistolar. Mas se em uma carta contém a reprodução de um bilhete, este será primário em relação à carta.

⁸⁴ Talvez a crença de alguns pesquisadores e professores de que há uma dicotomia naturalizada entre primários (inferiores, orais) e secundários (superiores, escritos), seja o ponto de partida para elaborar livros didáticos com base na noção de gêneros. Por exemplo, na quinta série haveria somente gêneros mais simples (bilhetes, cartas etc), com uma linguagem mais fácil até chegar ao ensino médio com os secundários mais complexos (reportagens, relatórios etc).

Podemos pensar em algo análogo na classificação de feminino (primário, oral, inferior) e masculino (secundário, escrito, superior)? Por ser escrito o secundário é superior, está na história, faz a história, a vida? O primário, por ser oral, não tem voz, se perde na sua inefabilidade, está submetido ao secundário que o absorve? Prefiro imaginar uma relação intergenérica entre masculino e feminino como mostra a canção de Gilberto Gil,

Um dia
 Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
 Que o mundo masculino tudo me daria
 Do que eu quisesse ter
 Que nada
 Minha porção mulher, que até então se resguardara
 É a porção melhor que trago em mim agora
 É que me faz viver (...)

Não é possível observar os gêneros (sexuais, discursivos) e encaixá-los nas categorias de verdadeiro ou falso, ou hierarquizá-los por ordem de importância, eles escapam a isso. Concordando com Nascimento e Silva (2005:101)

Não me parece que o gênero seja algo observável, aquilo que homens e mulheres “são”. Porque o “observável” aqui parece ser da ordem do constativo – e, se entender o gênero fosse o mesmo que constatar traços que caracterizam “homem” e “mulher”, então, a rigor, seria válido dizer que o gênero, uma vez constativo, pode ser entendido em termos vericonditionais. Haveria aquilo que se aplica e aquilo que não se aplica aos gêneros”.

Creio que, em se tratando de gêneros (sexuais e discursivos), não é possível ontologizá-los, dar-lhes um acabamento para torná-los *res extensa* a serem totalmente descritos pelas lentes clínicas de olhos cientificamente objetivos. Para quem acredita na positividade da ciência pura, na sua objetividade e imparcialidade talvez seja possível, como tem acontecido constantemente nas pesquisas com o ensino. Rodrigues Silva (2003:97), em sua pesquisa na área de ensino de língua portuguesa, afirma que almeja *contribuir para o desenvolvimento do ensino de gramática no estudo dos gêneros textuais*⁸⁵. Para empreender tal estudo o pesquisador se apóia em marcas gramaticais que são

concebidas como regularidades de uso de formas ou elementos lingüísticos semióticos na tipologia textual característica dos gêneros de texto. Essas marcas são cristalizações de processos sócio-históricos envolvidos na elaboração de textos, funcionam como pistas para a produção de sentido produzida a partir de textos. (2003:97)

Para ambos os casos, tanto gêneros discursivos como sexuais, a tentativa de estabelecer traços ou marcas que os definem é apenas caracterizar a linguagem que os constituem para torná-los homogêneos e decifráveis para o conhecimento geral. Melo (2003) realizou uma pesquisa para saber sob quais condições de produção os alunos se apropriam do gênero **notícia**. A pesquisadora escolheu (ela que determinou, não os alunos) um texto, fez uma explicação a respeito do gênero e explicou suas características mais evidentes para, em seguida, propor a atividade e apreender como os sujeitos demonstraram

⁸⁵ Alguns autores usam a terminologia gêneros textuais, como faz Marcuschi (2002) para diferenciá-los e compará-los às tipologias textuais.

conhecimento sobre o gênero e quais os recursos lingüísticos utilizados para a sua configuração. Esse exemplo nos mostra a tentativa de decifrar os gêneros, entender todas as suas partes e funções secretas para que os alunos possam, por meio do professor, vir a dominar a linguagem por dominarem os gêneros. Há uma metodologia ideal para desvendar o binarismo gênero discursivo, assim como “desvendamos” a língua(gem) pela análise gramatical? É pelo esquadramento de suas estruturas que o professor poderá fazer com que os alunos sejam capazes de produzir os variados tipos de gêneros e estarem aptos para a sociedade, como pretende o sistema educativo?

A metodologia que prevê o fenômeno também é utilizada para estudar sexualidade e gênero. Mas quando enuncio uma categoria (por exemplo, travestis de rua, prostitutas), já é uma violência marcada pela linguagem que fere o sujeito, uma carga que pesa. Então, enquanto intelectual, acadêmico, poderei falar por elas, essa categoria excluída, que não tem voz e quer um lugar, um espaço na sociedade? Seria necessário representá-las, criar um centro de apoio para que elas tenham existência? O problema surge porque no momento em que represento, crio uma ontologia, uma aparência de natureza essencial e posso deixar de lado o trabalho sócio-histórico que é realizado para criar as categorias: travesti, negros etc. Quando essas categorias excluídas são evocadas, podem ser para servir a um propósito acadêmico, por exemplo serem objetos de estudos científicos. Então, pode-se criar um grupo de estudos sobre sexualidade, por exemplo, e a partir daí encaixar todas as pesquisas categorizantes: trans, putas, gays, lésbicas. A lógica é do incluir para excluir? Mas coletar um corpus, descrever uma teoria e analisar o corpus, de preferência com muitos números,

como revelou em 28/06/06 a reportagem do programa Fantástico da Rede Globo afirmando: *os números de uma pesquisa nacional trazem uma boa notícia contra a intolerância. O índice de preconceito do brasileiro contra homossexuais diminuiu, seria suficiente? Como afirma o escritor José Saramago, tolerar a existência do outro, e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.*

De maneira similar, os gêneros discursivos, mesmo sendo extremamente variáveis, indo desde uma conversa cotidiana a um romance em vários volumes, os pesquisadores insistem em buscar uma classificação para torná-los objetos de mensuração científica, ordenação, para, em seguida, passá-los aos professores desatualizados em programas de reciclagem. Manfrim (2005:19-20) chama a atenção para o caráter fechado das propostas dos estudos dos gêneros discursivos que alguns pesquisadores se propõem: eles coletam um corpus com vários tipos de gêneros, analisam e descrevem cientificamente os “achados” para depois trabalharem em sala de aula com os alunos. Ou seja, se ontologizo os gêneros, eu posso achar as suas marcas, assim como analiso a língua (sintática ou morfológicamente) e encontro todos os componentes e posso escrever gramáticas, livros⁸⁶, ensinar e transformar a educação.

Assim como não são as marcas gramaticais que definem os gêneros discursivos, também não são as marcas anatômicas “reais” e “literais” (seios,

⁸⁶ Veja, por exemplo, o sucesso que tem feito livros de como falar/escrever corretamente. Ou ainda a popularidade assombrosa que o professor Pasquale conseguiu em seus vários programas de televisão, gramáticas, livros e artigos em revistas e jornais de circulação nacional.

pênis, vagina) que definem os gêneros sexuais. Butler (2000) afirma que as categorias de masculino e feminino são negociáveis, fluidas. Poderíamos perguntar: que traços são definidores a priori de homem e de mulher? Se sim, em que momentos esses traços foram dados, adquiridos? Por deus, um superior soberano? Butler (2003) argumenta que é pelos atos performativos do corpo que o gênero sexual é composto. Felman (1980) acrescenta que o corpo, por ser um corpo falante, provoca escândalo em seus atos performativos de gênero. Em uma reunião dominical do Grupo Identidade⁸⁷ quando discutíamos sobre sexualidade, perguntamos às travestis presentes como elas se sentiam: homem ou mulher. A travesti Janaina respondeu: *eu me sinto mulher, mas tem dia que acordo e num estalar de dedos sou homem*. Já a travesti Bianca disse: *eu sou toda mulher, sou passiva, mas não quero cortar meu pinto*. Butler (2003:195) ao analisar a representação do corpo afirma que *a travesti subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da idéia de uma verdadeira identidade de gênero*. Como poderíamos classificar esses corpos que escapam? São irreais, fora do modelo, devemos olhá-los pelas lentes clínicas e biológicas para colocá-los em um CID⁸⁸?

Se pensamos que os elementos dos gêneros discursivos (composição, estilo, tema), existem *a priori*, assim como os elementos que compõem o corpo

⁸⁷ Grupo da Cidade de Campinas /SP de Ação pela Cidadania Homossexual. É uma ONG que é gerida por um colegiado composto por coordenadoras e seus membros, cuja associação é voluntária. O site é www.identidadedecampinas.hpg.ig.com.br

⁸⁸ CID - Código Internacional de Doenças que classifica todas as doenças. Por exemplo, transexuais são classificados pelo CID como “transtorno de identidade de gênero”. Embora a homossexualidade não figure mais no código como doença desde 1985, há ainda um código para a “homossexualidade aguda distônica” – o homossexual que tem angústia por não se aceitar, o que significa que pode ser tratado. A Associação Brasileira de Psicologia aboliu o tratamento para curar homossexuais, embora ainda haja psicólogos que trabalhem em igrejas e proponham cura para a homossexualidade.

(seios, vagina, pênis) formam o gênero sexual, estaríamos enfocados no funcionamento, de algo que existe anteriormente, em um sistema que nos dá algo. Por que não poderíamos olhar para os gêneros discursivos como um todo com seus elementos ou partir do corpo, também como um todo não restrito à pele? Por que não poderia haver um diálogo masculino e feminino? Assim, teríamos espaço para uma desestabilização e recontextualização dos conceitos de masculinidade e feminilidade tidos como naturalidades. O fato de um gay dizer que gosta que seus garotos sejam garotas, não implica simplesmente que está copiando ou imitando o modelo heterossexual. Como explica Butler (2003:177), é essa justaposição dissonante e a tensão sexual gerada por sua transgressão que constituem o objeto de desejo, por parte de um “corpo masculino” culturalmente inteligível, pois está fora da matriz compulsória e reprodutiva da heterossexualidade.

Quanto aos gêneros do discurso, Bakhtin chama a atenção para a sua capacidade de transformação e diálogo entre eles - algo que ocorre como visto acima com a sexualidade - ou seja, eles estão em constante movimento, não são entes autônomos e autênticos que podem ser decifrados à luz de categorias gramaticais que já são consideradas artificiais e não dão conta da complexidade dos enunciados da língua. Como enfatiza o autor

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). (...) durante o processo de sua formação, esses gêneros

secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (2000:281)

O diálogo cotidiano presente em um romance, só fará sentido se eu tomar o romance como um todo, ou seja, o romance não é um *a priori* secundário que suplanta um primário, inferior. O fato de um gênero transmutar um outro evidencia um conceito importante da arquitetura bakhtiniana – o de polifonia. O romance é constituído pela linguagem que é um sistema de signos abertos, assim ele se torna uma unidade aberta e não um sistema fechado.

De maneira semelhante, se pensamos que o sexo é a nossa unidade, podemos fazer uma dicotomia com sexo/gênero. Porém, à medida que uma teoria crítica do gênero emerge e o mostra como algo construído socialmente, fluido, as categorias masculino e feminino ficam abaladas. Um homem pode significar um corpo feminino ou masculino e mulher um corpo tanto masculino quanto feminino, como por exemplo, no caso da transexualidade, especialmente FTM – *female to male*. Assim como modelamos nossa fala às formas do gênero discursivo que são maleáveis, plásticas e não estáveis e normativas como as formas da língua, podemos afirmar que não modelamos nosso gênero sexual a partir de um sexo normativo, padrão. O gênero sexual é também plástico e escapa aos contornos do corpo que parecem rígidos e estáveis. Então, se a linguagem é polifônica, o corpo que fala e responde a essa linguagem não poderia ser poligênérico (seios, pinto)?



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Para discutir identidade e gêneros, devemos pensar em processo e não em um produto e seu funcionamento que são descritos e analisados de acordo com a ciência moderna e seu relógio cronometrando tudo em um tempo reversível. Essa crença pode constatar-la em uma frase bastante conhecida que ouvi de um fisioterapeuta quando fazia tratamento para a coluna vertebral: *o nosso corpo é um relógio, uma máquina que funciona perfeitamente*. Mas não poderia haver uma nova possibilidade de uma ciência da irreversibilidade do tempo, do caos e da desordem, com estruturas abertas como propõe Prigogine ou uma ciência mais próxima da (est)ética como propõe Boaventura de Sousa Santos?

CAPÍTULO 3 – OS CAMINHOS E SUAS HISTÓRIAS

Foto de fevereiro de 1998 – Lê-se no espelho: Welcome to Stonewall: where it all began – June 28 1969 (Bem-vindos ao Stonewall: onde tudo começou – 28 de junho de 1969).

3 - VIAGENS GERAIS E NARRATIVAS METODOLÓGICAS

Viaje por los estados⁸⁹

Walt Whitman

Viajes por los Estados emprendemos
 (siempre por el mundo, impulsados por estos cantos,
 zarpamos hacia todos los países, hacia todos los mares),
 nosotros, discípulos espontáneos de todos, maestros de todos
 y amantes de todos.

Hemos visto a las estaciones ofrecerse y pasar,
 y hemos dicho: ¿por qué un hombre o una mujer
 no hacen lo que las estaciones y se ofrecen como ellas?

(...)

Nos decimos: recordad, no temáis, sed sinceros,
 Mostrad el cuerpo y el alma,
 demorad un rato y pasad, sed copiosos, sobrios,
 castos, magnéticos,
 y que lo que ofrezcáis vuelva como vuelven las
 estaciones,
 y que sea como ellas.

Na década de 90, quando eu era estudante de graduação lá em Minas e estudava literatura francesa, fiquei muito entusiasmado ao ver, pela primeira vez, a apresentação de uma comédia. Foi com muitos risos que assisti por duas vezes à peça *O doente imaginário*, escrita por Molière no século XVII. Hipocondríaco, Monsieur Argan, mesmo não sendo doente, acredita sê-lo e sempre necessita de um médico para lhe dar receitas. O farmacêutico vai sempre a sua casa aplicar as ordens médicas e se o doente melhora ou não, não interessa, o importante é que

⁸⁹ Whitman (1998).

o método está sendo empregado, seguido. A mulher de Argan finge acreditar nas doenças do marido e espera sua morte para livrar-se dele. A comédia termina com o próprio doente se fazendo médico em um ritual carnavalesco, já que não encontrava médico que pudesse aplicar-lhe o método de modo a curar sua doença. Béralde, o irmão de Argan, lhe explica: *não te preocupes com o saber sobre as doenças e os remédios, quando você colocar o jaleco de médico passará a conhecer tudo e toda besteira se tornará razão*⁹⁰. Não havia como não rir da peça, da figura do médico, do farmacêutico, do doente e sua obsessão pelo método...

Ano de 2005... durante meu curso de pós-graduação na Unicamp conheço Fábio – médico renomado, pós doutorado em Harvard, pesquisador importante no cenário nacional e internacional. Ele sempre teve muitas dúvidas sobre a minha pesquisa de doutorado. Ele olhava de soslaio, pegava com desdenho os livros que eu lia, folheava, ria sarcasticamente e não fazia perguntas, mas sempre relatava a importância de suas pesquisas, de suas verbas conquistadas, das suas participações em bancas, de suas excelentes aulas, de seus inúmeros congressos no exterior sempre falados em inglês, do seu arrependimento de não ter ficado em Harvard quando esteve lá e foi convidado etc.

Certa vez, em um diálogo, eu lhe perguntei sobre seu projeto de pesquisa, o que era importante para ele em uma tese. Com ênfase ele me respondeu: - *o método*.

⁹⁰ Molière. Oeuvres complètes. Paris: Flammarion, 1979.

*Na minha área a primeira coisa que a gente escreve é a metodologia. Então, quando vou ler uma tese, vou direto na metodologia.*⁹¹ Calei, ponto final.

Ano de 2006, o doutor Fábio, entusiasmado e orgulhoso de seu trabalho, me diz: - *olha, saiu um artigo sobre minha pesquisa em uma importante revista, te mando depois.* Quando vi o artigo, achei interessante os desenhos de crianças ilustrando as páginas. Mas não me enganei, das crianças não haviam nada, eram meros objetos, meras ilustrações, elas não eram sujeitos. Delas, abstraíram um órgão doente (pulmão), por meio de um método para que fosse tratado, classificado e categorizado; enfim, estaria atingindo uma parte do corpo e curando uma doença. Se morressem, o método estaria sendo seguido e aplicado. De fato, o *paper* descreve, analisa uma doença que deve ser diagnosticada, tratada, curada. As crianças não existem para os especialistas que escrevem o texto, apenas seus órgãos enfermos são cuidados por eles. Se não fosse uma nota de rodapé explicativa, os desenhos ilustrativos do texto poderiam ser de quaisquer crianças, pois eles não dialogam com o *paper*, estão à parte, enfeitam apenas.

Estações passadas nos cerrados das Gerais, locais longínquos onde se chegava somente pelo lombo de burro, longas viagens. Em um desses cerrados vivia Dona Mariinha que era conhecedora das vidas do seu rincão e falava das fases da lua e sua *infruença para as prantação...* Assim como sabia contar inúmeras histórias, repetidas vezes, também sabia milhares de chás, ungüentos, óleos e banhos das prantinhas que tirava do mato, do cerrado ou da sua horta. Pariu onze vezes na grotta onde vivia e as suas plantas, dizia ela, *era abinçuada...* Cuidou de todos os

⁹¹ As partes dos diálogos aqui transcritos, narro segundo minha memória.

onze filhos com chás, óleos e azeite que ela mesma preparava. Quando eu já era maior e a ajudava no preparo do azeite de mamona, ela me contava: - *quando oceis nascia eu já tinha tudo pronto: a tizora limpa pa cortá o umbigo, o pó de café e o azeite de mamona pa curá o umbigo e ninguém nunca teve pobrema, todo mundo tem o umbigo são.* Para tudo havia um chá, já que médico não se conhecia por aquelas bandas. Cresci bebendo muitos chás, vendo as plantas crescerem, o carinho dela para com as plantas, seus aromas, suas qualidades... *Essa serve po figo, essa pa marelão, essa pa....*

A vizinhança sempre batia à porta de Dona Mariinha e pedia *um trem para miorá o seu fio.* Eu observava os seus gestos, sua atenção. Ela pegava a criança com carinho no colo, acariciava... Quando a criança sabia falar, ela lhe perguntava o que tinha, o que estava sentindo; conversava com a mãe; não abstraía a doença, ela olhava para o ser humano que estava diante de si e tinha fé que podia ajudá-lo... Como diziam os vizinhos, ela sabia adivinhar... Ela não aplicava método pré-existente, ela utilizava-se da metodologia do afeto, ela queria ajudar a mãe que estava triste com o filho doente, ela queria aliviar a criança de algum mal, ela só tinha o conhecimento do mundo, da experiência que lhe foi passada sobre as plantas, os óleos, o amor, o afeto, as formas de vida... E que perdemos ...

3.1 - QUAL O SEU MÉTODO?

Lisbon revisited⁹²
(Álvaro de campos) 1923

⁹² In: Berardinelli (1990).

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)
Das ciências, das artes, da civilização moderna!
Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-na!
Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?
Não me macem, por amor de Deus!
Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?
Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!
Ó céu azul o mesmo da minha infância,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.
Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo ...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

Imaginemos...

A literatura é considerada o lugar da subjetividade, da paixão, do poético, enquanto a ciência moderna ficou com a objetividade do método, da verdade, do rigor, da transparência. Já a lingüística, mesmo se a pensarmos próxima da literatura, buscou a aproximação com a ciência moderna, o rigor matemático. A descrição da língua como sistema feita por Saussure veio dar o caráter científico tão almejado que os lingüistas desejavam e, desse modo, completou a classificação racional da gramática de Port Royal. Então, limpa de sua subjetividade, a língua pode ser, por meio de descrições e métodos rigorosos, classificada, categorizada, analisada? Para os cientistas da língua que a vêem como um fenômeno natural e autônomo, onde há interação somente entre os sistemas, é possível.

Antes mesmo da lingüística, as ciências sociais também recorreram aos princípios metodológicos e epistemológicos da ciência moderna. Diversos pesquisadores⁹³ afirmam que a metodologia científica entra na lingüística via sociologia. Segundo Kuhn (1998), as ciências sociais, por seu caráter pré-paradigmático (podemos entender como falta de rigor, de método), se encontram atrasadas em relação às ciências naturais, uma vez que estas possuem um paradigma científico rigoroso a ser seguido. Ora, adotar um modelo científico para

⁹³ Ver CAMERON et al. *Researching language: issues on power and method*. London and New York: Routledge, 1992.

trabalhar com fatos sociais pode gerar obstáculos, pois conforme observa Sousa Santos (2003:20)

As ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada; as ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; as ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele adquirem; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam captar pela objetividade do comportamento (...).

Mas, não é de espantar que ainda hoje, em pleno século XXI, tem *status* aqueles pesquisadores da lingüística que seguem o modelo estruturalista sausseriano, separam linguagem da língua (sistema de regras) e esta de fala e descrevem cientificamente as regras do sistema. Ou ainda, aqueles que seguem as leis universais da gramática. A língua(gem) enquanto fenômeno social⁹⁴ e histórico, viva na interação entre os falantes, ainda é pouco considerada, ou vista como assunto de relativistas como afirmou João Gabriel de Lima na revista *Veja* em 7/11/2001, defendendo o professor Pasquale e Reinaldo Polito com suas normas e regras do bem falar e escrever. Aqui surge outro ponto fundamental para a ciência moderna: a escrita científica deve ser limpa de subjetividade, sem marcas sensíveis de emoções e paixões, denotativa, sem vulgaridades. A depuração da

⁹⁴ Cameron et al (1992) argumentam que a pesquisa em lingüística é sempre social, o que está em consonância com uma concepção social da linguagem.

escrita se consolida após a invenção da imprensa e todos os elementos ligados à oralidade e gestualidade foram considerados não adequados para serem postos no papel, sobretudo para uma escrita científica, conforme explica Ginzburg (1989:157).

Se a lingüística seguiu/e esse modelo científico, seja saussuriano ou chomskiano, o ensino de línguas tem se apoiado na etnografia⁹⁵, vinda da antropologia, sobretudo a partir dos estudos de Malinowski. No entanto, apesar de a lingüística aplicada tentar buscar ser autônoma e ter sua epistemologia própria, muitos pesquisadores desta área se fecham dentro da própria proposta metodológica etnográfica⁹⁶. Ao estabelecer os princípios e passos para a coleta de dados (ir a campo, anotar, gravar, transcrever, escrever diários na linguagem acadêmica, aplicar questionário, fazer triangulação dos dados etc), descrição e análise dos dados, o pesquisador acredita ser objetivo e, no afã de buscar uma autoridade para o seu estudo, pode cair nos mesmos obstáculos impostos às ciências sociais. Ele deve estar fora para observar e registrar e, em seguida, fazer uma tradução fiel com controle total sobre a qualidade dos relatos (Clifford, 2002).

Neste trabalho, busco fazer algo que poderia chamar de auto-etnografia que permite uma construção ao longo do percurso; é uma observação participante dialógica, ou seja, o esforço é não excluir interior e exterior. Ao contrário, são essas duas forças dialéticas que permitem o dialogismo próprio da linguagem que constitui pesquisador e pesquisado. Como diz o poeta *não me apregoem sistemas completos*. O trabalho de campo consistiu em ir à rua, viver a linguagem viva do

⁹⁵ Ver DENZIN & LINCOLN. *The landscape of qualitative research: theories and issues*. London: Sage, 1998.

⁹⁶ Sobre a pesquisa etnográfica em língua estrangeira ver CAMARGOS, 2003.

grupo, ouvir as histórias, as gentes, as festas, dialogar, amar, voltar e narrar o que vivi, rir de novo, ver o novo, renovar, viajar com Whitman por outros estados. Procurei não me enclausurar em métodos e regras. A proposta é romper as amarras e ser livre para mergulhar na linguagem, na sua vida e nas suas (contra)palavras prenhes de coisas para nos mostrar, ser pessoalmente doido com todo direito a sê-lo, assumir o encontro entre o homo sapiens e o homo demens, isto é, jamais cessar em mim *o diálogo entre sabedoria e loucura, ousadia e prudência, economia e despesa, temperança e “consumação”, desapego e apego* (Morin, 1997:13). Tampouco quero que me peguem no braço e me conduzam por métodos e técnicas do bem fazer, do bem falar, do bem argumentar para gerenciar razão e emoção como propõe Antônio Suárez Abreu (1999). Quero *é aceitar a tensão dialógica, que mantém em permanência a complementaridade e o antagonismo entre amor-poesia e sabedoria-racionalidade* (Morin, 1997:13). Enfim, ser o pesquisador que vive o risco da tensão entre o dionisíaco e o apolíneo.

Como se trata aqui de um estudo qualitativo que busca uma compreensão de um fenômeno humano que tem natureza subjetiva e, diferente dos fenômenos naturais não é meramente quantificável ou reduzível a categorias, é necessário esclarecer que *subjetivo não é simplesmente individual, alienado, isolado de um contexto social. Subjetivo significa, na perspectiva da teoria da atividade, ser autor da sua imaginação, da sua experiência e de seu conhecimento.* (Benites et al, p. 47).

É nessa perspectiva do sujeito da experiência que se deixa tocar, que faz travessias e vive suas paixões e as trans-forma, como explica Larrosa (2004), que

o pesquisador e pesquisado aqui se constituem; não um excluindo o outro, mas dialogando. Essa estratégia pode ser também uma forma de constituição da subjetividade para responder perguntas e continuar a fazer novas perguntas.

Como explica Oliveira (1995:32-33),

Elege-se com isso uma sorte de saber negociado, produto de relações dialógicas, onde pesquisador e pesquisado articulam ou confrontam seus respectivos horizontes. As interpretações geradas “nesse encontro” (...) obedecem à dinâmica daquilo que os hermenutas chamam de fusão de horizontes. E o texto que procura elaborar como resultante final desse confronto (termo quem sabe melhor do que encontro) não pode estar mais submetido a um autor todo soberano, único intérprete de seus dados; mas deve integrar de alguma maneira o saber do outro e, se possível, ser polifônico, onde as vozes dos outros tenham a chance de ser ouvidas.

E, por assumir uma polifonia que constitui o pesquisador, várias outras vozes podem ser ouvidas, deixam suas marcas nos diversos tipos de dados gerados (diários, entrevistas⁹⁷, conversas de rua, discussões em grupo, recortes de jornais etc). Assim, à medida que o pesquisador dialoga com os dados e estes entre si, a investigação empreendida não separa o pesquisador e o pesquisado, ao contrário, os revitaliza, *uma vez que a própria biografia deste último pode ser a*

⁹⁷ Durante as entrevistas, evitei elaborar previamente questionários de acordo com os modelos (estruturado, semi-estruturado etc). Por exemplo, quando conversei com as pessoas que foram na primeira Parada, pedi a elas que me narrassem a sua experiência. No entanto, não estou tentando ou afirmando uma imparcialidade absoluta e auto-controle de pesquisador, uma vez que, ao usar a linguagem, estamos interagindo, respondendo e perguntando.

autobiografia do primeiro. (Oliveira, 1995:34). Ou como esclarece Schnitman (1996:17),

Sentir-se partícipes/autores de uma narrativa, da construção dos relatos históricos, é uma das vias de que dispõem os indivíduos e os grupos humanos para tentar atuar como protagonistas de suas vidas, incluindo a reflexão de como emergimos como sujeitos, de como somos *participantes de e participados pelos* desenhos sociais. (grifos da autora)

Pode-se dizer, então, que experiência e interpretação permitem construir lugares discursivos de diálogo, pois ir a campo significa trabalhos com a linguagem aqui entendida como um sistema aberto (Geraldi, 1997) e inscrita em uma cultura que é uma unidade também aberta e, em contato com outras culturas, leva não a uma exclusão ou apagamento, mas um enriquecimento (Bakhtin, 2000). Isso difere tanto da visão totalitária e objetiva de cultura que considera uma linguagem neutra, transparente quanto de uma visão subjetiva de cultura, apoiada em uma linguagem também subjetiva, cuja totalidade e autenticidade pode ser desvendada pelo grupo (que vive nessa cultura) ou pelo olhar do etnógrafo.

3.2 - Diário 1 - 2001

Estrada – Cidade Negra

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas
Antes de dormir, eu não cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio

Chorei ei ei ei

Ei ei ei ei ei ei ei

A vida ensina e o tempo traz o tom

Pra nascer uma canção (...)

Cheguei em Campinas, a cidade gay como dizem, em 2001 para fazer o mestrado em lingüística aplicada - língua estrangeira. Logo no início, encontrei uma informação sobre um grupo gay da cidade. Liguei e o moço – Paulo Reis - veio até minha casa, não sei para um rendez-vous informativo do grupo ou... eu estava sozinho na cidade, meus amigos tinham ficado lá em minas. Achei ótimo a idéia de poder participar das reuniões dominicais do grupo, conhecer gente nova, sei lá...

Na primeira reunião rolou o assunto sobre a parada gay de sampa, como organizar o pessoal para ir, os ônibus, e também como poderia acontecer a primeira parada aqui em Campinas. A pergunta do grupo era: como vamos nos organizar? Fiquei de orelha em pé pensando como seria essa parada. Aqui em Campinas? Eu iria? Me veio um monte de questões sobre a parada que até então não tinha visto na mídia ou jornais lá em Minas. Embora em Minas eu frequentasse o gueto desde os 19 anos, somente nos Estados Unidos, durante minha permanência de 6 meses, vivi e conheci muitos aspectos da vida gay, da política, direitos, consumo e entendi um pouco os “movimentos”. O que se ouvia nos Estados Unidos era: nós o país da liberdade.

A parada de 2001 aconteceu em sampa e aqui em Campinas e fiquei muito curioso, mas não tive como ir por falta de dinheiro, problemas de trabalho, moradia. Mas olhei nos jornais escritos e vi algo que me interessou: a Martha Suplicy, a mulher da política e autora do projeto de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, abriu a Parada. ela enfatizou que deveria aumentar a programação para todo o mês de junho, pois “São Paulo pode ser um pólo turístico nesse sentido, que atraia pessoas, que leve gente para os nossos hotéis e restaurantes”.¹ Então, comecei a falar com uns amigos sobre a parada. Ai um amigo meu - Zacchi – disse: - por que você não estuda essa questão da carnavalesação na parada? Como diz lá nas minhas bandas – fiquei caquele trem matutano aqui na caçola. Mas o tempo era do mestrado e tinha que me virar na cidade, no curso para depois pensar em doutorado, em outras questões, em outros movimentos...mas continuei frequentando o grupo identidade, ouvindo o pessoal de lá, passei a frequentar o gueto e conheci um monte de gente interessante, entrei e embriaguei na cidade ...

1 – Excerto do jornal Estado de São Paulo de 18/06/01

A errância do *flâneur*, esse homem que busca a multidão, observa o mundo apaixonadamente, que sai do subterrâneo para admirar/contemplar a cidade, caminha e não tem uma direção única, faz travessuras, procura novos caminhos e seus métodos se desfazem/refazem pelas suas caminhadas, trilhas, passos, percalços. Ele não segue um caminho linear, tudo são embricamentos. Em suas experiências e aprendizagens complexas e em seus devaneios solitários, *o viajante passará noites ruins e se sentirá cansado, encontrará fechada a porta da cidade, ouvirá rugir as feras do deserto enquanto um vento gelado castigará seu corpo* (Morin et al., 2003:22). Ele aprenderá que a estrada não é reta, há montanhas, precipícios, rochas e o método para se chegar irá se des-cobrir e revelar muitas diferenças; há um constante aprendizado entre caminhante e método que se faz na complexidade para se chegar e partir novamente. Tudo se transfigura, o mundo dissolve e não se pode simplesmente reduzir ou deduzir um caminho *a priori* certo de ida e volta. À medida que se caminha, o tempo escorre e flui, há um descontínuo e não se pode voltar à origem e ter o mesmo tempo inicial. Parafrazeando a música de Milton Nascimento, chegar e partir são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida. E nesse vai e vem a hora do encontro é também despedida, pois tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais, tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar. Assim, todos os dias é um vai e vem e a vida se repete na estação, e a plataforma dessa estação é a vida desse nosso lugar. E, se há algo bom nessas viagens empreendidas entre as estações que sempre voltam renovadas e a estação do trem é poder partir sem ter planos; melhor é poder voltar quando

desejarmos e sentir que a espiral da vida está em constante movimento; é isso que nos faz mover, caminhar para as perspectivas de futuro... Entrar na cidade é uma viagem e a volta, não é simplesmente retomar o caminho já percorrido e conhecido, é realizar outra viagem, (re)descobrir os caminhos.

3.3 - Diário 2 - 2002

Caminando - Nicolás Guillén (Cuba)

Caminando, caminando,
¡Caminando!

Voy sin rumbo caminando,
Caminando;
Voy sin plata caminando,
Caminando;
Voy muy triste caminando,
¡Caminando!

Está lejos quién me busca,
Caminando;
Quien me espera está muy lejos,
Caminando;
Y ya empeñé mi guitarra,
¡Caminando!

Ay,
Las piernas se ponen duras,
Caminando;
Los ojos ven desde lejos,
Caminando;
La mano agarra y no suelta,
¡Caminando!

Al que yo coja y lo apriete,
Caminando,
Ese la paga por todos,
Caminando;
A ese le parte el pescuezo,
Caminando,
Y aunque me pida perdón,

Me lo como y me lo bebo,
 Me lo bebo y me lo como,
 Caminando,
 Caminando,
 ¡Caminando!

Este ano eu fui no grupo Identidade varias vezes. Ouvi várias discussões e palestras. Graças à bolsa do mestrado fiquei tranqüilo e pude ir na parada de sampa, de Campinas e no gay day no hopi hari. Um ex-namorado de um amigo me disse para ir na parada nos ônibus que saem do largo do rosário porque era o mor bafon, a gente com as travas, todo mundo na mor ferveção. Comprei meu ticket antecipado e no dia fui sozinho esperar. Fiquei assim meio ressabiado com tanto fervor. Enquanto esperava, o pessoal de Campinas lotou a praça e fazia a festa; as travecas surgiam de todos os cantos com seus modelitos super mini em plena manhã. Eu fiquei quietinho olhando. De repente, vi um colega da unicamp passando, mas ele não falou comigo, acho que ficou com medo. Os ônibus saíram lotado e todo mundo na mor agitação. Fiquei o tempo todo observando as brincadeiras que o pessoal do ônibus fazia com o pessoal da rua: ei bofe gostoso, vamo pra parada meu bem! Quando chegou em sampa a agitação tomou conta de todo o ônibus. Quando o ônibus parou, eu saí sozinho e me senti perdido na multidão que já invadia a paulista, não sabia para onde ir, o que fazer: perguntar, ler os cartazes, pegar os panfletos. Acho que tudo serve como material e enchi a bolsa. Vi alguns amigos de Minas, mas todo mundo loco andando, indo, vindo: tchau depois a gente se vê ai. Fiquei impressionado de me ver ali no meio da paulista TRANSformada, TRANStornada com tanta gente diferente e eu era um deles, me perguntei. O som já tinha começado e muuuuuta gente descia a paulista para se concentrar perto da gazeta mercantil e já dançar antes mesmo de sair os trios elétricos. Decidi ir comer, pois sabia que a festa seria agitada demais. Comi ali mesmo na paulista em um restaurante do conjunto nacional – paulista esquina com augusta. Quando terminei, a paulista estava tomada. Ai resolvi ficar ali na esquina vendo os trios passarem, ouvindo o barulho, as conversas das pessoas da cidade que passavam, sorriam, zuavam, zombavam, escrachavam, dançavam, bebiam. Nunca tinha visto tanta agitação na rua de uma só vez. Cores, fantasias, brilhos, musica alta, corpos desfilando e brilhando seminus. Eu fiquei olhando e vi tudo se misturar, não tinha diferença de quem olhava, quem estava na festa, tudo era loucura total. Como não tinha máquina, não pude tirar nenhuma foto. Sentei para admirar tudo que passava diante dos olhos. Antes mesmo de acabar todos os trios, já era noite e eu desci para a praça da república, via augusta para evitar a multidão, o ponto de encontro onde haveria um show, mas eu tinha que voltar conforme combinado com o pessoal do ônibus.

Fiquei pasmado com tanta gente na república, mas não pude ficar para ver o final. Encontrei um amigo de Minas que estava desvairado no meio de tanta gente. Passei na Vieira de Carvalho, a famosa rua gay, conversei com algumas pessoas, um moço me contou sobre a Parada que ele viu em Nova York, sobre o desfile de lá onde a rua é fechada e os grupos (gays bombeiros, policiais etc) desfilam. mas o cansaço me tomou e eu tinha que encontrar o pessoal do ônibus e voltar para casa. O pessoal do ônibus tava quebrado, mas todo mundo voltou contando dos beijos, dos amassos, de quem viu, quem estava, o que fez. Eu fiquei só escutando os casos, imaginando os sabores, odores, sem rancores, regados a muitos lícores.

Depois da parada dia 01/06/2002 fui no gay day no hopi hari. Eu fiquei meio perdido olhando tanta gente, a mídia correndo atrás das drags que subiam nos brinquedos. Os casais andavam de mãos dadas, se acariciavam, beijavam. Muitas famílias ficavam assustadas, pois acho que não sabiam que era o dia gay do parque. Eu conversei com uma funcionária que estava limpando o parque e ela me disse que todos os funcionários foram informados sobre o dia gay: “eles falaram para não ficar olhando demais, porque são normais assim né, houve no ano passado, mas teve baixaria, o guarda pegou”. Eu até arrisquei subir em alguns brinquedos com um casal de lésbicas e dois amigos que estavam comigo. Quando subiam nos brinquedos todos gritavam: hey, hey, hey, o hopi hari é gay!! Franco, um dos organizadores do gay day me disse: - “essa idéia veio dos Estados Unidos porque já acontece há muito tempo a mesma coisa na Disneyworld.” De fato, lembrei que me contaram isso quando estive nos Estados Unidos.

Também acompanhei a parada gay de Campinas que desceu a barão de Jaguara. O que me chamou a atenção foi o moço do trio gritar pelo microfone: “em 29 de junho de 1969 a polícia invadiu um bar na cidade de nova York, houve uma rebelião e os gays não aceitou ser maltratado... desde então estamos na luta pelos nossos direitos”. Fiquei um pouco com medo de ir até o final, apenas segui pelo passeio da rua. Não tinha muita gente seguindo o trio elétrico. O povo na rua olhava com cara de assustado. Outros diziam palavrões.

Eu não sabia quem o era aquilo tudo que eu havia visto, vivenciado, mas estava decidido que queria estudar a parada. Como?

Conversei com a minha amiga Cloris e ela escreveu para o professor Geraldi e ele marcou um horário para conversar comigo sobre o projeto de doutorado. Fiquei morrendo de medo e não sabia o que iria falar. Medo da minha diferença, medo dele, do meu tema... eu o conhecia somente pelos textos do livro “Na sala de aula” que havia trabalhado em 1996 quando dei aula de português. Ele me disse que idéia era legal e que poderia fazer o projeto. Fiz o projeto sobre a parada de São Paulo e fui fazer a disciplina do professor Geraldi. Fui aprovado para o doutorado em lingüística com o projeto sobre a parada gay: partir novamente para um novo caminho. Agora eu teria mesmo que voltar o ano que vem na parada – pensei

comigo mesmo quando vi o resultado.

Caminhar por caminhos novos, sentir, olhar e buscar as pistas. Eis o trabalho de um caçador como descreve Ginzburg (1989). Quando se embrenha na floresta ele agacha, cheira, toca, há muitas pistas e ele deve gerar dados e não simplesmente coletá-los. Como explica Mason (1997), uma pesquisa baseada em indícios, sobretudo a qualitativa, gera dados baseados em métodos flexíveis e sensíveis ao contexto social no qual são produzidos, diferente de algumas formas de pesquisas experimentais baseadas em métodos rígidos, situados em um contexto social considerado rigidamente estruturado e natural. Ou seja, se os dados já existem a priori, se já tenho um método pré-existente para analisá-los e dizer a verdade sobre eles, basta fazer a coleta no mundo natural onde já estão prontos. Nesse caso, há uma decifração, uma volta ao passado para ver uma verdade, demonstrar um conhecimento.

Mas, no processo de geração de dados, que não estão prontos para serem decifrados, entra em jogo o processo de interpretação, reconstituição de movimentos feitos ao longo dos caminhos, uma vez que *ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras pré-existentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição* (Ginzburg, 1989:17).

Sendo o método aberto, ele traz consigo o imprevisto e exige muitas travessias, improvisos, idas e vindas, encontros, desencontros, diálogos. E, nesses diálogos, pode-se, ao invés de decifrar um passado, adivinhar e apontar para um futuro. E, se os caminhos são de pedra como os de Cora Coralina, e nos

esmagam, não devemos temê-los, devemos levantar a pedra por meio da linguagem cotidiana de nossas experiências para trilhar novos caminhos e seguir *caminando* como dizem os versos de Guillén, farejando os ecos passados de rastros de caminhos outros, buscando novas aprendizagens e, nos golpes de nossos verb(s)os, seguir também nossas intuições que apontam para devires que conduzem além.

3.4 - Diário 3 - 2003

O navio – Pedro Ayres Magalhães (Madredeus)

Só deixei no cais a multidão,
A terra dos mortais,
A confusão,
Navego sem farol, sem agonia... distante
E vou nesta corrente,
Na maré,
No escuro da menor consolação
Acordo a meio do mar que me arrepia
E foge...
A minha paixão é loucura.
Ando...
Numa viagem perdida,
O navio anda a deriva,
Sozinho.
Não é grande o mal, bem pouco dura;
E quando...
Afundar a minha vida,
Se calhar sou prometida ... do Mundo.

Ontem eu estava bem animado para ir na parada. Resolvi ir de ônibus novamente, mas eu queria mesmo era ter ido antes para ver as outras coisas que acontecem antes da parada, mas faltou a droga do dinheiro. Mas eu fui de ônibus mesmo por ser mais barato. Pensei que poderia levar um caderno e anotar alguma coisa. Fui cedo para o largo do rosário em Campinas, pois tinha uma concentração do pessoal de Campinas. Montaram um palanque e até a prefeita Izalene foi falar, dar apoio. Me chamou a atenção muitas pessoas com as bandeiras do PSTU. Fui conversar com uma mulher e fiz a linha de pesquisador com o caderno na mão: olá, sou da unicamp e faço pesquisa sobre a parada. Ela muito simpática me contou que em todas as paradas teve presença do pessoal do PSTU e que “a homofobia é dentro de uma luta maior, pois o gay pobre é mais discriminado” e terminou me dizendo: - “não só a festa, mas a luta, hein, boa parada!”. Tive a impressão que tinha mais gente que o ano passado, muitas drags, travecas e pessoal com bandeiras de arco-íris. Este ano conversei bastante com o pessoal do Identidade no ônibus. Paramos em um posto na Anhanguera e foi aquele escândalo com as drags e travecas. Os carros passavam e soltavam o verbo; gostosa! Chegamos na paulista já lotada. Eu fui logo comer e depois fui para o meu ponto da esquina da augusta com paulista. Fiquei, como no ano passado, olhando curioso, tentando entender, anotando os cartazes, sentido a vibração. Na frente tinha muitas drags bem coloridas, bem fantasiadas, bem maquiadas e todos queriam tirar fotos com elas. Tinham muitos trios elétricos das boates, das saunas, da revista G Magazine, cada um com um som diferente e bem alto. O pessoal da organização da parada estava vendendo adesivo por 1 real: “Grito da parada – comprar o adesivo para ajudar a formar associações, amanhã tem preconceito de novo. Apoiamos o fome zero”. Gostei dos dizeres do movimento gay de minas: “comunidade homossexual diz não à tortura, diz não aos torturadores”. Finalmente vi a Marta e o Genuíno, eles estavam no carro do mixbrasil. No meio da multidão e do barulho anotei algumas coisinhas, o que consegui. Adorei essa frase: “o senhor é meu pastor e sabe que sou gay”. Também achei bem legal os dizeres do carro da boate bordoadá: “amor, paz, sexo, tolerância, compreensão, dignidade, trabalho, glamour”. Um trio da boate Double Face de Campinas acho que

chamou a atenção de todo mundo – na frente e atrás tinham dois caras nus, exibindo os seus corpos para delírio de todos que apreciam um belo corpo. Apenas um lençol cobria a parte frontal, mas dizem que depois, lá no final eles mostraram tudo. No dia da festa tudo é permitido, eu pensei quando vi os nus. Tinha até carro da APEOESP – associação dos professores do estado de São Paulo. Todos dançavam atrás dos trios, era uma loucura, parecia que a gente tava em uma boate ao ar livre. A paulista, o coração financeiro de São Paulo, se tornou o abra-alas onde toda a lira passou e eu estava lá no meio. Eu cansei muito de ficar olhando e resolvi me jogar na multidão atrás de um carro que tinha uns musculosos de tangas sumárias dando camisinha e gel; o pessoal passava a mão boba nos corpos. Era uma sensação de medo, de locura, mas minha pomba gira me disse: vai bobim, arrase na avenida. Guardei o caderno que estava anotando na bolsa, e sai feito loco pulando atrás do trio elétrico com aquele som altíssimo; foi ótimo porque eu tava de short e tênis. Pegay um monte de camisinha e gel, não só para mim, mas para minhas amigas também. Quando chegay na consolação e o trio parou, eu desci para a república, ainda estava claro. Um cara que estava parado na rua olhando o povo descer me disse: “vem cá oce ai do correio” (por causa da minha bolsa azul). Quando chegay perto dele já começamos a beijar e isso durou uma meia hora ali em plena rua. Fechei o olho e não vi nada, mas senti... Ai dei um tchau e pronto, fui embora pra praça da república. Lá encontrei um ex e beijamos horrores. Enquanto isso a Elza Soares cantava a todo vapor no palco ali do lado (“dá um arrepio que vai do cócix ao pescoço”). Foi irresistível um terceiro encontro e mais beijos, mais delírios ali em plena praça... Só terminou porque já era noite e, como estava muito cansado, fui logo esperar o pessoal do ônibus para voltar para casa, apesar de ter ficado com aquele desejo de ver o final da festa e talvez ter curtido o bafon final. Mas o ano que vem eu vou arrasar de novo, mas vou voltar sozinho, sem pessoal de ônibus fretado.

O flâneur procura a multidão, entra, vive, mesmo se a rapidez e velocidade do mundo moderno não nos permitem entender o que escapa ao cálculo. Temos

que contar o dinheiro, o tempo, o ir e o vir, tudo marcado pelo relógio. O que foge a isso, *ou seja, as emoções, paixões, alegrias, infelicidades, crenças, esperanças que constituem a essência da existência humana*, é de difícil compreensão para o mundo global, como explica Morin et al. (2003:12).

Nesse momento de viver o global no e para o mundo, o que vale é o acúmulo de informação, saber, poder, fazer. Nesse sentido, há espaço e valor para a experiência, isto é, aquela que somente acumula, que faz o homem exercer sua razão e informar, querer cada vez mais, não importa se haja um excesso de trabalho, o importante e o que conta é o homem moderno ser produtivo, competidor, conquistar o seu espaço⁹⁸. Mas talvez estejamos em um tempo em que devemos olhar para a experiência como possibilidade e com novos caminhos para um novo sujeito. Como explica Larrosa (2004: 161)

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe

⁹⁸ A competitividade e individualidade são traços cada vez mais marcantes para o homem global. Isso pôde ser claramente visto no programa televisivo Big Brother Brasil, surgido na Holanda, que ganhou destaque mundial. A TV Globo já realizou, até o momento, 7 edições do programa. Há que observar ainda os testes de competitividade e resistência realizados por empresas. Reunidos em uma fazenda, por exemplo, os funcionários, sobretudo gerentes, chefes de seções, são submetidos à situações extremas como saltar de ultraleve etc. Ver anexo sobre a polêmica de homofobia no programa BBB7.

toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere.

O oposto do sujeito da experiência é um sujeito absoluto que tem um método em mãos para fazer suas análises e interpretações; ele vê uma realidade e decompõe cartesicamente o todo em partes, a descreve para ficar tranqüilo e, ao final acredita ser absolutamente monológico em sua autoridade. Mas, a ciência é produzida em contextos sócio-histórico-culturais e, por isso, devemos perceber que não somos simplesmente reprodutores passivos de uma realidade e a descrevemos independente de nossa observação. Schnitman (1996:16) afirma que uma perspectiva da ciência fora de fundamentalismos nos permite perguntar sobre os conceitos de “verdade”, “objetividade” e “realidade” que são a base da ciência moderna. Conseqüentemente, completa a autora, teremos a possibilidade *de uma posição ética fundada e enraizada simultaneamente na responsabilidade por nossas construções do mundo e as ações que as acompanham, as quais em conjunto, substituem a possibilidade de fundamentar exclusivamente nossos atos numa realidade objetiva, refletida numa verdade evidente à qual nós meramente nos agregamos.*

3.5 - Diário 4 - 2004

Ao som de Billy Holliday – I’m fool to want you

I’ m fool to want you.... I’m fool to hold you

and I walk a little too fast

and drink a little too much

Ontem, eu fui na parada como havia previsto, sozinho. Nesse ano aconteceu mais cedo, dia 13/06. Na verdade queria ter ido antes, aproveitado a feira do Arouche, os outros encontros, mas minha imbecilidade não me permitiu. Como diz meu amigo Daniel, estou gayxonado e totalmente gayssecado por aquela coisa idiota. Agora vejo o quanto sou estúpido, deixei de fazer um monte de coisas lá por causa de uma pseudo-relação escrota! Como diz o ditado: Há malas que vão pra Belém. E essa irei de mandar em breve ou se possível pra bem mais longe que Belém...

Que foda!!! Agora fico me cobrando, me xingo, mas depois me entrego novamente. Bom, pelo menos fui sozinho, deixei as amigas do ônibus. Dessa vez tentei tirar umas fotos com uma maquina fulera, veremos se funciona. Ainda não tenho nenhuma foto. Foi legal este ano porque cheguei mais cedo para ver todo o inicio. Fui direto para a concentração, queria ver como aconteciam as coisas lá, o palco, as pessoas que vinham falar na abertura, pegar os panfletos. Mas tinha gente demais, conversei com algumas pessoas da segurança, tentei perguntar, vi algumas drags, e comecei a tirar umas fotos. Meio dia já estava cheio a paulista. Andei muito e preferi ir comer pra agüentar o tranco, pois já estava frio. Ai fui pra esquina da paulista com augusta para poder tirar mais fotos. Demorou muito sair e frio ia aumentando, mas mesmo assim os corpos seminus e as travas arrasaram no silicone. Os go go gays também estavam no mor close dos corpos em cima dos trios! Fiquei de bobs!!! Eu me encapotei: gorro, cachecol, blusa. Como a parada demorou sair e o frio tava forte, não resisti ficar muito tempo. Na verdade, devo confessar, eu tava mesmo gayssecado com aquele idiota, pensando nele. E, entre me jogar novamente na muvuca e beijar horrores, preferi voltar para casa mais cedo. Ai que ódio de mim, para ficar sozinho, chorando nesse baraco sujo por alguém tão hipócrita. Não beijei ninguém, não curti o final da festa, não vi o momento que em todas as gatas são pardas. Que porre!! Terminei conversando com um dois meninos que se beijavam languidamente e me permitiram tirar fotos!! Eles me contaram que já estavam namorando e resolveram ir na Parada pela primeira vez.

Na escrita monológica há uma pretensa dessubjetivação, um apagamento da pessoa do autor para se chegar a uma escrita pura, transparente, comum a todos, que mostra uma verdade universalizante, explica Amorim (2004). No entanto, não podemos esquecer que nenhuma escrita se constrói sem alteridade. A ilusão de apagar as marcas de subjetividade! Mesmo que o texto seja “científico”, revela a presença de outros, exige a escolha de outros autores para dialogar e confirmar uma “verdade” que pretende criar, defender ou refutar.

Quando o autor se revela no texto, se expõe, ele não está apenas dando ênfase a seu vivido, sendo transparente absoluto como sujeito para revelar sua experiência *ipsis litteris* e desnudar-se. Depois de escrito, ele será o leitor do seu próprio texto, a cada leitura terá novas compreensões. Ele precisará de outro para dar a completude do teu texto, ele não é herói absoluto de sua própria experiência. Concordando com Geraldi (1996:112), *é, pois, o texto, objeto concreto de entrecruzamento de nossos interesses. Mas sua concretude não quer dizer acabamento: o texto produzido completa-se na leitura. Neste sentido, o texto é condição para a leitura; a leitura vivifica os textos.*

Também não é possível analisar ou explicar o autor somente pela sua biografia, *contentando-se com uma coincidência entre fatos pertencentes respectivamente à vida do herói e à do autor* (Bakhtin, 2000:29). Essa simetria nega o essencial no texto, isto é, suas diversas interações com a vida, com os acontecimentos, com o mundo. Não se pode ver o texto como uma entidade autônoma que tem um significado único. Um texto tem várias vozes e uma verdadeira polifonia é aquela em que o pesquisador pode transmitir ao mesmo tempo que dela participa (Amorin, 2000:19).

Clifford (2002), ancorado em Bakhtin, afirma que os trabalhos polifônicos resultantes da pesquisa etnográfica são abertos a leituras não especificamente intencionais. O resultado disso é um hibridismo, uma subversão, uma tensão e ambigüidades marcadas, sobretudo, pela indeterminação entre linguagem e experiência, o que difere do racionalismo totalitário.

3.6 - Diário 5 - 2005

Balada do louco - Arnaldo Baptista / Rita Lee

Dizem que sou louco

Por pensar assim,

Se eu sou muito louco

Por eu ser feliz

Mais louco é quem me diz

Que não é feliz,

Não é feliz

Se eles são bonitos

Sou Alain Delon,

Se eles são famosos

Sou Napoleão

Mais louco é quem me diz

Que não é feliz,

Não é feliz

Eu juro que é melhor

Não ser um normal

Se eu posso pensar

Que Deus sou eu

Se eles têm três carros

Eu posso voar,

Se eles rezam muito

Eu já estou no céu
 Mais louco é quem me diz
 Que não é feliz,
 Não é feliz
 Eu juro que é melhor
 Não ser um normal
 Se eu posso pensar
 Que Deus sou eu
 Sim, sou muito louco
 Não vou me curar,
 Já não sou o único
 Que encontrou a paz
 Mais louco é quem me diz
 E não é feliz,
 Eu sou feliz

Finalmente pude ir antes do dia da parada. Livre daquele Rogério, figura dissimulada e covarde, e tendo recebido dinheiro da pós pra fazer pesquisa de campo fui na sexta dia 27. Pude comprar pastas para por os jornais, filme para fotos e pagar o hotel. Fui no seminário “Olhares sobre a homossexualidade: cidadania na diferença” que aconteceu dois dias antes da parada. Adorei as palestras e conheci todos os famosos – Peter Fry, Macrae, Green, Mott. Anotei tudo, conversei com muitas pessoas e fui pro gueto da Vieira de Carvalho dar boas risadas com as locas que faziam a pré-parada com suas perucas de truque, saltos, maqué e muito equé como elas dizem. Apesar da maioria das phynnas (que vão nos jardins) não gostarem do gueto da Vieira, acho que nunca me diverti tanto lá e comemorei meu niver ali no bafon mesmo. Como elas tem criatividade e sabem brincar com a linguagem! No dia seguinte – 28 – eu fui na II caminhada lésbica que também aconteceu na paulista. Na área externa do MASP teve um show e uma movimentação, mas muito inferior à parada. Conversei com algumas lésbicas e com a travesti Cláudia

Wonder (pioneira do movimento) que carregava uma faixa com a frase de Richard Rorty: "Não me pergunte o que é ser masculino ou feminino, nem como podemos nos descrever enquanto homens ou mulheres. Pergunte como podemos buscar formas mais belas e harmônicas de vida." Acompanhei a caminhada pela paulista e voltei para o hotel para descansar e curtir a parada no dia seguinte, mas como o hotel é na rua do gueto, aproveitei para olhar mais um pouco as locas esfuziantes em seus modelitos num ir e vir inacabável.

Levantei cedo para ir a parada e não perder nada da paulista. Estava decidido a fazer o meu protesto, aliás o meu desprezo e nojo por aquela figura escrota que me tratava como abjeto. Pinteí uma camiseta branca com tinta vermelha a seguinte frase: "se você é um gay adventista, tenha coragem diga não a hipocrisia, não ao levítico". Vesti a camiseta, mas não tive coragem de sair com ela na rua e encarar metrô, povo na rua. Ai pus uma blusa por cima. Quando cheguei no metro, encontrei logo o Xandão da associação da parada e mais um pessoal. Tinha um casal vestido de bananas me convidou para se juntar a eles e uma menina vestida de índia me contou que foi a primeira vez que ia fantasiada. Eu contei a história da frase da camiseta para eles. Me juntei a eles e tirei a blusa, mostrei a frase. Começamos a cantar, mas nada de estardalhaço. O guarda do metro pediu logo para parar. Eu disse a ele: gozado, quando é jogo de futebol, eles quase arreventam tudo aqui no metro e ninguém diz nada!!! Bom, entramos no metro e descemos na paulista por volta das 10 horas da manhã e já tava lotado. Fiquei impressionado. As pistas transversais à paulista estavam lotadas de baraquinhas de comidas, bebidas, acessórios arco-íris etc. Uma pista da paulista estava tomada e eles pediam para as pessoas saírem para entrarem os trios elétricos. Rolava um sonzaço e as travas já tavam no bate cabelo ali mesmo; puxa que energia pensei; o pessoal fez uma roda para ver um show de graça. Até as crianças se juntavam a elas para jogar o corpinho na avenida. Eu aproveitei e dei close horrores com minha camiseta. Todo mundo me parou e perguntou, olhou, riu, fotografou, fiz poses, foi um luxo na concentração. A minha vingança fatídica, meu protesto, meu ódio escancarado ali pra todo mundo! Nem ligay para medo, me jogay totalmente no

meio da muvuca! Parei um momento para responder um questionário imenso com centenas de alternativas sobre os GLBTI... na parada. Não entendi aquilo, mas tive certeza que aquele tipo de pesquisa eu não faria. Encontrei um monte de amigos, tiramos muitas fotos, rimos muito e terminei na Augusta com paulista novamente para tentar tirar mais umas fotos. Fiquei abestaido com tantos tipos e arrasei nos cliques: mulher maravilha, chapeuzim vermelho com muita camisinha e gel a espera do lobo mau, gaylescentes se comendo de beijos, travas com peitões e bundas de fora e muito mais. Mas me achei porque chamei muito a atenção das pessoas. Não me jogay na avenida, mas depois de muitos flertes terminei com um grupo de amigos bebendo ali mesmo na esquina até cansar. Quando escureceu fui embora porque estava quebrado. Não beijei ninguém, mas me senti vingado, sobretudo porque sai em vários sites na internet e até no jornal da tv cultura. Que bárbaro, nem acreditei! Como me disse meu amigo: Jacira quer, Jacira pode!

A parada de Campinas,

Ontem, para completar, fui também à parada de Campinas e me jogay completamente na muvuca, conversei com todo mundo. Fui novamente com a mesma camiseta para repetir o protesto e chamou muito a atenção.

Denzin e Lincoln (1998) descrevem o pesquisador qualitativo como um *bricoleur*⁹⁹, isto é, aquele que usa várias ferramentas para o seu trabalho e não privilegia ou elimina uma em detrimento de outra. No desenvolvimento de suas tarefas que exigem criatividade, paciência, intuição e reflexão, ele não está livre de tensões, uma vez que trabalha na arena da diversidade social e faz uso da linguagem para construir os seus diálogos.

⁹⁹ Em francês, o verbo *bricoler* significa ocupar-se de pequenos trabalhos manuais; o resultado de um trabalho realizado pelo *bricoleur* é uma *bricolage*.

A *bricolage* é o resultado da observação participante do *bricoleur* que, como explica Clifford (2002:33), pode servir como uma espécie de fórmula para o *continuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo para trás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Assim, experiência e interpretação na bricolage não se dicotomizam, ao contrário, se complementam em suas atividades fragmentárias, pois fazem uso de pistas, gestos etc.*

Também importante para o *bricoleur* nos seus diálogos é a noção de ouvinte, desenvolvida por Bakhtin que o constitui em sua alteridade. Nessa perspectiva, o diálogo não é dirigido a uma pessoa somente, mas a toda uma comunidade que pode ser representada pelo discurso do *bricoleur*.

3.7 - Diário 6 - 2006

Amanhã – Pedro Ayres Magalhães (Madredeus)

A vida não me larga
O mundo não me foge
A estrada é grande e larga
E eu levo o Albornoz
Caminho à luz do dia
Por campos e montanhas
E bebo água fria
E a sede não me apanha
E o céu ali é lindo
Azul e eu não resisto
Ao céu, ao profundo
Distante,

E eu insisto

Amanhã

Amanhã

Amanhã

Amanhã

Este ano foi ótimo porque ganhei dinheiro da pós e fui com minha amiga Lola Huracán que nunca tinha ido a nenhuma parada. Fomos na quinta-feira dia 15 para a feira do Arouche. Também ganhei uma poderosa câmera profissional e meu objetivo era arrasar nas fotos e captar todos os closes possíveis. Chegamos em sampa e fomos direto pra o bafon da feirinha no largo do Arouche, bem na boca do gueto, onde todos as bunitas se jogam quando a noite chega. Nossa quanta gent!, parecia que já era uma parada! Lola me disse: honey, to passada! Tinha baraquinhas de todos os tipos e gostos: de livros para achar a sua alma gêmea GLBT... de ongs, de modelitos, de comida, de apoio a Aids etc. resolvi xeretar tudo e claro, tirar fotos. Depois tinha um show com travecas e drags. Lola ficou impressionada como as bunitas batem o cabelo nos shows: não devem ter problema com labirintite, ela disse. Eu perguntei a ela: honey, esse cabelo é dela: claro, bobinha ela pagou por ele. Rimos horrores com as brincadeiras das bunitas ali na morfeção. Cada passim era um fresch, tiramos fotos de tudo! Saímos e fomos direto pro bailão. Todo mundo dançando e sorrindo na pista! Nossa, eu me acabei de tanto dançar e beijar na festa pré-parada: arrasamos no rebolado, desde forrozão, Gretchen, anos 70, 80, tudo. Lola me disse: honey, ce ta bicuda hein! Éramos locas para conhecer o local. Saímos cansadas e felizes. O congresso da Interpride que seria no dia seguinte foi cancelado. Então, descansamos pra festa da parada.

No dia da parada, chegamos cedo na paulista para ver o movimento. Teve uma caminhada lésbica que ocupou uma meia pista da paulista, bem menos que o ano passo. Tirei fotos e conversei com minha amiga trans Janaina. Fomos para a concentração em frente ao MASP e já tava rolando um som e muita gente. Eu só pensava em tirar fotos de todos os momentos e todos: Rogéria ao vivo em programa de tv, a

Marilyn Monroe controlando o trafico e os muitos corpos seminus que já lotavam a paulista. Perguntava se podia tirar foto, tod@s eram solícitos ao meu pedido. Depois do almoço ficamos parados na paulista para que eu pudesse tirar mais fotos. Tentei clicar o máximo, enquanto Lola só olhava e babava pelos corpos, mas não quis se jogar na avenida. Me chamou a atenção o quanto tinha pessoas vendendo bebidas na rua, sobretudo um vinho barato que Dionísio não iria aprovar. Isso resultou em muitas pessoas bêbadas, um verdadeiro festival de álcool em plena paulista, um super excesso da festa.

Fui também na parada de Campinas para tirar mais fotos.

Clifford (2002) ao descrever a autoridade etnográfica explica que, além da voz dominante no texto, há outras vozes semi-ocultas que se revelam no destino final das leituras. O outro se torna cúmplice no seu caminho. Então, há que continuar o caminhar pela estrada e observar as possibilidades e os riscos de aprender. E, mesmo se depois de longas jornadas, de cruzar muros, escalar montanhas, rondar loucamente a cidade, atravessar noites vazias, escuras, ver portas fechadas, viajar, sentir-se tolo, dialogar com outros, quando se chega ao destino se pode dizer: eu ainda não encontrei o que eu estou buscando¹⁰⁰. Fica apenas a pergunta: amanhã? Sim, pois *o que faz andar a estrada é o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro*¹⁰¹.

Então, parafraseando Lenine¹⁰², podemos ainda perguntar: *como é que faz pra sair daí se a busca continua? A saída é pela ponte que não é de concreto, não é de ferro, não é de cimento. A ponte é até onde vai o meu pensamento. A ponte*

¹⁰⁰ Uso livremente a letra da canção da banda U2 – *I still haven't found what I'm looking for*.

¹⁰¹ Mía Couto – do livro *Terra sonâmbula*.

¹⁰² Música de Lenine e Quiroga – *A ponte*.

não é para ir nem pra voltar. A ponte é somente pra atravessar ou caminhar sobre as águas desse momento. A ponte nem tem que sair do lugar. Aponte para onde quiser, para onde há multidão e um flâneur louco pelo amor, por sonhos.

É com base nessas viagens gerais e narrativas metodológicas e, acrescento, literárias, que vou mostrar um pouco mais do que vi ao longo do caminho. Apesar de estar na lingüística, a literatura foi/é minha ponte para continuar a caminhada. E, se para muitos, não cabe mesclar literatura em uma tese em lingüística, concordo com Jorge Amado ao dizer que *a solução dos problemas humanos terá que contar sempre com a literatura, a música e a pintura, enfim com as artes, para o homem, tão importante como o pão e a liberdade. A literatura terá sempre uma arma do homem em sua caminhada pela terra, em sua busca pela felicidade.* Então, contando sempre com a literatura, caminhemos!

Quarta narrativa

E eu vou lutar pra ter as coisas que eu desejo
 Não sei do medo, amor, pra mim não tem preço
 Serei mais livre quando não for mais que osso,
 Do que vivendo com a corda no pescoço
 Mas enquanto o Sol no céu estiver
 Eu vou fechar meus olhos quando quiser

Pois se eles querem meu sangue
 Terão o meu sangue só no fim
 E se eles querem meu corpo
 Só se eu estiver morto, só assim. (Querem meu sangue - Cidade Negra)

Cidadezinha qualquer: uma pracinha tranqüila, um bar velho em frente e um corpo abjeto agonizante na porta do bar. Um corte profundo em seu nariz, no seu rosto. Borbulhas de sangue em seus olhos. Gritos agudos, desesperados. Apenas um vestido surrado e sandálias velhas. Mais sangue pelo corpo, pela calçada, pelos cacos de vidro. Gritos. Em instantes, uma multidão curiosa. Filho da puta, ladrão: Chutes! Pontapés! E a rapidez da polícia encanta, impressiona nesses momentos! Alguma coisa fora da ordem? Polícia para quem precisa! Mais gritos: *prisão para o João Muié, bóia-fria, favelado, sem vergonha, vagabundo, vira omi!* Seu corpo ensangüentado, rosto com choro, cortado, arrastado e espancado diante da multidão, jogado dentro do camburão! Corpo pichador da cidade! A multidão feliz! Risos! Mais um final feliz. Nesse instante minha mudez me delatou, apenas continuei com a imagem do rosto ensangüentado. Era o meu vizinho, era aquele corpo não permitido de caminhar na cidade “limpa”. Adolescentemente, continuei mudo, perplexo e não entendi nada. Meus olhos ficaram parados. Não soube caminhar naquele instante, tinha que voltar ao bar e limpar o sangue, os cacos...

E a cidadezinha continuou devagar, homem, mulher, cachorro, burro e polícia.

Paz. Será que Drummond diria: êta vida besta meu deus?

CAPÍTULO 4 – CAMINHOS, SALTOS E CORPOS

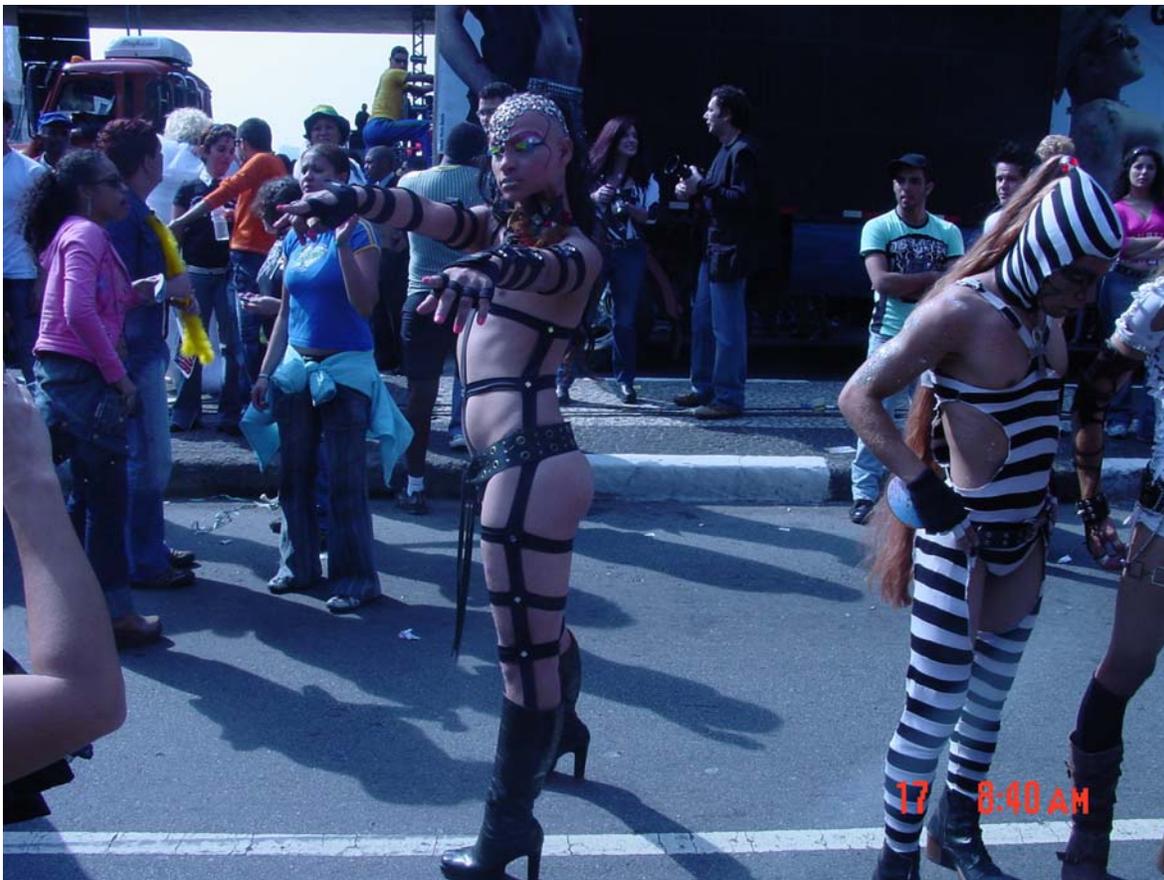


Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

4 - A PARADA NA PAULISTA OU A TRANS-FORM(A)ÇÃO DO COR-AÇÃO

FINANCEIRO DO PAÍS

Se joga pintosa,
põe rosa!
Léo Aquila

Fomos para a Paulista com a cara, a coragem e o cu na mão. Esta frase de uma das participantes da primeira Parada¹⁰³, que aconteceu em 28/06/97, revela o temor dos grupos militantes que organizaram a primeira Parada e foram para a Paulista sem autorização. Isso causaria confrontos com a polícia que poderia expulsá-los, agredi-los. Havia também risco de ataques de outros grupos homofóbicos tipo *skinheads* e carecas. Apesar dos riscos, a decisão era ocupar um espaço público, sair da escuridão do gueto¹⁰⁴, botar a cara, o corpo e uma outra linguagem na rua em pleno dia, fazer um movimento em direção ao inefável, buscar um caminho, uma história. Como vimos anteriormente, desde a década de 80 o movimento gay começou a realizar diversos encontros, seminários e debates que se intensificaram durante a década de 90 (Facchini, 2005). No final do IV Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizado em 14/01/90, em Aracaju houve uma passeata pelas ruas da capital. Em 1994 e 1995 aconteceu uma passeata no Rio de Janeiro; em Curitiba (PR) também houve uma passeata em 1995. Seguramente, isso deu impulso ao movimento gay, mas somente em 97 vários grupos se organizaram e resolveram realizar a primeira Parada do Orgulho

¹⁰³ Esta frase é parte de uma entrevista (Regina) que realizei na Associação da Parada em 02/11/2005.

¹⁰⁴ O sentido de gueto aqui no Brasil tem acepções diferentes daquelas utilizadas nos EUA. Lá um gueto pode significar um território fechado, delimitado, impenetrável. No que se refere ao gueto gay no Brasil, pode-se dizer que há vários e não somente um. Com base em Nicolas (2002), podemos pensar os diferentes tipos de guetos gays: comercializado restrito (saunas, clubes privês, cinemas), comercializado aberto (boates, bares); não comercializado aberto (banheiros públicos, parques). Sobre gueto gay em São Paulo ver também Simões e França (2005), MacRae (2005) e Ferreira (2006).

em São Paulo, conforme explica Facchini (2005). A reportagem do Jornal Folha de São de 28/06/97 comenta sobre a primeira Parada que também aconteceu no Rio.

Gays fazem passeata no Rio e em SP

PAULO SAMPAIO

da Reportagem Local

FERNANDA DA ESCÓSSIA

da Sucursal do Rio

Homossexuais do Rio e de São Paulo sairão em caminhada, hoje e amanhã, para comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay.

Cinco grupos de homossexuais vão comandar, a partir das 13h de hoje, uma caminhada na avenida Paulista (região central de SP).

Com o nome de 1ª Parada GLT (de gays, lésbicas e travestis), a caminhada vai começar na av. Paulista, 900, descer a rua da Consolação e terminar na praça Roosevelt.

A Companhia de Engenharia de Tráfego não autorizou a manifestação, mas vai enviar carros.

Organizam a caminhada o Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da Universidade de São Paulo, o Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor, o Expansão, núcleos do PT e do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados).

Chinelos cortados, CDs quebrados e beijos entre casais homossexuais vão dar o ritmo da marcha de gays, lésbicas e travestis que começa às 12h de amanhã, na praia de Copacabana (zona sul do Rio).

Um grupo de música afro vai abrir a caminhada, que vai começar em frente ao hotel Copacabana Palace e irá até o posto seis.

O beijo é uma forma de cobrar a aprovação do projeto de lei da deputada Marta Suplicy (PT-SP), que permite a união civil entre homossexuais. A votação será em agosto.

Os manifestantes planejam também quebrar CDs do cantor Tiririca, por causa da música "Amigo é para Acudir o Outro". Uma das estrofes diz: "Ele pode ser veado, mas é meu amigo, ele é ladrão, mas é meu amigo, ele pode ter defeito, mas é meu amigo".

O cantor Tiririca foi procurado pela **Folha** e não foi encontrado.

A marcha vai denunciar a violência contra os frequentadores do chamado Baixo Gay, um aglomerado de cinco bares em Botafogo (zona sul).

Os manifestantes vão cortar chinelos da marca Rider, por considerarem preconceituoso um comercial do produto. No anúncio, bilhetes enviados por rapazes chegam, por engano, a uma mesa em que estão três homossexuais. Ao perceberem o engano, os rapazes saem correndo. Segundo a assessoria de imprensa da W/Brasil, agência responsável pelo anúncio, o comercial não tem a intenção de ofender grupos gays, mas de traduzir o humor da situação.

O jornal destaca a *passeata* em sua manchete, substituindo em seguida, por *caminhada e manifestação*. A ênfase é em *comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay* nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Também é destacado

pela reportagem, além da comemoração do orgulho gay, o lado rememorativo do evento, ou seja, uma caminhada com protesto pela discriminação que os gays sofrem na sociedade atual. Como forma de protesto vão usar na manifestação: beijos, quebrar cds, cortar chinelos. Veja a foto da primeira Parada em São Paulo.



Foto da Parada de 97 – Revista da APOGLBT, 2004.

Em São Paulo, desde 97, todas as Paradas foram realizadas na Paulista, mesmo tendo havido ameaças de morte ao presidente no momento de realização da terceira Parada em 99¹⁰⁵. O trajeto¹⁰⁶ começa geralmente próximo ao prédio do jornal Gazeta Mercantil ou MASP (neste local é montado um palanque para shows e discursos: prefeito, artistas, outros políticos etc antes de começar a Parada), segue pela Paulista em direção à Avenida Consolação e termina na Praça Roosevelt ou da República onde, em várias vezes, aconteceu um show de encerramento na República¹⁰⁷. Os trios elétricos, que na última Parada foram 22 – diferente da primeira que contava somente com uma Kombi -, são responsáveis

¹⁰⁵ De acordo com o Jornal Folha de São Paulo de 28/06/99 “O presidente da Parada do Orgulho GLBT, Nelson Matias Pereira, 33, disse que recebeu ameaça de morte, pelo telefone, antes da passeata”. Eles diziam que, quanto mais veado melhor, porque eles iam matar todos de uma vez. Pereira afirmou ainda que, em uma reunião com a PM na quinta-feira, recebeu garantia de segurança”.

¹⁰⁶ Ver mapa em anexo do trajeto da Parada.

¹⁰⁷ O encerramento em 2003 teve um show de Elza Soares. Desde o ano passado, foi impossível terminar na praça da República devido às obras de ampliação do metrô.

pelo som muito variado: pop, rock, axé, samba etc. Esses trios são originários de boates, grupos gays, associações, ongs, *drags queens* etc que pagam para desfilar na Parada, fazem sua propaganda, divulgam o seu espaço e se enfeitam como desejam e convidam as pessoas que desejam (não é só artistas) para dar um close e ver a Parada lá de cima ou pegar o microfone e discursar...

Quanto às pessoas¹⁰⁸ (muitas famílias vão assistir ou mesmo ver, dançar, casais de namorados vão com amigos gays, casais com crianças) ou grupos (representantes de partidos políticos, de movimentos sociais etc) que vão à Parada, elas são livres para circular, levar os cartazes, faixas que desejarem, fazer a maquiagem a gosto e entrar no modelito que melhor couber no corpinho, além de escolher o salto, coturno ou bota e outros apetrechos que melhor (des)combine com o seu *look*. Mas, podem também ir de modelitos básicos, do dia a dia, ou como dizem as amigas, travestidos de hetero.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

¹⁰⁸ Segundo pesquisa realizada na Parada de 2005, 57.6% do público que comparece à Parada declarou que é para que os GLBT tenham direitos. Ver Carrara et al. (2006) e anexos da pesquisa sobre perfil dos participantes da Parada de São Paulo 2005.

Cada um se joga na festa e rememora/comemora da forma que melhor lhe convém. Um aspecto interessante da Parada em São Paulo, e creio que no Brasil, diferente do que acontece nos Estados Unidos, Europa e em outros países, não há uma barreira de isolamento entre quem se joga na Parada e quem assiste (veja foto a seguir). Na Europa, por exemplo, observando fotos de várias Paradas na Alemanha, Paris e Holanda, pode-se notar que, embora não haja uma grade de ferro separando os espectadores como acontece na Austrália, Canadá etc, as próprias pessoas fazem uma barreira entre calçada e rua para quem deseja desfilarmos na rua. Em entrevista realizada em 15/12/2005, um participante das Paradas de Nova York e Toronto me informou: *O comportamento do povo lá é de parar para ver como espetáculo (...). A idéia é desfilarmos ou se une e acompanha ou fica do lado de fora. Aqui não há essa separação, a questão da linha de respeito da observação, uma questão típica nossa. As pessoas invadem, isso tem haver com a cultura brasileira.*

Fica evidente nessa fala que Parada aqui é tudo bagunça, pois brasileiros não têm educação, uma vez que não têm respeito e invadem a rua. Pode-se entender, então, que Parada, aqui no Brasil, não é algo político pelo fato de nós sermos tão desorganizados e sem cultura. Talvez esse imaginário de aculturação seja advindo do fato de termos sido colonizados por extratos pobres da população portuguesa, como afirmam alguns livros didáticos de história. Além disso, somos uma mistura “desses portugueses” com negros e índios, o que, conseqüentemente possa ter gerado esse desleixo e descaso com a política, por exemplo, considerada coisa de gente nobre, letrada. Daí gera uma série de pré-conceitos.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Na Paulista, como mostra a foto acima, fica muito misturado: as pobres, as ricas, as feias, as *bunitas* etc. Porém, se você vai somente para ver, lembrar, mas de repente, passa um trio com muito agito, com aquela música que te faz mexer os quadris, você pode entrar, dançar, fazer a loca, o doidão, deixar seu sonho te levar, pois atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu; ou se foi festejar e cansou demais porque o salto está muito alto e incômodo ou a maquiagem já borrou, pode parar, descansar, sair do *rush* para retocar o *blush* e olhar o fervor do pessoal, tomar uma água... Nada de tristeza, pois quem assiste pode compartilhar de toda a alegria que rola, ou seja, as pessoas interagem. O que mais acontece é alguém tirar foto com quem passa pela avenida e se você estiver arrasando pode sair no jornal, num livro e virar *star*, nem que seja por um dia. Não é um espetáculo de mera contemplação e admiração, é uma festa interativa. Não é um desfile *à la* 7 de setembro, é realmente uma festa no espaço público onde cada um se diverte como deseja: com fantasia de palhaço, de

político, de seu bicho de estimação, de sua profissão tão sonhada como aeromoça, médica, bailarina, policial, ou com paetês nas cores do país para dar um toque especial no modelito. Basta deixar a imaginação fluir... ou como dizem as amigas: vá linda, loira e japonesa!



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

4.1 – QUANDO AS IMAGENS CHOCAM A PAULISTA

Nossa que escândalo!
Abalô geral!
Tô de bobs.
Brincadeira gay

Dizem que eu choco, mas alguém já parou para se perguntar o que me choca? Homem de terno e gravata, por exemplo, é uma coisa que me choca, principalmente se tiver usando sapato caramelo coordenado com o cinto. Ai, não aceito! Olha, pior que isso só mocassim preto com meia branca, pochete e celular pendurado no cinto. Ai, não aceito! Betina Botox, Terça Insana.

Por que muitas imagens gays da Parada chocam tanto? Esta pergunta permite discutir uma das questões fulcrais que envolve a(s) Parada(s): o excesso e exagero de cores, maquiagens, coloridos, (semi)nudez e trejeitos com que muitos gays vão para a festa da Parada. Isso é visto por muitas pessoas, inclusive por grande parte de gays e alguns veículos de imprensa, como um ridículo desnecessário que não leva a nada e reforça ainda mais o preconceito, além de deturpar ainda mais a imagem que os hetero têm dos gays. Pode também atrapalhar a vida daqueles gays que são “normais” e não querem ser assim fechativos¹⁰⁹. Na fala de um médico e ex-participante da Parada¹¹⁰ pode-se perceber o repúdio pelo evento: *isso não tem sentido, já virou bagunça, é um bando de viado mostrando o rabo, os peito e querendo aparecer. Não vou mais, isso não é político.*

Essa rejeição gera também o que podemos chamar, tomando a idéia de Rama (1985) uma limpeza na cidade das letras. Ou seja, o que vem daqueles que estão fora do anel do poder, é comum repudiar, tentar expulsar ou classificar de forma depreciativa: a língua deles (coloquial = errada), a festa deles (bagunça = sem sentido), a roupa deles (pobre = cafona, feia), o corpo deles (horrível = escandaloso, fora dos padrões) etc. Tal repúdio podemos ver em várias manifestações (festa do Rosário que acontece no mês de maio – tachada, vista por muitos como festa dos pretos que aproveitam para beber) ou movimentos sociais (o movimento dos sem terra – muitos dizem que é gente desocupada

¹⁰⁹ Fechar na linguagem gay é dar pinta (daí o adjetivo pintosa), mostrar-se gay, como diz o conto de Caio Fernando Abreu, ser uma Jacira ou uma barraquera, fulera, quaquá, querenguela.

¹¹⁰ Reprodução de uma conversa que tive com um médico paulista que conheci durante o seminário “*Olhares sobre a homossexualidade: cidadania na diferença*”, realizado no Centro Universitário Maria Antônia em São Paulo dia 17/05/2005.

querendo ganhar ou invadir terras). Muitas vezes a mídia reforça o preconceito contra essas manifestações e movimentos. Veja no capítulo seguinte, a respeito do carnaval, considerada a festa dos negros.

Em se tratando da Parada, todos os adjetivos para as consideradas pintosas do gueto se generalizam para falar dos gays da Parada: são as *barraquera*, *as fulera*, *as quá quá*, *as querenguela*, *as bicha um real* que vão mostrar a bunda etc. Se pensamos no espaço geográfico da cidade de São Paulo isso fica bem evidente, pois os gays classe média freqüentavam a região dos Jardins¹¹¹ (local considerado chique com bons restaurantes, bares e lojas de grifes), enquanto as ditas pintosas ficam com a área da Praça da República, sobretudo a Avenida Vieira de Carvalho e adjacências ou nas palavras de Palomino (1999:173) *o reduto quá quá quá meio pobre de São Paulo*, das *bichas 'cheap'*.

Mas a Parada não é só da desbundagem, ela acontece no espaço aberto da cidade onde tem lugar para todo mundo, todos os tipos se jogarem como quiser: as barbies, as susies, as pintosas, as finas, as trucosas, as tias, as punks, as ladies¹¹² etc. No entanto, a imagem da extravagância é o que mais chama a atenção, pois sai fora do padrão hegemônico, do modelo considerado adequado. Não podemos olhar para os tipos tidos como exóticos e dizer que eles são a expressão de uma homossexualidade, ou seja, uma deturpação. Apenas olhar um rosto pintado, colorido, um corpo fantasiado e fazer uma afirmação categórica que

¹¹¹ No Guia da Semana (de 16/06/06 a 22/06/06) do jornal Estado de São Paulo a capa é nas cores do arco-íris com destaque para a frase: *A próxima parada: sábado tem arco-íris na Paulista. O roteiro e as dicas para quem vai (e para quem não vai)*. A reportagem, de 4 páginas, inclui bares, restaurantes e boates, mas somente do circuito dos jardins e outras áreas chiques. Sequer menciona o circuito central da Vieira de Carvalho

¹¹² Barbies – gays musculosos; susies – gays magros que querem ser barbies; trucosas – gays que fazem pose; tias – gays mais velhos; punks – lésbicas em estilo punk; ladies – lésbicas de salto alto.

o deprecie é desintegrar o todo em sua riqueza de expressividade, é dizer pouco ou nada sobre ele. O que vejo é realmente o que está expresso, refletido pela imagem escrachada, debochada?

4.2 – UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA

É preciso ser muito louco
ou muito forte para
se atrever a ser intolerante.
Chanford

4.2.1 - Itália

No dia 21 de março de 1575, no convento de San Francesco di Cividale do Friul, diante do vigário-geral, Monsenhor Jacopo Maracco, e de frei Giulio d'Assisi, da ordem dos membros conventuais, inquisidor das dioceses de Aquileia e Concórdia, comparece, na qualidade de testemunha, dom Bartolomeo Sgabarizza, pároco de uma aldeia vizinha, Brazzano. Ele faz referência a um estranho fato que lhe acontecera uma semana antes. De um moleiro de Branzano, Pietro Rotaro, cujo filho está morrendo de um mal misterioso, Sgabarizza soube que numa aldeia próxima, Lassico, vive um certo Paolo Gasparutto, que cura os enfeitiçados e afirma “vagabundear à noite com feiticeiros e duendes”. Intrigado, o padre fa-lo chamar. Gasparutto, após ter declarado ao pai do menino enfermo que “a criança tinha sido vítima de um malefício das bruxas, mas que, no momento do feitiço, chegaram os vagabundos e arrancaram-na das mãos das bruxas e que, se não lhes tivesse retirado das mãos, ela teria morrido”, confiou-lhe um encantamento destinado a curá-lo. Em seguida, acossado pelas perguntas de Sgabarizza, contou que, “na quinta-feira de cada um dos Quatro Tempos do ano, eles deviam andar junto com esses feiticeiros por diversos campos, como em Cormons, diante da igreja de Lassico, e até pelo campo de Verona”, onde “combatiam, brincavam, pulavam e cavalgavam diversos animais e faziam diversas coisas entre si; e [...] as mulheres batiam com caules de sorgo nos homens que estavam com elas, os quais só carregavam nas mãos ramos de erva-doce”.

Essa narração do historiador italiano Ginzburg (1988:19) foi descrita a partir dos processos de heresia contra alguns bruxos, registrados pelo tribunal do Santo Ofício, que começam em 1574 e terminam em 1681. Gasparutto é acusado de ser um *benandante* (andarilho do bem). Os *benandanti* nasciam envoltos pelo pelico (membrana amniótica) e eram considerados, segundo superstições com dons especiais de, por exemplo, afastar os inimigos. Quando adulto o *benandante* recebe o chamado e deve ir combater, mas somente quem tem o pelico guardado consigo. Eles combatem contra o mal e se vencem naquele ano terá boa colheita.

No entanto, a igreja friulana associa os *benandanti* às bruxas e aos feiticeiros e acreditam que sejam seguidores do sabá. Gasparutto e outro acusado Moduco são condenados como feiticeiros. Após longos interrogatórios e prisões – que se arrastam por mais de um século (1574-1681) - de vários camponese(a)s que eram considerados pessoas vulgares, idiotas, simples e rudes, além de perturbadores da paz familiar, semeadores de discórdia e escândalos etc, os *benandanti* assumem o que a eles é atribuído: seguidores do sabá. Ou como a crença racional da época acreditava, durante a noite o espírito saía do corpo e se transportava aos rituais noturnos onde o diabo, na forma de um asno virava o cu para que todos o adorassem; depois faziam um ritual em que todos pisoteavam uma cruz.

4.2.2 – Portugal.

Évora, 13 de Agosto de 1665.

Senhores Inquisidores:

Na cadeia desta cidade me disse um preso em muito segredo que Luiz Delgado peca com um rapaz, e com ele dorme no 6º mandamento. [Um preso confessa ter ouvido a conversa entre os amantes] Chega-te para cá... e o Brás respondeu: Logo. E Luiz disse-lhe: fale manso! Hás de me deixar Vossa Mercê, pois que já fez esta noite três vezes comigo, e ainda agora quer mais. E então o dito Luiz Delgado o abraçou, dizendo que se calasse. E logo dali a pouco espaço, ouviu gemer o dito Brás como que queria chorar, ainda que o não fazia e Luiz Delgado dizia que se calasse. [os inquisidores concluem] O crime de sodomia, por ser oculto, se prova suficientemente por conjecturas e presunções (...)

Este excerto de denúncia de uma relação homoerótica, que Luiz Delgado (violeiro que estava preso por pequenos furtos) e seu cunhado Brás (um garoto de 12 anos) mantinham na prisão, foi retirado do livro *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição* do antropólogo Luiz Mott e é parte de uma pesquisa realizada na Torre do Tombo em Portugal a partir dos processos inquisitoriais.

Desde a chegada dos colonizadores europeus no que chamamos hoje de Brasil, houve um choque por parte dos cristãos, pois o que eles chamavam de pecado nefando - uma doença contagiosa (sodomia – sexo anal com penetração e ejaculação dentro do ânus) que constava entre os quatro *clamantia peccata* (pecados que clamam aos céus) da teologia medieval - era largamente difundida por aqui, conforme explica Trevisan (2000:65). A foto¹¹³ a seguir mostra um nativo sendo sodomizado e, em seguida, punido pelo demônio.

¹¹³ Cópia de Trevisan (2000). Conforme explica o autor, esta foto talvez seja uma das primeiras representações que os colonizadores europeus do século XVI fizeram da sodomia no Brasil. Nos bestiários que começam a ser redigidos no século XII pelos monges, a imagem da hiena (animal, sujo, traidor, perverso) é associada aos homossexuais. Ver foto em anexo.



De fato, os inquisidores, explica Mott (1988:76),

já dispunham de bastante familiaridade do abominável pecado nefando, pois desde 1553, quando foi preso e degredado para o Brasil o primeiro homossexual de Évora, o cirurgião Felipe Correia, até o ano deste episódio [1665], portanto, em 112 anos, foram aí processados 42 fanchonos [gays], dos quais três morreram queimados na Praça Grande e os restantes, degredados de 3 a 10 anos, seja para as galés [embarcações], seja para a África ou Brasil.

Quanto a Luiz Delgado e o menino Brás, acusados de praticarem o pecado, ambos foram torturados e condenados. Luiz ficou três anos no degredo e oito anos proibido de entrar em Évora. O menino ficou nove meses no cárcere e mais três anos de degredo, conforme relata Mott (1988: 81). Mas o caso de Luiz não termina, pois ele vem ao Brasil onde é preso e perseguido em vários momentos de

sua vida, juntamente com muitos outros sodomitas¹¹⁴ que a inquisição tentava eliminar da nova colônia como descreve Mott (1988).

A inquisição que começa em 1217 só termina em 1821, momento em que a medicina (ganha força com o positivismo, o conhecimento científico), juntamente com o direito e religião instauram sua cancela para cuidar do que passou a ser chamado homossexual – um doente que precisava ser tratado, curado, pois tanto quanto o sodomita, continuava a sujar a cidade moderna que crescia ao lado do progresso científico que prometia vantagens grandiosas para o século XX, conforme já discutido anteriormente.

Pois bem, qual a relação dos *benandanti* com os processos inquisitoriais de gays? Uma questão de imagem.



Foto Parada 2003 – arquivo www.glsplanet.com.br

¹¹⁴ Ao ler sobre os processos inquisitoriais Mott (1988) relata os julgamentos de vários homens que foram condenados. Isso nos suscita uma dúvida: e as mulheres? Quando um sodomita era denunciado, parte de seus bens ia para a igreja e outra parte para a pessoa que o denunciava, se fosse o caso. Como as mulheres não possuíam bens, a perseguição contra elas não resultava em ganhos. O pesquisador encontrou somente um caso de *sodomia faeminarum* (sodomia feminina) que aconteceu na Bahia em 1593: a lésbica Felipa de Souza foi açoitada em praça pública e degredada. Seu nome identifica um prêmio que a ILGA – International Gay and Lesbian Rights Commission – concede a pessoas e entidades gays e lésbicas que mais se destacam na luta em prol dos direitos humanos (Mott, 2004).

4.3 – A SOMBRA, O SENSÍVEL, A IMAGEM, O MOVIMENTO...



ISSO NÃO SÃO GAYS!



Fotos da Parada 2004 – arquivo mixbrasil.

ISSO TAMBÉM NÃO SÃO GAYS!

Lévinas (2001) nos ensina que olhar as imagens somente pela ótica da fenomenologia é restringi-las a uma falsa transparência, apenas conceituá-las, uma vez que quando olhamos uma imagem não é simplesmente olhar para o mundo através de uma janela e ver o que ele representa. Se fixamos na imagem, no símbolo ou no signo como estruturas que prevêm o já dito, não vemos o que representam. É necessário um movimento para fora da representação, em direção à obra que é construção do homem e algo a alcançar, aquilo que nos torna humanos para que possamos ultrapassar os limites da vida. Como esclarece Bakhtin (2000:86)

É somente com a condição de eu ficar fora dos limites em cujo interior a alma vive a vida, de ocupar uma posição que me coloque fora dessa alma, de dar-lhe uma carne exterior significativa e de cercá-la dos valores que são transcendentais à sua própria orientação no mundo das coisas (seu fundo, seu âmbito de vida como ambiente e não como campo de ação, ou horizonte), que a vida dessa alma me aparecerá numa luz trágica, assumirá uma expressão cômica, tornar-se-á bela e sublime.

Esse movimento de ir para fora se aproxima do que Lévinas chama de escritura e tem como elementos os signos marcados pela história e também pelo seu fim; eles não são meus, mas do(s) outro(s) que me antecede(u)ram e que vir(á)ão depois de mim. Ou seja, eles são movimentados pelos sujeitos que são passado, são também aquilo que não veio e o que vão provocar: o enunciado.

Cada coisa contém um real (paródia, tragédia, comédia) e seu duplo (o que parece ser, o que significa para nós). Nas palavras de Levinas: *La realidad no*

sería solamente aquello que es, aquello que ella se desvela en verdad, sino también su doble, su sombra, su imagen (2001:52). Mas a linguagem que usamos para descrever um objeto, uma imagem não é a sua própria linguagem, mas a linguagem de quem os descreve. Nesse sentido o real não é conhecido, por isso o duplo é uma imagem do objeto e me apresenta o real. Mas a relação entre duplo e imagem que se dá por semelhança não é uma mera relação entre original e cópia, ao contrário é um movimento em relação à própria imagem. Como explica Lévinas (2001:52)

El ser no es solamente él-mismo, se escapa. He aquí una persona que es lo que es; pero no hace olvidar, no absorbe, no cubre enteramente los objetos que tiene mano y la manera en que los tiene, sus gestos, sus miembros, su mirada, su pensamiento, su piel, que escapan debajo de la identidad de su substancia, incapaz, como un saco agujereado, de contenerlos. Y es así como la persona lleva sobre su cara, al lado de su ser con el cual coincide, su propia caricatura, su pintoresquismo. Lo pintoresco es siempre levemente caricaturesco.

Pensar em caricatura é pensar no que motiva essa discussão: a Parada que é uma imagem não do que é, mas uma alteridade do que os heteros vêem. As fotos acima são uma resposta do que muitas pessoas acham que nós gays somos quando usamos da caricatura e devolvemos em forma de paródia no dia da Parada. As fotos que vemos são uma alegoria do ser, pois representam o que a própria imagem torna duplo. Ou seja, isso não são gays, mas uma representação que consiste em mostrar que o “objeto” não está onde pensamos que ele se

encontra. Os elementos que percebemos na foto, e que nos dão idéia de um real, são apenas cores, pedaços, partes que fazem um jogo entre presença e ausência, reflexo. Devemos perceber que

O autor de uma obra está presente somente no **todo** da obra. Não será encontrado em nenhum elemento separado do todo, e menos ainda no **conteúdo** da obra, se este estiver isolado do todo. O autor se encontra no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem, e percebemo-lhe a presença acima de tudo na **forma**. A crítica costuma procurar o autor no conteúdo separado do todo; conteúdo que é associado naturalmente ao autor, homem de um tempo definido, de uma biografia definida e de uma visão do mundo definida (a imagem do autor fica confundida com a imagem do homem real) Bakhtin (2000:403). (grifos do autor)

E nem mesmo a minha foto, o auto-retrato de um pintor, a imagem que vemos no espelho não é a pessoa, mas a própria imagem refletida que não conseguirei encontrar; ficou então perdida em algum espelho? Somente o outro pode me ver em minha completude. Mas essa relação com outro não é uma perfeita harmonia, uma vez que

viver o outro de modo real, concreto, valorizado, no interior do todo fechado da minha própria vida, singular e única, no horizonte real da minha vida, se assinala por essa ambivalência, pois, eu e o outro, ambos evoluímos em níveis (planos) distintos da visão e do juízo de valor (um juízo de valor concreto, real e não uma construção da mente), e se quero operar uma transposição que nos coloque, eu e o outro, num único e mesmo nível, devo, em

meus valores, situar-me fora da minha própria vida e perceber-me como outro entre os outros; a operação é fácil no abstrato, quando me coloco num ponto em que compartilho uma norma comum com os outros (na moral, no direito), uma lei estabelecida pelo conhecimento (fisiológica, psicológica, social); mas essa operação abstrata está longe daquela que consiste em vivenciar-me enquanto outro em toda a evidência concreta de valores, está longe de uma visão concreta de minha vida e de mim mesmo – seu herói – que me colocaria na mesma categoria dos outros homens e das suas vidas, no mesmo plano deles. (Bakhtin, 2000:76)

Se voltarmos ao passeio pela história realizado antes, creio que conseguiremos entender a relação entre os *benandanti* e os gays nas garras da inquisição. Eles estavam em outros planos de valores, outros níveis de normas estabelecidos. Os *benandanti*, camponeses que tinham práticas fora do modelo cristão da época, eram obrigados a fazer confissões sobre suas práticas com bruxarias, diabo, lobisomem. Os gays também eram torturados por práticas consideradas insanas. E se os *benandanti* não existem mais ou eram mito, lenda, muitos gays ainda são torturados, excluídos, mortos por não estarem dentro das normas¹¹⁵. É assim que acusados de serem pecadores e difamadores, sujos, ambos assumiram a imagem que lhes foi atribuída – *benandanti*, adoradores do sabá e gays, praticantes do pecado nefando, alma de mulher em corpo de

¹¹⁵ Ver em anexo o mapa da sodomia no mundo e as fotos de enforcamento de gays no Irã e Iraque. Nesses países, desde o final da década de 70 até o momento, mais de 4000 gays foram condenados e mortos. No entanto, em cidades como Jerusalém, apesar da violência e agressões, já se realizam Paradas. E na Arábia Saudita mulheres fazem a cirurgia de transgenitação, ou seja, mudam de sexo (ver anexo).

homem, *malandanti*¹¹⁶ – criando uma relação entre o que eram eles mesmos e a sua imagem. E por tratar do que não é, essa imagem me fornece categorias para eu pensar o que são os *benandanti*, os gays.

Na Parada, não há somente gays fantasiados, ou mesmo quem está caricaturado, não é assim no dia-a-dia, durante todo o tempo, nem mesmo as *drags queens*. As alegorias e imagens pitorescas dos personagens – que é um outro de mim mesmo quando estou em um processo de escritura - que vemos na Paulista são indícios para entender as nossas relações em sociedade, sobretudo as relações de gênero e sexualidade, discutidas anteriormente. Essas imagens ridicularizam, denunciam as relações de gênero que nos oprimem (homem x mulher) e nos impõem padrões rígidos (heteronormativos) e determinados (heteroreprodutivos) para serem seguidos. As travestis, por exemplo, parodiam o gênero feminino, ao representar um homem de pinto, mas com peito e corpo montado com silicone e/ou plásticas. Também os homens trans parodiam o masculino com a retirada dos seios, mas com barba, pelos e vagina. Veja a foto a seguir.

¹¹⁶ Jogo com o termo *benandanti* – andarilhos do bem; *malandanti* – andarilhos do mal.



Foto homem trans – arquivo mixbrasil.

Para compreender o que as imagens podem nos dizer é necessário pensar na alteridade como explica Bakhtin. Ou seja, preciso estar fora para contemplar e ver a imagem, fazer um movimento de exotopia, pois o exterior não é sua verdade, não contém a sua completude, uma vez que *el cuadro tiene, en la visión del objeto representado, un espesor propio: es él mismo objeto de la mirada. La conciencia de la representación consiste en saber que el objeto no está ahí* (Levinas, 2001:54).



Foto Parada 2004 – arquivo mixbrasil.

A imagem¹¹⁷ implica um domínio sobre *el sujeto*, que *assume el sentido de “estar sujeto a algo”, estar sujeto a una alteridad, que forma parte ineliminable de su misma realidad, que se convierte em su doble, su sombra*, como explica Ponzio ao confrontar Bakhtin e Lévinas (1998:215). Esse assujeitar-se a uma alteridade não significa uma submissão. Ao sair para contemplar o outro, não há uma fusão, uma antropofagia, mas uma saída e uma volta, um retorno enriquecido, pela relação dialógica que requer a escuta do signo alheio sempre preche de significados¹¹⁸. Isso significa também uma atitude responsiva que se dá pela linguagem nas palavras de Bakhtin ou um acolhimento do outro como propõe Lévinas, isto é, para os pensadores a alteridade é necessária e, nessa relação, o outro é uma necessidade para mim e não um contraponto.

¹¹⁷ Foto da Parada 2004, arquivo www.mixbrasil.com.br

¹¹⁸ Essa relação exotópica também se dá no que se refere ao conceito de cultura que, para Bakhtin, *é uma unidade aberta e o encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente*, Bakhtin (2000:368).

A relação entre escritura e movimento que propõe Lévinas é também uma relação com a alteridade porque significa mais do que mostra, excede, vai além do significado. Desse modo, pensar a Parada como escritura é pensar um movimento da vida onde os signos da alteridade se manifestam, dão abertura e deixam pegadas, permitem outros diálogos para que possamos compreender outros sentidos. E são destes signos que se compõem o que Bakhtin chama de corpo grotesco que, por meio da caricatura e alegoria apontadas por Lévinas e também discutidas em Bakhtin, contrapõem ao monologismo da linguagem e da vida e enunciam formas novas de vidas que se renovam, que trazem novos sentidos. Sentido, na perspectiva de bakhtiniana, é entendido como resposta a uma pergunta, pois o que não é capaz de responder a nenhuma pergunta tem carência de sentido.

4.4 – O CORPO GROTESCO NA PARADA



Foto Parada 2004 – arquivo Folhaonline.

Uma hipérbole, uma profusão de cores... olhos exageradamente pintados e arregalados, língua colorida pelo vinho que vendem na rua, boca escancarada pronta para deglutir. Essa imagem do corpo grotesco com os orifícios em destaque ultrapassa os limites do corpo individual, rompe as fronteiras e exagera positivamente a tensão corporal. Os olhos parecem sair para fora, vasculhar tudo ao seu redor, apontar e atirar. Mas é a boca a parte mais importante do rosto. Ela é a cavidade onde estão os dentes que trituram os alimentos. Através da boca comemos, engolimos, devoramos, mastigamos para satisfazer nossa fome quando os alimentos chegam ao estômago para serem absorvidos e depois eliminados. Dessa forma, a boca escancarada que está no alto (cabeça, espírito) se liga ao baixo (ventre, reto) produzindo uma imagem ambivalente de morte e vida. Não é por acaso que um exagero da boca é utilizado para desenhar máscaras, além de servir como uma das imagens centrais das festas populares, conforme explica Bakhtin (1987). Na boca também está a língua que nos faz sentir o prazer daquilo que comemos, que bebemos (e depois urinamos), que chupamos, que lambemos, ou o nojo daquilo que cuspiamos como gesto de rechaço. Também pela boca vomitamos, sobretudo quando comemos ou bebemos em excesso, quer dizer, pela boca entra o bom (comida) e também sai o mal (azia, mal-estar), fundindo as imagens entre morte e vida. E é pela boca que sentimos o prazer do beijo que a nós gays é proibido em público, mas na(s) festa(s) da Parada é comum ver casais gays se beijando na rua, no meio da multidão, na praça. Acontecem inclusive ousadíssimos beijos a três (dois homens e uma mulher, duas mulheres e um homem etc), (des)construindo a dicotomia das velhas regras de relações e

propondo novas formas de prazer, de relação. O beijo gay extrapolou o espaço público da festa e virou o que é chamado de beijaço, isto é, um

tipo de protesto que vem se tornando comum no movimento homossexual desde 2002, quando o primeiro deles ocorreu num bar do eixo Paulista – jardins. Nos moldes do *kiss-in*, tática política do movimento nos Estados Unidos e Europa, o “beijaço” consiste numa demonstração pública de afeto entre homossexuais em locais em que essa prática é coibida, buscando visibilidade para esse público. O *kiss-in*, por sua vez, foi inspirado em estratégias de ocupação presentes nos movimentos de direitos civis desde a década de 1960, quando o movimento negro realizou os primeiros *sit-ins*, em que um grupo ocupava um estabelecimento onde sua presença fosse mal vista ou proibida (Simões e França, 2005:320).

Quando acontece discriminação em um local tipo bar, shoppings, universidade, gays se reúnem no local e fazem o protesto do beijaço, ou seja, todos os casais se beijam ao mesmo tempo. Tal fato já aconteceu em diversas universidades do país como USP (duas garotas foram convidadas a saírem, por uma policial, pois estavam se beijando dentro da universidade – espaço público), Federal Fluminense, no Congresso Nacional em Brasília, no Shopping Frei Caneca em São Paulo que é conhecido como Shopping Gay Caneca¹¹⁹, pois por causa da expulsão de um casal gay do local, gays realizaram um beijaço no local e hoje o Shopping é freqüentado livremente por gays, heteros etc. É interessante observar que a imprensa televisiva nunca mostra tais

¹¹⁹ Ver anexos sobre beijaço. Apesar de haver uma lei anti-discriminatória que garante o afeto entre pessoas do mesmo sexo em ambientes públicos, há um enorme problema na aplicação dessa lei.

acontecimentos, tampouco permite que o beijo gay aconteça nas telenovelas, embora os casais heterossexuais mesmo adolescentes se comecem em beijos e carícias muito sensuais e íntimas. Fica a cargo da internet, de acesso ainda restrito, noticiar tais fatos, seja mostrar cenas de beijos na Parada ou mesmo nos protestos de beijaços.



Foto Parada 2004 – dos dados gerados.



Foto Parada 2002 – arquivo folhaonline.

Ainda é por meio da boca, língua, garganta, glote que produzimos os sons. E a linguagem dos palavrões (exemplo: cara de cu) evoca constantemente a relação entre alto e baixo, recupera as imagens grotescas, ou seja, a ambivalência do corpo grotesco. Por isso, temos a expressão “boca suja” para reprimir alguém

quando ouvimos um palavrão, sobretudo as crianças. Ou seja, a boca, lugar sagrado por onde entra nosso alimento, lugar da pronúncia, da oração (num país católico a oração tem muita importância) não deve se unir ao baixo (profano). Por fim, o nariz também é parte do corpo grotesco, pois é um orifício que absorve o ar que entra pelos nossos pulmões, dá vida, nos permite sentir os aromas das comidas, repugnar os cheiros desagradáveis. E além de ser associado ao falo, pode se transformar em um – parte que adquire independência – para inverter a ordem lógica da natureza e se ligar a outro plano, isto é, sai do baixo (pênis - profano) e vai para o alto (face - sagrado), ficando próximo da boca e, por isso, provocando o riso por meio de uma metamorfose, como na foto abaixo¹²⁰.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

O corpo grotesco está em constante movimento, pois a lógica artística da imagem grotesca ignora a superfície do corpo e ocupa-se apenas das saídas, excrescências, rebentos e orifícios, isto é, unicamente daquilo que faz atravessar os limites do corpo e introduz ao fundo desse corpo. Montanhas e abismos, tal é o relevo do corpo

¹²⁰ Ver reportagem em anexo sobre beijaço.

grotesco ou, para empregar a linguagem arquitetural, torres e subterrâneos (Bakhtin, 1998:277-8).

A ênfase dada às saídas e protuberâncias do corpo grotesco ganha destaque com o falo, parte do nosso corpo por onde eliminamos a urina (morte) e também por onde sai o esperma que significa concepção, vida e, na forma grotesca pode atingir um tamanho gigantesco.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Bakhtin (1998), em seu estudo do grotesco a partir da obra de Rabelais, afirma que o gigante (as imagens em Gargantua são gigantescas) representa, em sua definição, uma imagem do corpo grotesco. E, quanto às suas origens, o pensador explica que o grotesco remonta às lendas de Calístenes do século III antes de Cristo, às pinturas das viagens de exploradores como Marco Pólo que apresentam corpos híbridos, desenhos retorcidos. Também influenciaram o corpo grotesco procissões de carnaval e festas populares em praças públicas onde havia uma enorme profusão de tipos (bufões, bobos da corte etc), comidas, bebidas, quer dizer, um ambiente propício para abundância de natureza material e corporal.

É em um ambiente de comilança que se dá o nascimento do gigante Gargantua. Depois de um banquete em que Gargamelle, grávida de 11 meses, comeu demasiada quantidade de tripas, sentiu mal e

começou a gemer a gritar. Numerosas parteiras chegaram de todos os lados e, apalpando-a por baixo, encontraram uns pedaços de pele de muito mau gosto. Pensaram que fosse a criança, mas era o reto que escapalhara, por se ter afrouxado o ânus, que vós chamais de olho-do-cu (Rabelais, tradução brasileira, Ediouro, p. 42).

E logo que nasceu, saindo pelo ouvido¹²¹, ao invés de chorar, ele gritou: *beber, beber, beber*, como em um gesto de convidar todos a continuar a festa. Pelo fato de já nascer gritando o pai – Pantagrueu – deu-lhe o nome de Gargantua.

Em Mário de Andrade podemos ver como as imagens do corpo grotesco são recuperadas. O livro começa com o nascimento do herói sem caráter:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma (Mário de Andrade, 1981:9).

Mas é no filme que a imagem grotesca do nascimento de Macunaíma é mais cômica. No meio do mato, a atriz Dina Sfat pare ou parece cagar um bebê,

¹²¹ Essa imagem grotesca do nascimento é comum nos mitos gregos. No banquete de Platão, a deusa Afrodite celestial, nasce do esperma de Urano que é jogado ao mar. O deus Dionísio é gerado nas coxas do seu pai Zeus.

que é um velho preto – Grande Otelo. Este, ao contrário de Gargantua, tem uma preguiça que o paralisa.

Da aproximação entre Rabelais e Mário de Andrade, podemos perceber que o traseiro representa um papel importante na concepção do corpo grotesco e, na Parada, está em bastante evidência, com destaque, protuberante, hiperbolizado, seja com a ajuda de malhação, hormônios ou silicone.



Fotos da Parada 2006 – dos dados gerados.

E se antes a bunda era considerada o vaso pecaminoso, parte externa e privada, individual do corpo delimitado em que não se podia manifestar a vida íntima, onde

se situa o ânus, orifício sujo para saída dos excrementos (apenas morte), agora é convite para entrada a um novo prazer e se funde em morte e vida, assim como a boca que engole, alimenta, mas também serve de passagem para jogar fora o mal por meio do ato de vomitar. Com o grotesco, há um rompimento nos limites de um corpo cânone, organizado em torno de um sujeito uno, com uma identidade fixa, regido por uma linguagem oficial que condena tudo que diz respeito ao prazer corporal, como também despreza tudo que é da linguagem familiar. Diferente do que acontece no modelo canônico corporal em que os acontecimentos tem direção única (jovem/velho, belo/feio) e a morte põe fim a tudo, no corpo grotesco a morte

não põe fim a nada de essencial, pois ela não diz respeito ao corpo procriador; aliás, ela renova-o nas gerações futuras. Os acontecimentos que o afetam se passam sempre nos limites de dois corpos, por assim dizer no seu ponto de interseção: um libera a sua morte, ou outro o seu nascimento, estando fundidos (no caso extremo) numa imagem bicorporal (Bakhtin: 1998:281).

No século XVI, o escritor francês Montaigne¹²² fez uma interessante pergunta sobre a imposição de um modelo hegemônico corporal: *o que fez aos homens a ação genital, tão natural, tão necessária e tão justa, para que não se ouse falar dela sem vergonha e para excluí-la das conversas sérias e regradas? Nós pronunciamos ousadamente: matar, roubar, trair; e aquilo, não ousamos dizê-lo a não ser entredentes?* Não parece que esta pergunta foi feita recentemente? De fato, acostumados com a banalização da violência, crianças, jovens e adultos

¹²² Montaigne, Plêiade, p. 825, livro de bolso, vol. III, p. 72, apud Bakhtin (1988:280)

assistem normalmente pela televisão ou vêem nos jornais e revistas imagens de guerra, corpos despedaçados, crianças morrendo de fome no nordeste e África, mortes na favela, corpos despedaçados em acidentes etc. No entanto, não se pode mostrar, por ser imoral, as imagens da Parada, dos corpos grotescos. Nas primeiras Paradas que aconteceram, a rede Globo, por exemplo, se recusou a mostrar ou comentar as imagens da festa. E se hoje o fazem, é de modo, generalizado, *en passant*, dando destaque aos gays como bons consumidores, como fez o ator Bruno Gagliasso em reportagem para o programa Fantástico na Parada de 2005. A Parada pode até ganhar destaque (sem imoralidades!), mas não no horário nobre, mas, por exemplo, no Bom dia Brasil¹²³, horário pouco provável para crianças assistirem televisão, sobretudo um jornal. Ou até pode mostrar no Fantástico, porém sem imagens de corpo grotesco, nem mesmo os seios



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

que, na Parada, podem não satisfazer/cumprir a função de amamentação, que é algo sagrado, preservado. No corpo das trans os peitos¹²⁴ têm outro significado e não homogeneizam a superfície corporal, eles desafiam o idealismo corpóreo, a

¹²³ Reportagem de 31/07/06 sobre a Parada no Rio de Janeiro.

¹²⁴ Fotos da Parada 2006 – dos dados gerados.

pureza dos gêneros e se misturam: homens de peito, mulheres sem peito, com pêlos e outras possibilidades mais.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Se o estado e as sociedades homofóbicas querem controlar o comportamento de seus cidadãos e os contatos externos de seus corpos, preservando um corpo puro, o corpo grotesco lhe escapa, pois não é classificável em sistemas, conforme comentam Clark e Holquist (1998). Ele é ilimitado, vai às profundezas, é incerto e contraditório; ele mostra que a megalomania da cultura dominante de tradição judaico-cristã de impor valores de cima para baixo está minando...

O corpo grotesco, explica Bakhtin (1998), é o corpo da transmutação e está em constante movimento em torno do cosmos e seus elementos: água, ar, terra, fogo que estão submetidos à lei de nascimento e morte de todas as coisas da terra. Por isso, as imagens grotescas rompem com o padrão corporal estabelecido pela ciência moderna, pois violam as regras taxionômicas e permitem o surgimento de novos corpos que não são estáticos, formais. A frase da foto a seguir mostra como os corpos em movimento rememoram o orgulho gay.



Foto Parada 2004 – dos dados gerados. A frase diz: *Filhas da terra, do ar, da água e do fogo: nossa família com muito orgulho! AMAM – Associação de mulheres que amam mulheres.*

Na Parada, os corpos grotescos não colocam a sexualidade como *raison d'être* da existência humana, como explica Stam (2000), embora muitos acreditem ou vejam somente o lado puramente sexual¹²⁵ desses corpos. No grotesco não há uma supremacia do sexo em relação a outras partes do corpo. Os verbos utilizados para falar do corpo grotesco estão no mesmo eixo sintagmático, não há uma hierarquia, por exemplo, do trepar em relação a mijar, gozar, peidar, cagar, transpirar, comer, beber, vomitar, cuspir, tossir, arrotar etc. Nas palavras de Bakhtin (1998:294), as pessoas assimilam e sentem *em si mesmas o cosmos material, com os seus elementos naturais, nos atos e funções eminentemente materiais do corpo: alimentação, excrementos, atos sexuais*. Dessa forma, elas encontram em si mesmas e podem tatear, *saindo do seu corpo, a terra, o mar, o*

¹²⁵ O corpo grotesco como vemos na festa da Parada, não é o corpo pornográfico dos filmes em que os efeitos de *zooms* da trepada focalizam em primeiro plano o pinto sempre grande, e depois a buceta, o cu ou a boca como meros buracos para se chegar a um objetivo final: o gozo do homem. É interessante observar que, em filmes pornôns as mulheres não têm orgasmo, o que vale é o prazer masculino, i.é, muito esperma jorrando.

ar, o fogo e, de maneira geral, toda a matéria do mundo em todas as suas manifestações (Bakhtin, 1998:294).

A imagem do grotesco é a soma de todos os corpos externos, é composto de clivagens, não é individual; assim como a palavra dialógica que tem em si outras vozes, o corpo grotesco traz em si outros corpos. Podemos dizer que há uma dissolução do individual que se completa no coletivo, pois corpo e palavra se dissolvem para suprimir o individual, o caráter monológico. Se o corpo grotesco é discutido a partir de oposições binárias tipo alto/baixo, sagrado/profano, *o traço remarcável de Bakhtin foi saber descrever não somente estas oposições polares, mas sua inversão e sua neutralização* (Ivanov, 1996, p. 62-63).

Desse modo, podemos pensar o grotesco como polifônico e perceber suas estreitas ligações com o carnavalesco, pois *é no cruzamento de suas aberturas e de suas fronteiras que o corpo grotesco encontra a materialidade universal, o Eros mundial que se manifestam no carnaval, destruindo a inviolabilidade e a imunidade humanas* (Tchougounnikov, 2000:6). E os corpos, sejam grotescos ou não, se misturam na festa que tem a capacidade de aproximar tudo, lembrar, comemorar. A multidão comemora (veja a frase) e quem assiste também participa.



Foto Parada 2005 – dos dados gerados. A frase diz: *Garantir os direitos dos homossexuais é contribuir para uma sociedade justa e inclusiva*

Quinta narrativa

Quando eu tinha 12 anos e fui morar definitivamente na zona urbana, tomei conhecimento de um desfile de carnaval que haveria na nossa pequena e pacata cidade. Eu tinha imensidade curiosidade de saber como seria um desfile de carnaval que não conhecia sequer pela televisão. Mal ouvi o batuque no cair da noite e corri descalço para a pracinha central. Mas não pude participar, nem tampouco olhar. Havia uma corda isolando e os policiais vigiavam. Os blocos desfilam pela avenida ou passavam em carros enfeitados e as pessoas maiores aplaudiam, mas os pequenos como eu não conseguiam ver nada.... apenas ouviam o batuque e olhava a multidão.

Voltei para casa me perguntando: o que era o carnaval? Era, na verdade, quase o mesmo desfile de 7 de setembro que éramos obrigados a fazer na escola todos os anos. Os ricos tocavam a fanfarra, pois podiam comprar o uniforme, ou saiam em alas com alguma fantasia típica, ou em algum carro enfeitado. A diretora escolhia os melhores alunos e os mais bonitos para aprender a tocar, ensaiar e participar das alas e representar bem a escola. O restante, se não fosse desfilar com uniforme para representar a escola, ganhava falta ou perdia ponto em alguma matéria. Nunca fui no desfile e perdi todos os pontos, ganhei todas as faltas. Apenas uma vez fui assistir ao desfile do 7 de setembro e quando, entusiasmado e feliz, acenei para os colegas da turma que tocavam a fanfarra, não me olharam, continuaram sérios, pois eu não fazia parte da festa, era um mero espectador, apenas um qualquer... Desde então, entendi....

CAPÍTULO 5 – CAMINHAR, CANTAR E DANÇAR EM CIMA DO SALTO



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

5 - CARNAVAL(IZAÇÃO) E A PARADA

Ô abre alas que eu quero passar
 Ô abre alas que eu quero passar
 eu sou da lira
 não posso negar.
Chiquinha Gonzaga

Nos tempos da colônia e do império (entre 1600 e 1800) os portugueses trouxeram para o Brasil o Entrudo¹²⁶. Este era um ritual de muita farra, risos e palavrões em que senhores e escravos saíam às ruas para atacar os transeuntes com os limões de cheiro (projéteis feitos de resto de velas com água, anil, urina etc). O desenho abaixo¹²⁷, intitulado Cena do carnaval carioca, de Debret, ilustra e recompõe o acontecimento nas ruas da cidade do Rio de Janeiro do período escravocrata. Observe o garoto com a cara pintada e o limão de cheiro atirando em um senhor que pinta (com polvilho ou farinha de trigo) o rosto de uma senhora que foge.



¹²⁶ A palavra *entrudo* origina-se de *intróito*, expressão que a Igreja Católica denomina o princípio da missa. No contexto do carnaval, a palavra refere-se ao *intróito* – à quaresma.

¹²⁷ Imagem obtida pelo site www.google.com/imagens

Devido a sua forma agressiva de divertimento, que resultava até em mortes, o Entrudo foi extinto em 1854 (embora coexistiu até o início do século XX com as outras formas de celebração) com editais e alvarás lançados pela polícia e apoio das autoridades¹²⁸. Mas a festa do entrudo não era livre, havia determinadas regras. Os escravos não podiam usar o limão de cheiro ou farinha em um senhor, tampouco um senhor podia “brincar” com os seus escravos, somente com os de outro senhor. Muitas pessoas não saíam à rua, sobretudo os brancos, e diziam que era uma festa de negros, conforme analisa Pereira de Queiroz (1992). Muitos não admitiam desordem e bagunça nas ruas. Porém, já começavam nessa época os primeiros bailes onde a classe média podia se divertir sem os perigos da rua praticados pelos ditos incivilizados. Originários do bailes de máscara de Veneza, essa nova forma de se divertir era considerada civilizada, ordenada e recebia apoio de jornalistas e figuras notáveis da época como o escritor José de Alencar que afirmou às vésperas do Carnaval de 1855: *Confesso que esta idéia me sorri. Uma espécie de baile mascarado, às últimas horas do dia, à fresca da tarde, num belo e vasto terraço, com todo o desafogo, deve ser encantador*¹²⁹. É interessante notar que José de Alencar foi também um árduo defensor da normatização da língua; ele se manifestava a favor de uma ordenação na linguagem “caótica” da colônia escravocrata.

Também nessa época surge, vindo da Europa, o corso, ou seja, desfile de automóveis pelas ruas do Rio de Janeiro com pessoas da alta classe fantasiadas. Isso era chamado o Grande Carnaval. Paralelamente ao corso, os bailes

¹²⁸ Em Recife ainda existe o mela-mela que é bastante praticado, uma versão do entrudo.

¹²⁹ www.almanaque.com.br/folhaonline

começam a adquirir sucesso – por meio de um longo processo que atravessa décadas – e vai ganhando cada vez mais força, conforme esclarece Pinheiro (1995). No entanto, surgem, ao lado do Grande Carnaval, o Pequeno Carnaval originário do morro, com música afro-brasileira; um novo ritmo cantado por pequenos grupos que passam a celebrar pouco a pouco suas festas. Do contato do Grande com o Pequeno Carnaval surgem, a partir de 1928, as escolas de samba. Desse modo, as novas transformações que acontecem nas celebrações do carnaval alteram a forma como essas passam a ocupar o espaço da cidade. De acordo com Araújo (1997:203),

Desde meados dos séculos XIX, intensificando-se a partir de 1870, as manifestações carnavalescas passaram a ter curso preferencial, mas não exclusivamente nos espaços públicos e ao ar livre da cidade. Ruas, praças, pontes e pátios das igrejas, outrora tão desprezados pelos segmentos da elite e da classe média urbana emergente, viram alterados seu uso e significado social, sobretudo de 1840 em diante.

Os bailes continuaram ao longo do século XX em ambientes fechados e restritos, com músicas específicas¹³⁰. As escolas de samba conquistaram o espaço das grandes avenidas da cidade e, com o crescimento e sucesso cada vez maior, surgiu o sambódromo que domesticou a massa urbana e fez do carnaval uma festa civilizada, nos dizeres de Pereira de Queiroz (1992). Se por um lado são os negros do morro que mostram sua inteligência ao criarem a beleza e brilho

¹³⁰ Green (2000) que, sobretudo a partir da II Guerra Mundial, os gays no Rio de Janeiro aproveitavam o carnaval para freqüentar os bailes, embora a perseguição por parte da polícia fosse acirrada.

do carnaval, por outro, eles não participam como desejariam da festa, tampouco tem o privilégio de sequer ver o desfile na Marques de Sapucaí, a não ser o espetáculo que a televisão mostra. São os brancos de alto poder aquisitivo que aplaudem e têm as melhores imagens do espetáculo de dentro de seus camarotes que, juntamente com a polícia, controlam toda a boa realização da festa (Pereira de Queiroz, 1992).

O sucesso das escolas de samba, que começaram no Rio de Janeiro, fez do Brasil o país do carnaval luxuoso, da grandiosidade dos desfiles que atravessam as noites com o sambódromo lotado, sobretudo de personalidades e turistas de todo o mundo que pagam caríssimo pelos camarotes. As escolas seguem rigorosamente as exigências para desfilar e, tanto fora quanto dentro do sambódromo, o controle e a ordem são condições incontestáveis para ser uma escola campeã. A disputa é acirrada em todos os quesitos. Se a escola não cumprir as ordens, perde ponto e pode ser rebaixada.

Embora saibamos, sobretudo nós sudestinos, das regras das escolas de samba do carnaval carioca que se expandiu para outras grandes, pequenas e médias cidades brasileiras, esta introdução é para ressaltar afirmações muito comuns entre as pessoas: Parada é somente mais um carnaval, como afirmou o deputado Clodovil¹³¹:

E você vai participar também da Parada Gay ou só do Miss Brasil?

Clodovil Hernandes - Não, não vou, porque não gosto. Eu não me exponho a esse ponto. Nada contra, mas é aquilo que eu disse a você. Uma coisa é você se ajudar, porque eu também estou me ajudando. Outra coisa é você fazer carnaval fora de data. Não acho que seja motivo pra este tipo de manifestação. Não é uma

¹³¹ Entrevista do site www.acessa.com, realizada em 17/10/06. Acesso em 30/10/06.

revanche, não é nada. É simplesmente uma diversão. Tem tanta diversão que não precisa ser isso... É muito mais divertido, por exemplo, você ajudar quem precisa realmente. Quando você faz isso, dá muito mais alegria do que passar pela rua fazendo carnaval. Não vou fazer isso.

Apesar de dizer *nada contra*, Clodovil disse tudo, uma vez que, sendo a linguagem composta de signos ideológicos, estes ecoam outras vozes e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre passado e presente, ou seja, os signos verbais não são exclusivamente denotados, ao contrário, eles possuem acentos ideológicos que seguem outras tendências diferentes, pois nunca conseguem eliminar totalmente outras correntes ideológicas neles presente, como explica Miotello (2005:172). Fica evidente na fala de Clodovil seu desprezo pela alegria da festa: *é simplesmente uma diversão*. Talvez o seu desejo fosse de apenas uma lembrança séria, política com discursos pomposos o que vai ao encontro do desejo de um militante que declara: *eu ainda quero fazer uma parada sem trios*¹³². Desejo também expresso na fala de um participante da Parada: *as pessoas que vão pra Parada deveriam ter uma consciência do que isso significa, do potencial que isso tem. Exploram pouco a reivindicação, a luta*¹³³.

Grande parte da mídia impressa também mostra a Parada como um mero Carnaval: *Carnaval gay faz 200 mil pular e dançar na Paulista*¹³⁴. Isso também é reforçado pelos canais de televisão que, apesar do poder de difusão de imagens

¹³² Declaração de um militante durante a reunião de avaliação da Parada 2004 em 01/07/04.

¹³³ Entrevista em 15/11/06.

¹³⁴ Manchete do Jornal *Agora* de 18/06/2001.

que possuem, anunciam levemente algo do tipo: *Debaixo da bandeira com as cores do arco-íris, muita gente se abriga. Gays, lésbicas e simpatizantes*¹³⁵.

5.1 – PARADA, DESFILE, PASSEATA, PROTESTO...

Vamos andar
Com todas as bandeiras
Trançadas de maneira
Que não haja solidão...
Vamos andar
Para chegar à vida.
Silvio Rodriguez

A escolha do nome Parada é relatada por uma participante da organização do evento nos anos de 97 e 98.

Bom... desfile? Na verdade, a nossa dúvida ficou entre parada e passeata. Mas a nossa discussão ficou entre passeata e parada. Mas a questão da parada tem uma conotação política muito forte, assim, e, apesar do evento ser político, ele não é só político. Tem um lado de festa, de alegria, de brilho, que está aí, está paralelo. E é até uma forma de mostrar para a sociedade como a gente vive bem a vida e não tem problemas assim existenciais com relação à orientação sexual. E seria, também, uma coisa que afugentaria muita gente, imagina: “vou a uma passeata gay”. Parada tem muito mais uma coisa... muito mais de festa e acaba, para quem conhece a tradição americana, que tem a idéia de parada, né? E, como a gente optou pelo próprio dia 28 de junho [Stonewall] para estar fazendo a nossa parada, resgatando uma tradição deles, que existe em vários locais do mundo, então, vamos usar parada (...)¹³⁶.

¹³⁵ Chamada do Jornal Nacional da rede Globo em 17/06/2006.

¹³⁶ Excerto de entrevista de uma militante concedida a Facchini (2005:229-230).

Na fala da militante está expressa a contradição dos discursos e do sujeito que circula em todos eles: lembrar com uma passeata, cartazes, faixas, protestos, dizeres: o lado político do evento; ou o lado da festa, da alegria de comemorar a tomada do Stonewall. A respeito das duas primeiras Paradas, me relatou Regina: *na primeira a gente queria dar um aspecto lúdico, não só comemorar. Tem o preconceito, mas a gente não é triste, a gente tem alegria, por isso o tema: “Somos muitos, estamos em todos os lugares e em todas as profissões”. (...) Na segunda Parada teve a discussão: vai ter ala ou não vai ter ala? A ala das lésbicas e tal. A gente tinha o modelo das Gay Pride lá fora. Aí decidimos: não vai ter ala, todo mundo aí no meio, onde quiser*¹³⁷.

Como vimos antes, no Brasil, diferente de vários países, onde há uma separação entre quem participa e quem assiste – há uma grade de ferro que separa os participantes do povo que olha –, a Parada acontece na rua, em um espaço aberto da cidade. As pessoas têm total liberdade de circular, de dançar, de entrar na festa se desejar ou somente olhar, fotografar... Na foto a seguir, da tradicional e famosa *Gay Pride* de São Francisco, os participantes desfilam e acenam para os espectadores que estão atrás de uma grade de ferro que isola a rua para os gays desfilarem. Observe que há um grupo de noivas que estão juntas desfilando.

¹³⁷ Entrevista em 02/11/05.



Foto Parada 2000 (EUA) – dos dados gerados.

Nesta foto podemos perceber que na Parada de São Francisco, assim como no 7 de setembro, a rua é fechada para o desfile. Na Parada Militar, embora povo e autoridades participem, há uma separação e uniformização dos gestos que são assimétricos, as roupas e insígnias (re)afirmam as posições hierárquicas e marcam a distância social. Há literalmente uma marcha, um desfile que segue um padrão convencionalizado da virtude burguesa, individualizada e ostensiva que olha o passado de modo a manter e consagrar a ordem social estabelecida. (DaMatta, 1997). Para enfatizar essa formalidade, a Parada militar acontece à luz do dia. É comum ver, no desfile militar, os Pracinhas que lutaram na II Guerra Mundial. Sob as insígnias de ordem e progresso eles reforçam o dever cívico, o amor à pátria. Não importa se foram à guerra para matar e aprisionar, o importante são suas ações que lhes concedem o título de soldados que lutaram, defenderam a pátria em perigo. Todos são ovacionados pelo público quando passam.



Foto de uma Parada Militar – www.google.com/imagens

Assistindo a vídeos e analisando fotos de Paradas de vários países, observei que é comum ver performances em grupo das pessoas que desfilam: fazem o mesmo malabarismo, vestem todos a fantasia igual etc. Também é comum desfilarem em luxuosos carros conversíveis, o que as aproxima do corso.

Carrara (2006:69) ao relatar suas experiências nas Paradas dos Estados e Unidos e Brasil afirma que

entre o modelo do protesto (a passeata) e o da festa (o carnaval) alguns elementos importantes permanecem. Antes de mais nada, continua presente uma relativa porosidade interna entre os grupos que acompanham os diferentes carros de som ou compõem o movimento e a cena GLBT. Nada de alas bem separadas e homogêneas como em Chicago dos anos 90; aqui a massa é compacta. Além disso, permaneceu também o convite implícito para que todos participem, caminhem ou dancem juntos, ou seja, continuou presente a relativa ausência de fronteiras entre palco e platéia. Entre nós, não se trata apenas de exibir uma “comunidade” bem organizada aos que estariam supostamente fora dela ou em suas margens, mas de abrir

certas “janelas” entre mundos que, seja no interior do próprio universo GLBT ou entre universo e o de homens e mulheres heterossexuais, permanecem mais ou menos separados no cotidiano.

Em entrevistas com participantes das Paradas de Paris, Londres, Nova York e Toronto pude constatar que há divisões e agrupamentos por profissões: *lá é muito legal. Você tem, por exemplo, o grupo de comissários gays da Air France, todos fazendo os gestos que fazem dentro do avião*¹³⁸. Aqui, ao contrário, no meio da multidão, pode-se descobrir um marinheiro, uma médica, um soldado do exército ou até mesmo uma bombeira de minissaia, salto alto e barriga à mostra.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

¹³⁸ Entrevista em 10/12/2005.

Por não haver divisão entre atores e espectadores, há uma liberdade na manipulação de uma série de signos verbais e não verbais que permitem a criação de personagens que subvertem a ordem. É necessário enfatizar que na Parada, pelo fato de acontecer em um espaço aberto da cidade (Avenida Paulista) e, embora tenha uma organização que coordena e planeja a festa, qualquer pessoa (independente de sua orientação sexual) pode participar das reuniões semanais, trabalhar, desenvolver um projeto¹³⁹, ser voluntário da Associação da Parada e participar tanto dos preparativos da festa quanto se jogar nela. Diferente do carnaval no sambódromo (local fechado, de acesso restrito), a festa da Parada não tem um *script*, não segue uma ordem, ela é informal, dionisíaca. A presença do mito de Dionísio na Parada aparece

como princípio social de inversão, se repete em todas as manifestações carnavalescas e carnavalizantes ao longo da história. Todas essas ocasiões se caracterizam pela presença de ritos, os quais, situados na dialética entre o cotidiano e o extraordinário, entre o consciente e o inconsciente, entre o preestabelecido e o inusitado, estão sempre representando a brecha que é o desvão entre os dois opostos (Pinheiro, 1995:17).

A festa da Parada nasce justamente como o intuito de ocupar o espaço público – Stonewall 1969. Foi com porradas, pancadas e agressões que gays enfrentaram policiais e conquistaram o direito de ocupar as ruas da cidade, de freqüentar os bares, de ter o direito de consumir bebida alcoólica. Essa conquista

¹³⁹ Na Associação da Parada há pessoas que desenvolvem projetos diversos seja com financiamento, com parcerias ou sem financiamento. Para conhecer os projetos ver o site www.paradasp.org.br

que passou a ser conhecida como Parada do Orgulho GLBT pôs em evidência o corpo grotesco na rua, deixou o informal e o imprevisível fluírem.

O carnaval como temos hoje no Brasil (com exceções) é um espetáculo ordenado, que classifica, dá nota, avalia. Há uma organização apolínea (racional) e um *script* que os atores participantes devem seguir à risca, caso contrário, podem ser punidos, pois podem comprometer o desempenho de toda a escola. É um acontecimento oficial no mundo da cultura, tem um caráter oficial, desigual e hierárquico, diferente do carnaval antigo que

era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro incompleto. (Bakhtin, 1993: 8-9)

Essa visão dinâmica e ativa do carnaval está presente na linguagem da Parada, ou seja, a influência determinante do carnaval na Parada é o que se pode chamar de carnavalização - uma forma alternativa e alegre que relativiza as verdades e o poder. Seu traço principal é o avesso, com permutações entre o alto (cabeça, face – espírito, dignidade, sagrado, puro) e o baixo (traseiro e genitais – obsceno, riso, profano). Conforme já analisado anteriormente, a função das imagens provocadas pelo corpo grotesco – que perde sua força após o século XIX – *é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo* (Bakhtin, 1993:43). Ou seja, há uma inversão da ordem e cada um pode representar o que desejar, ser rei, príncipe, bichos, diabo,

bruxa etc. Esses personagens *não estão relacionados entre si por meio de um eixo hierárquico, mas por simpatia e por entendimento vindo da trégua que suspende as regras sociais do mundo da plausibilidade: o universo do cotidiano*, conforme explica DaMatta (1997:63). O diálogo com o outro/eu rege e quebra a monotonia da vida diária, seja através da roupa, seja através da atitude num outro, levando a uma espécie de efeito catártico para que a festa carnavalesca permita aliviar da hipocrisia social e do medo do corpo, o que poderá levar a uma derrubada simbólica das hierarquias sociais (Stam, 2000).



Foto Parada 2002 – arquivo mixbrasil

Se observarmos o contexto da Parada, pode-se notar como o caráter ritualístico da linguagem carnavalesca proporciona um direito de gozar a liberdade, de familiarizar-se, de quebrar tabus e regras habituais da vida cotidiana em sociedade e fazer ousadias como beijar o(a) namorado(a) em plena avenida, mostrar os peitos siliconados, os pêlos hormonizados, ou o *derrier*, o que, na vida extracarnavalesca da ordem é considerado imoral, obsceno. Também vale mascarar-se/fantasiar-se de todas as formas possíveis e imagináveis (desde

atrizes famosas, reis, rainhas, chapeuzinho vermelho que espera o lobo mau, palhaços etc), de todas as maneiras, mesmo que isso seja somente por um dia, que seja utopia de um mundo carnavalesco. Essa polifonia remete a vários subuniversos simbólicos o que evidencia o caráter heterogêneo e dinâmico da Parada. Isso a diferencia de um ritual unívoco que busca manter a ordem e preservar o passado, como é a Marcha para Jesus que acontece dias antes da Parada.



Foto Parada 2005 – dos dados gerados.

O dia da Parada funciona como uma catarse para a purificação, para a renovação, o nascimento para o novo. Cada um pode se mostrar tão louco como queira, dançar eroticamente (corpos seminus) em plena rua, desfazer-se em risos, pois o denominador comum da característica carnavalesca - o tempo alegre – faz-se presente. Todos – gays, lésbicas, travestis, transgêneros, homens, mulheres, crianças – se misturam com a multidão que os acompanham na rua e seguem a celebração até a praça onde termina a festa que se segue pela noite adentro nos

bares, boates etc. Nesse momento, é comum ver uma travesti, uma drag ou um mascarado(a) tirando foto com mães, com crianças ou casais.



Foto parada 2006 – dos dados gerados.

Ou filhos caminham com as mães lésbicas, pais drags ou mesmo senhoras que assistem com a bandeira nas mãos: Homofobia é crime. Ou seja,

Os costumes carnavalescos ajudam a criar um mundo de mediação, encontro e compensação moral. Engendram um campo social cosmopolita e universal, polissêmico por excelência. Há lugar para todos os seres, tipos, personagens, categorias e grupos; para todos os valores (DaMatta, 1997:623).

E essa profusão de tipos que se misturam em meio à lembrança e comemoração que acontece na Paulista, mostra como o tecido social muda ou necessita mudar seus valores e concepções que se transformam e trazem à tona novas possibilidades de interação com o outro, essa parte de nós com a qual dialogamos e que nos constitui.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.



Foto Parada 2006 – arquivo dos dados gerados.

As imagens mostram-se ambivalentes, ou seja, o novo e o velho, o que morre e o que nasce, o princípio e fim da metamorfose, a transformação, a evolução. A linguagem dessas imagens está em avesso; elas mostram as travessuras, as diabruras típicas da carnavalização, que torna possível a criação da estrutura aberta do grande diálogo, do livre contato familiar, além de permitir transferir a interação social *entre os homens para a esfera superior do espírito e*

do intelecto, que sempre era predominantemente a esfera da consciência monológica una e única, do espírito uno e indivisível que se desenvolve em si mesmo (Bakhtin, 1981:154).



Foto Parada 2005 – dos dados gerados. O cartaz diz: *Nós defendemos todas as formas de vida.*

5.2 – LIVRE CONTATO, EXCENTRICIDADE, MÉSALLIANCES, PROFANAÇÃO

Vestiu uma camisa listrada
 e saiu por ai
 Dizendo: mamãe eu quero mamar
 Mamãe eu quero mamar
 (...)
 levou meu saco de água quente
 para fazer chupeta
 rompeu minha cortina de veludo
 pra fazer uma saia
 abriu o guarda-roupa
 e arrancou minha combinação
 e até do cabo de vassoura
 ele fez um estandarte
 para o seu cordão
Assis Valente

Essas categorias carnavalescas nos convidam a fazer uma leitura da Parada, um acontecimento pós-moderno, na medida em que estabelecem um diálogo com as novas formas de convívio com o homem na sociedade, uma forma democrática de amar como questiona o enunciado: *E se tudo isso que você acha*

*nojento for exatamente o que eles chamam de amor*¹⁴⁰? O livre contato permite que as pessoas - separadas na vida cotidiana pela barreira da orientação sexual, etnia etc - entrem em contato e coloquem “brincos”, quer dizer, *unam-se, suspendam as fronteiras que individualizam e compartimentalizam grupos, categorias e pessoas* (DaMatta, 1997:62) como mostra a frase: *pobres – mulheres – negros – nordestinos – indígenas – deficientes – gays – idosos – lésbicas – transgêneros, etc... Não nos iludamos, estamos do mesmo lado, na luta contra o preconceito*¹⁴¹. Na foto a garota lésbica dança com a sobrinha (que segura a bandeira do arco-íris com os dizeres: Homofobia é crime – tema da Parada de 2006) no meio da multidão.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Se alguns comportamentos são considerados excêntricos, na Parada a categoria da excentricidade (violar o que é comum, deslocar a vida como na foto a seguir onde as bandeiras do Brasil ocupam o lugar do cabelo e as bolas de

¹⁴⁰ Frase do escritor Caio Fernando Abreu retirada do conto *Pela Noite*, reproduzida em uma faixa na Parada de 2004.

¹⁴¹ Cartaz da Parada 2006.

futebol, com a rede que vira sutiã, se transformam em enormes tetas) permite que as pessoas revelem e expressem, *em forma concreto-sensorial, os aspectos ocultos da natureza humana, como explica Bakhtin (1981:106).*



Foto da Parada 2002 – arquivo folhaonline.

Dentro dessa cosmovisão carnavalesca estão também presentes as *mésalliances*, ou seja, a união de algo superior com outro considerado de valor inferior (escravo-rei). Bakhtin (1981) explica que essas ações carnavalescas eram comuns no mundo antigo que possuía duas vidas: a oficial – monolítica, séria, sombria, dogmática, devota, piedosa, da consternação; a não-oficial, ao contrário era ambivalente, do riso, da paródia, do nascimento e da morte. As Saturnais, festa da Roma antiga em que derrubavam a ordem social, ilustram a coroação-destronamento da ação carnavalesca das *mésalliances*. Os escravos se sentavam à mesa e eram servidos pelos senhores, davam-lhes ordens, fazia-lhes reprimendas, troças, afrontas. Aos escravos era conferido um poder efêmero e paródico, como relata Caillois (1988). A linguagem popular das Saturnais de duplo

tom que coroa e destrói, o que é ao mesmo tempo regeneradora e ambivalente, exerceu forte influência no poeta latino Marcial¹⁴².

É assim que o alto se aproxima do baixo, novo do velho e permite um rompimento das hierarquias fechadas (valores, idéias, fenômenos, coisas) que imperam na vida extracarnavalesca. Dessa forma, pode-se ver dois homens vestidos de noivos se beijando para reivindicar a união civil entre pessoas do mesmo sexo - tema da Parada de 2004 - desestabilizando a ideologia oficial que tenta estabilizar, isto é, casamento é para duas pessoas de sexo diferente (Miotello, 2005:174).



Foto da Parada 2004 – dos dados gerados.

As *mésalliances* também se relacionam com a profanação que permite a paródia de textos bíblicos: *O senhor é meu pastor e sabe que sou gay. Jesus é meu rei, ele sabe que sou gay.*¹⁴³ Também é comum se vestirem de religioso(a)s – três freiras cantam e dançam com os terços nas mãos, mas se desfazem em risos e rebolam ao som das músicas, ao mesmo tempo que lançam olhos desejosos nos passantes mais sexys.

¹⁴² Ver Cesila (2004), trabalho a respeito do poeta Marcial.

¹⁴³ A primeira frase é de um Cartaz da Parada 2003. A respeito dessa frase, no meio da multidão, alguém grita: *Arrasou no salmo 24!* A segunda foi entoada na primeira Parada.



Ou ainda um grupo de vários rapazes vestidos com batinas de padres distribuem camisinha durante a Parada de 2000, uma forma explícita de protesto irônico contra a Igreja que condena o uso da camisinha. Aqui surge o riso carnavalesco que

também está dirigido contra o supremo; para a mudança dos poderes e das verdades, para a mudança da ordem mundial. O riso abrange os dois pólos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à crise. No ato do riso carnavalesco combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo). É um riso profundamente universal e assentado numa concepção do mundo. É essa a especificidade do riso carnavalesco ambivalente (Bakhtin, 1981:109).

O riso, na vida cotidiana, é relegado aos loucos, tem lugar no teatro e deve ser excluído de tudo que é sério. Jesus, a figura central do cristianismo, não aparece rindo, como observa Minois (2003). Se o riso surge com o pecado, isso é porque temos um motivo para

rir do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrotta, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída. O riso vai se insinuar por todas as imperfeições humanas. É uma constatação de decadências e, ao mesmo tempo, um consolo, uma conduta de compensação, para escapar ao desespero e à angústia: rir para não chorar (Minois, 2003:113).

E para rirmos do homem, esse ser imperfeito, usamos a paródia que, por estar em estreita relação com o riso, se liga à cosmovisão carnavalesca. Segundo Bakhtin (1981), desde a sátira menipéica pode-se notar a presença da paródia, mas não podemos percebê-la em gêneros considerados puros como a epopéia e a tragédia. É por meio da paródia que se dá a criação do duplo destronante ou de um mundo ao revés que se mostra ambivalente. Na Parada as travestis e *drags queens/kings* parodiam o feminino, o masculino, pois mostram que não há um gênero puro, ontológico. Elas desfazem a noção de original e cópia ao utilizar uma enorme variedade de signos para parodiar, por meios de atos performativos, o que seria, a princípio, natural, biológico, perfeito – mulher (feminino, passivo), homem (masculino, ativo). Então, masculino e feminino são performances que ecoam outros enunciados e mobiliza o sujeito para a ação.

Nesse momento de carnaval sem ribalta como é a Parada, o riso e a paródia são elementos que permitem criar condições para a comutação entre domínios e elementos que estão em posições descontínuas; as coisas ficam de cabeça para baixo, pois não é o poder, a riqueza que media as relações, mas a dança, a música, as fantasias, a alegria... As diferenças não são apagadas, mas elas mostram que todos são seres humanos, independente do modo como vivemos nossa sexualidade, conforme explica DaMatta (1997). Ou nas palavras de Geraldi (2003:50), a diferença, pensada no contexto da Parada identifica, uma vez que *diferenças só são percebidas nas familiaridades compartilhadas; desigualdades são recusas de partilha*. Ou como expressa os dizeres de uma faixa da Parada de 2000: *Democracia é saber conviver com o diferente!*

Todos os diferentes podem dançar, dar vazão a inovações e performances, festejar e beber dionisicamente até se esgotarem. No espaço da rua, o espetáculo de um(a) performer é dialógico, pois *acontece entre os signos que ele manipula para interagir com seus interlocutores ou espectadores que, por mais silenciosos que estejam, estão produzindo respostas que, por sua vez, alimentam o circuito da responsabilidade* (Machado, 2005:164). No espaço público de interação onde acontece a Parada, podemos ver, por exemplo, uma Cinderela com uma sacola de sapatos experimentando nos passantes para encontrar o seu bofe encantado¹⁴⁴. Ou ainda, um moço seminu fazendo malabarismo com fogo que, no contexto carnavalesco, pode representar *uma imagem ambivalente que destrói e renova simultaneamente o mundo* (Bakhtin, 1981:108).

¹⁴⁴ Exemplo de Trevisan (2000), sobre a Parada de 99.



Foto Parada 2004 – arquivo mixbrasil.

Estes exemplos ilustram uma das diversas possibilidades discursivas de uso dos signos verbais e não verbais em momentos de interação em que a linguagem é explorada em todas as suas potencialidades, seja ela visual, gestual, vocal. Por isso, podemos afirmar que a Parada é um espaço que não esgota as possibilidades semióticas, uma vez que a enunciação aparece como um ambiente privilegiado do diálogo e diversos acontecimentos inusitados e simultâneos se passam durante a festa que está/acontece/é em movimento (Machado, 2005).

Podemos melhor entender a enunciação e performance a partir dos estudos de Lord (2003) em seu livro *The singer of tales*. Em seu estudo, a respeito de repentistas de poemas épicos no leste europeu (antiga Iugoslávia e Romênia), o pesquisador percebe que cantar, compor e performar são facetas do mesmo ato, ou seja, o performer não é um mero reproduzidor de algo que outra pessoa escreveu, uma vez que o poema oral não é composto para, mas na performance (Lord, 2003:13). [grifos meus].

A partir das explicações do pesquisador, podemos esboçar o seguinte quadro:

MEMÓRIA	PERFORMÁTICO
Baú de memórias que funciona como uma espécie de depósito: atitudes, comportamentos, sexualidades. Está no nível do enunciado, portanto é geral. A métrica e a rima são produzidas a partir de expressões formuláicas.	Aqui se dão as performances, as atividades. Está no nível da enunciação, portanto é singular.

E o fim da festa significa fim das performances? Sim, acabam, mas a cada Parada é o mesmo e o outro. Embriagados e carnavalizados pela euforia da celebração, os participantes retornam ao cotidiano com regras pré-estabelecidas e completas, mas o tempo não é mais o mesmo, haverá outras estações que renovarão tudo, e tudo vai se transformando até a próxima festa. É nesse sentido que a Parada associa-se ao carnaval: o riso solto, a inversão da ordem, a explosão do deboche, os desregramentos em pleno espaço público: a avenida da ordem burocrática e a praça pública onde tudo é proibido em dias comuns. Locais onde desfilam as importantes pessoas da vida financeira da cidade letrada, do grande poder, das grandes decisões importantes para o país e de influência e repercussão mundiais. Com a Parada do Orgulho Gay, Instaura-se, então, um avesso que promove a f(r)esta entre o espaço privado e público.

5.4 – A F(R)ESTA DA PARADA

Seria suicídio
 se eu levantasse,
 derrubasse os lençóis
 e dançasse?
 Seria um milagre
 Se eu revirasse as gavetas
 E encontrasse um sonho?
 Venha dançar e acredite,
 Ainda sei encontrar alguém
 E olhar dentro dos olhos dele!
 Ainda...
 Carla Dias

Pensar a relação da festa da Parada com a língua(gem). Como seria isso? Embora pareça que são coisas diametralmente opostas, Parada e língua(gem) se encontram com o poder. A cidade das letras, palco da racionalidade, moderna, organizada não pode permitir invasões em seu espaço que provoquem a desordem (Rama, 1985). De maneira similar, a linguagem dita culta, que é parte dessa cidade racional, não pode ser invadida com linguagens periféricas. Apesar de não ter identidade, o poder é imposto em nome de uma vontade geral, excluindo assim a comunidade daqueles que estão fora dessa vontade geral, definida por um grupo (no caso da língua os gramáticos; no caso da sexualidade a medicina, a igreja, o direito). Assim, instala-se *o terror que consiste em conduzir a diversidade à unidade, em suprimir tudo aquilo que comprova a universidade impossível* (Duvignaud, 1983:159).

Como vimos anteriormente, essa orientação para a unidade é discutida por Bakhtin (1998) e mostra que a tentativa era, seguindo o método científico, fixar a língua em padrões rígidos, fossem fonéticos, fonológicos, sintáticos etc. Dessa forma, as variantes não poderiam ser consideradas, uma vez que não seguiam as normas estabelecidas pelos estudos da língua. É também pelas regras do método

científico, que surgiu o esforço em fazer a taxionomia da sexualidade e separar – homo (anormal), hetero (normal).

Diante disso, podemos pensar a festa da Parada que, além de acontecer no espaço aberto da cidade racional, leva a um espaço (Avenida Paulista, coração financeiro do país, centro do poder e referência mundial) uma linguagem considerada menor (do gueto).

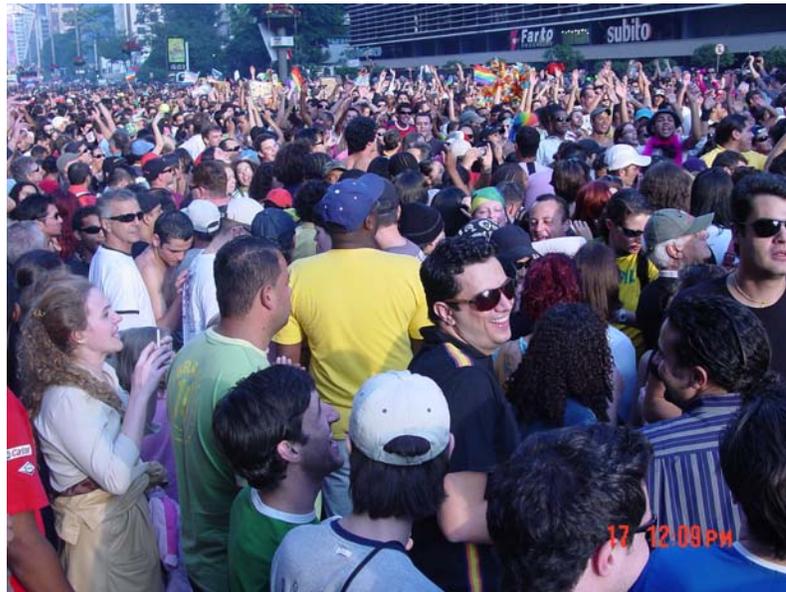


Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Conforme Caillois (1988), a festa, diferente da vida normal cotidiana cheia de atribuições e proibições, apresenta traços idênticos em qualquer nível de civilização.

Não há nenhuma festa, mesmo que esta seja por definição triste, que não incluía ao menos um princípio de excesso e de comida: basta evocar os banquetes funerários no campo. Ontem e hoje, a festa se caracteriza sempre pela dança, pelo canto, pela agitação, pelo excesso de comida e de bebida. Deve-se entregar ao prazer até esgotar-se, até cair desfalecido. É a lei própria da festa (Caillois, 1988:110).

Durante a festa da Parada constatamos esse excesso de que fala Caillois: o exagero nas cores das roupas, nas fantasias, nos gestos, nos brilhos multicoloridos e exóticos (ver foto a seguir em que a *drag* segura uma garrafa de vinho), na bebida, na quantidade de trios elétricos com som alto e variado e também no número de pessoas: 2,5 milhões de participantes no ano de 2006.



Foto Parada 2006 – dos dados gerados.

Esse recorde, apesar de divergente na mídia impressa, colocou o Brasil como tendo a maior Parada Gay do mundo, o que nos garantiu um lugar no *Guinness Book*. Ou seja, estamos à frente dos Estados Unidos (São Francisco) e do Canadá (Toronto), países onde acontecem as maiores Paradas do mundo.

Constata-se, ainda, na festa da Parada, a grande agitação e a dança, pois sendo uma aglomeração de massa, todos se entregam à celebração do dia e desfrutam de toda a intensidade que o momento oferece: *A festa [da Parada], como nos quatro anos anteriores, foi embalada ao som de muito techno, discoteca*

e hinos GLS como *Macho Man* e *It's raining man*¹⁴⁵. Diferente do que se possa imaginar, *não existem normas pra estes movimentos, todos os ritmos que facilitem a travessia da fronteira são autorizados* (Duvignaud, 1983:179). O que vale é atacar as normas regentes na véspera, mesmo que estas voltem a ser, no dia seguinte, invioláveis. No entanto, atacá-las e transgredi-las é, sem dúvida, um sacrilégio maior (Caillois, 1988). Veja o casal de adolescentes que se beijam apaixonadamente no meio da multidão.



Foto Parada 2004 – dos dados gerados.

A festa da parada é a tentativa de neutralizar todos os tipos de empecilhos, barreiras sociais ou preconceitos. Desse modo, mostra-se que a sociedade está necessitando renovar-se. Daí o ato de se festejar utilizando-se de fantasias diversas que representam uma forma eficaz de expulsar todos os males para alcançar a liberdade, a regeneração. Durante a festa, o desejo onírico se concretiza pela metamorfose de cores (expressa na própria bandeira gay, com as sete cores do arco-íris) dando uma impressão de fluido, de um renascimento. Eis a plenitude gloriosa e coletiva do grupo que se regozija trazendo a renovação para

¹⁴⁵ Folha de São Paulo 18/06/2001.

a sociedade que no ano seguinte se rejuvenescerá e terá um outro ciclo, e verá uma outra festa da Parada. Nas palavras de Duvignaud (1983:157), *a consciência coletiva que a festa realiza constitui, a um só tempo, a existência de uma sociedade e um meio efervescente onde tem nascimento novas formas de vida.*



Foto Parada 2002 – arquivo folhaonline.

Esta espera, no entanto, já inclui na memória social o aparecimento público da multiplicidade, o que a sociedade desejaria que fosse sempre da ordem do privado. A cada Parada mais aparecem os gays e mais se vai mostrando essa multiplicidade do tecido social cujo avesso emerge na festa e permanece na memória. Ou seja, a Parada enquanto acontecimento memorizado (desfile na rua, reprisado, televisionado ou retomado nos jornais) poderá entrar na história (a memória do grupo poderá perdurar e se estender para além do grupo social que viveu o acontecimento). Tal acontecimento, no plano do histórico, poderá se tornar, em compensação, elemento vivo de uma memória coletiva. Com esse entrecruzamento, apontam-se caminhos para a identidade, tanto individual como coletiva (Davalon, 1999:26).



Foto Parada 2005 – dos dados gerados.

Depois da festa, o gay volta ao subterrâneo, aos guetos, mas leva consigo a memória que permanece viva e o acompanha com o tempo cíclico, não estático, e é isso que faz surgir o diálogo com o outro (sociedade) que o recrimina. Mesmo que lentamente, algo vai mudando no âmbito do privado, pois a inversão da ordem durante a festa pública tem a função de trazer as renovações, as mudanças a que todos aspiram. Neste sentido, a festa mostra-se o seu caráter político.

Aqui podemos fazer um paralelo com a pesquisa de Reis (2002) que analisa as festas de escravos negros na Bahia durante a primeira metade do século XIX. O pesquisador mostra que, mesmo com todas as proibições e envolvimento da polícia, os negros, depois dos fortes batuques e rufar dos tambores que incomodavam os senhores pela sensualidade dos corpos e pelo excesso de comida e bebida, voltavam ao árduo trabalho e continuavam cantando. Era uma guerra simbólica que se travava com os superiores gerando tensão na elite que ficava dividida entre tolerar ou oprimir. Mas os negros burlaram o poder disciplinar para fazerem permanecer as suas festas e, com o fim do tráfico negreiro em 1850, estas passaram, pouco a pouco, a se popularizarem,

assegurando a hegemonia dos ritmos afros e integrando não só negros, mas também mestiços.

Esse caráter de mudança que a festa proporciona é coerente com o seu significado e a sua função, conforme esclarece Caillois. Para este pesquisador, a festa significa a despedida ao tempo caduco, ao ano concluído e, ao mesmo tempo, a eliminação dos despojos produzidos pelo funcionamento de toda economia das manchas inerentes ao exercício de todo poder.



Foto Parada 2004 – arquivo folhaonline.

No que se refere à função da festa, Caillois explica que, em todos os tempos, ela constitui uma ruptura na obrigação do trabalho, uma liberação das limitações e das servidões da condição humana: é o momento em que se vivem os mitos, o sonho. As idéias de Bataille (2003) apontam na mesma direção. Para este autor, o trabalho diário desgasta, consome as nossas energias, gera a acumulação. Então, surge a festa que é sagrada, pois permite interromper esse profano e dar forças novas e alegria como diz o cartaz da segunda Parada: *Com*

sua presença e alegria vamos mostrar nosso orgulho! Venha, boa festa e me deixa tá?



Foto Parada 2002 – arquivo mixbrasil.

Mas é comum pessoas verem a Parada apenas como mera festa, sem nenhum tom político como diz um ex-participante¹⁴⁶: *eu não vejo mais muito sentido em termos políticos da Parada. (..) Eu acho que há uma tendência à despolitização, talvez até pelo nível de maturação e educação do brasileiro nessas questões que é uma questão talvez cultural, nossa mesmo. (...) não gosto de Parada, é um bando de bichinhas desvairadas e um bando de hetero curioso ou outros que vão para dar risada, ridicularizar!* Quando questionado “Como você acha que deveria ser mais político?”, ele responde: *eu não sei, não sei porque não*

¹⁴⁶ Entrevista em 15/12/05.

sei como aquilo repercute fora dali. A questão do discutir política, em qualquer nível, é uma questão que não está muito fora do cotidiano das pessoas brasileiras em geral. (...) Então, é como se não quisesse pensar.

Se brasileiro não tem educação, logo não sabe discutir política, um assunto sério. Também, bichinhas brasileiras desvairadas não sabem política, apenas fazem a festa da Parada! Concordando com a transexual Bárbara Graner¹⁴⁷: *A Parada por si só é um fato político. O próprio fato de estarmos com nosso corpo na Paulista já é político.* Ou como afirma Kates e Belk (2001:424) o poder da Parada pode estar na sua capacidade de desafiar, subverter e inverter – e também extender – categorias culturais hegemônicas comumente aceitas, tais como tradições, normas e discursos. Esse fato de achar que a Parada se recusa a ser séria e política, talvez seja a sua tendência para desafiar toda a autoridade e convenção, o que pode garantir a sua vitalidade ritual, a sua renovação continuada e sua longevidade futura, pois ela é uma estrutura aberta (Prigogine).

Então, volta a pergunta: como é que faz para sair daí? É pela ponte. A f(r)esta da Parada é a ponte que se opera como intermediária entre a memória de um passado histórico que nos leva a idealizar novos projetos de vida no presente e a uma promessa do devir dos direitos humanos, sobretudo o direito de festejar o amor (Rodrigues da Silva, 2006). E para que esses projetos e promessas se concretizem, precisamos da linguagem carnavalesca, pois é por meio dela que, primeiramente escutamos o outro para, em seguida, vivermos e construirmos nossas narrativas. Também é crucial a nossa memória, uma vez que narramos o

¹⁴⁷ Fala do Seminário *Construindo políticas para GLBT* realizado em 28/06/06 em São Paulo.

que lembramos de um determinado acontecimento passado. Contamos a história da festa.

E se a cidade letrada nega a festa carnavalesca é porque ela quer um discurso (erudito) do poder político, econômico, religioso ou militante que integra a semântica do homem ablativo que habita essa cidade, um homem não sexuado, um ser do qual se esquece o sexo e pretende, por excelência, ser masculino, dominante (Lins, 1998:117). Talvez negue porque a bela aparência de imagens sonhadas, com uma rememoração, não é suficiente para a suposta realização de um desejo letrado considerado superior, universal. A festa carnavalizada nos mostra humanos e

quando o **humano** eclode, é preciso abrir lugar para os saberes vinculados com o corpo da terra, e festejar, como no deserto, os encontros das caravanas, das diferenças – filhas e filhos da pluralidade, do Diverso. Conviver com as diferenças não é **pensar como**, mas atrair forças, deixar-se contagiar por uma língua que fala todos os idiomas, encontrar a palavra que dialoga e cria espaço para que a relação entre a palavra e o pensador escape às muletas dualistas, à guerra imaginária, entre o “Bem” e o “Mal”. É preciso, pois, cultivar um pouco de inocência (...) (Lins, 1998:121) [grifos do autor]

Deixemos então nossos corpos, sem algemas, escandalizarem pelas f(r)estas da Paulista, mesmo que seja de forma inocente. Deixemos nossas palavras saírem e serem livres para dialogar com a vida, com o outro. Deixemos, enfim, o amor nos levar a um futuro, a um sonho, sem medos, sem hipocrisias...

6. SONHAR E CONTINUAR A CAMINHAR NOS SALTOS

Se tu, leitor, me perguntas como me tornei um louco.

Foi assim: - Um dia, muito tempo antes de muitos deuses terem nascido, despertei de um sono profundo e notei que todas as minhas máscaras haviam sido roubadas - as sete máscaras que eu havia confeccionado e usado em sete vidas. Corri sem máscara pelas ruas cheias de gente, gritando: "Ladrões, ladrões. Malditos ladrões!"

Homens e mulheres riam de mim e alguns corriam com medo para suas casas. Quando cheguei à praça do mercado, um menino trepado no telhado de uma casa gritou: "Você é um louco"!

Olhei para cima para vê-lo. O sol brilhou pela primeira vez em meu rosto descoberto. Pela primeira vez o sol beijava meu rosto nu e minha alma se encheu de amor pelo sol e nunca mais desejei usar máscaras.

Assim me tornei um louco. E encontrei tanto liberdade como segurança em minha própria loucura.

A liberdade da solitude e a segurança de não ser compreendido. Pois aquele que nos compreende escraviza alguma coisa em nós (Khalil Gibran).

E, uma vez louco, saí pelo mundo e decidi ser um *flâneur*, caminhar na multidão da selva de concretos. Olhei, observei, até que me cansei e entrei na multidão e me perdi/encontrei loucamente: beijei, senti e acreditei. Me perdi na polifonia dos discursos de rememoração, comemoração e festa. E se tu me perguntas novamente: quem és tu? Eu te direi: não sou nada ainda, mas à parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo, talvez menos niilistas que os pessoanos. Durante os meus novos caminhos e estradas, um dos sonhos é ver as pessoas livres para amar, isso para mim seria democracia. Isso é um direito

humano, ser livre para amar quem você desejar, sem medo, simplesmente amar.
Concordo com Arnaldo Antunes quando diz que todo mundo quer amor

Todo mundo quer amor de verdade
 Uma pessoa boa quer amor
 Uma pessoa má quer amor,
 Quer amor de verdade
 Quem tem medo quer amor,
 Quem tem fome quer amor,
 Quem tem frio quer amor,
 Quem tem pinto saco boca bunda cu buceta quer amor
 Ele quer
 Ela quer
 Ele quer
 Ela quer
 Todo mundo quer amor de verdade.

A Parada do amor continua (Trevisan, 2000) e creio que minha narrativa tenha dito pouco ou você pode dizer que apenas jurei mentiras¹⁴⁸ e vou seguir sozinho. Então, assumo os pecados, já que os ventos do norte não movem moinhos, e o que me resta é só um gemido, pois não há solução, só soluço. Assim, escuto a voz de minha própria vida, de meus mortos, de meus caminhos tortos. Tudo isso pulsa no meu sangue latino, corre amargo e quente pelas minhas veias e cai gota a gota do coração¹⁴⁹. E minha alma está cativa? Talvez rompi tratados ou trai os ritos. Quebrei a lança e lancei no espaço, um grito um desabafo. Mas o que me importa é não estar vencido, mesmo sabendo que tenho

¹⁴⁸ Música Sangue latino – Secos e molhados.

¹⁴⁹ Diálogo com o poema *Desencanto* de Manuel Bandeira.

um imenso interesse por coisas jogadas fora da cidade das letras por serem consideradas traste. Essas coisas passaram a ser alvo de minha estima: drags, travestis, putas, viados, sapatão, mendigos, crianças de rua... predilatadamente quando proferem palavras loucas, catam latas, aproveitam tudo e transforma em luxo, em riso, em alegria, carnavaliza tudo num dia de festa. Essas são pessoas léxicas pobres, como latas jogadas, porém concretas porque se você jogar na terra uma lata por motivo de traste, drags, travestis, mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar. Por isso eu acho as latas mais suficientes, por exemplo, do que as idéias. Porque as idéias, sendo objetos concebidos pelo espírito, elas são abstratas. E se você jogar um objeto abstrato na terra por motivo de traste, ninguém quer pegar. Por isso eu acho as latas mais suficientes. A gente faz uma maquiagem, põe uma peruca, um salto, um modelito, uns brilhos ou faz um bigode, uma barba, põe uma roupa velha qualquer, um coturno e pega uma lata, enche de areia e sai puxando pelas ruas moda um caminhão de areia. E as idéias, por ser um objeto abstrato concebido pelo espírito, não dá para encher de areia. Por isso eu acho a lata mais suficiente. Idéias são a luz do espírito – a gente sabe. Há idéias luminosas – a gente sabe. Mas elas inventaram a bomba atômica, a bomba atômica, a bomba atôm.....

..... Agora

eu queria que os vermes iluminassem. Que os trastes iluminassem e brilhassem.

(Diálogo com Teologia do Traste de Manoel de Barros).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem caráter*. 19 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editorial, 2004.

ARAÚJO, R. C. B. Carnaval no Recife: a alegria guerreira. In: *Estudos Avançados*, v. 11, n.29. Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

ARNAULD, A. *A gramática de Port Royal – Arnauld e Lancelot*. (trad. Bruno F. Basseto e Henrique G. Murachco). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. (Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 3 ed. (Trad. Maria E. Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Para uma filosofia do ato*. (tradução inédita de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de Toward a Philosophy of act). Austin: University of Texas Press, 1993.

_____. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Rabelais*. 3 ed. (Trad. Yara Frateschi). São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

_____. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. (Trad. Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BATAILLE, G. *O erotismo*. (Trad. Claudia Fares). São Paulo: Arx, 2004.

BENITES, M. et al. *Transgressões convergentes: Bakhtin, Vygotsky e Bateson*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

BENJAMIN, W. "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Obras Escolhidas – Magia e técnica, Arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERARDINELLI, C. *Fernando Pessoa – poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGMAN, D. *The Violet quill reader: the emergence of gay writing after stonewall*. New York, Saint Martin's Press: 1994.

BESSA, M. S. Quero brincar livre nos campos do senhor: uma entrevista com Caio Fernando Abreu. In: *Palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1997, p. 7-15

BIAGINI, H. E. La problemática identitária. In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 627, Madrid, set. 2002.

BOSWELL, J. *Christianity, social tolerance and homosexuality: gay people in Western Europe from the beginning of the christian era to the fourteenth century*. Chicago: The Chicago University Press, 1981.

BOURDIEU, P. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. *A dominação masculina revisitada*. (Trad. Roberto Leal Ferreira). Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005

BREMMER, J. (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. (trad. Cid Kipnel Moreira). Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BULLOUGH, V. L. (editor). *Before Stonewall: activists for gay and lesbian rights in historical context*. New York: Harrington Park Press, 2002.

_____. *Sexual variance in Society and History*. Chicago: Chicago University Press, 1976.

BURKE, P. *A arte da conversação*. (Trad. Álvaro Luiz Hattner). São Paulo: Ed. Da UNESP, 1995.

BUTLER, J. Afterword. In: FELMAN, S. *The scandal of speaking body. Don Juan with Austin or seduction in two languages*. Stanford : Stanford University Press, 2003.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del « sexo »*. (Trad. Alcira Bixio). Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. Imitación e insubordinación de género. In: *Revista de Occidente*, n. 235, Madrid: Fundación Jose Ortega y Gasset, dec. 2000.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (Trad. Thomas T. Da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CAILLOIS, R. *El hombre y lo sagrado*. 2 ed. (Trad. Juan José Domenchina). México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*. (Trad. Geminiano C. Franco). Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMARGO, A. M. F. & RIBEIRO, C. *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Editora Moderna; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

CAMARGOS, M. L. Corpos para o mundo inteiro ver. In: *Veredas Bakhtinianas – de objetos a sujeitos*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2006.

_____. Como seduzir pela promessa do ato: a linguagem dos corpos virtuais. In: *Caderno de Qualificações*, n. 1, p. 199-208, Campinas, SP: UNICAMP/ IEL, 2005.

_____. Casamento gay: desejo de ritual, tradição, simulacro ou direito? In: LOPES, D. et al. (orgs). *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004a.

_____. O(s) discurso(s) da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. In: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, realizado de 16 a 18 de outubro de 2004b em Coimbra – Portugal. Texto disponível no site www.cs.uc.pt

_____. *Estrangeiro de si mesmo: conflitos no processo de construção identitária de um professor de espanhol no Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: UNICAMP/ IEL, 2003.

CAMERON, D. et al. *Researching language: issues of power and method*. London / New York: Routledge: 1992.

CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1995.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. (Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas). 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARRARA, S. As paradas de orgulho GLBT no Brasil e a construção de mundos possíveis. In: COSTA NETTO, F. et al. (org.). *Parada: 10 anos de orgulho GLBT*

em São Paulo. São Paulo: Editora Produtiva; Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, 2006.

CARRARA, S. et al. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa na 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. (Trad. Klauss Brandini Gerhardt). Vol. II, 2 ed. Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer*. 9 ed. (Trad. Ephraim Ferreira Alves). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. (dissertação de mestrado). Campinas / SP: IEL/ UNICAMP, 2004.

CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CLOSE, R. & RITO, L. *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1998.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado - pesquisas de antropologia política*. (trad. Theo Santiago). São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CLIFFORD, J. R. S. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇAVES, J. R. S. (org.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro; Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

COSTA NETTO, F. et al. (org.). *Parada: 10 anos de orgulho GLBT em São Paulo*. São Paulo: Editora Produtiva; Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, 2006.

CUNHA, M. C. P. (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: SP, Editora da UNICAMP; CECULT, 2002.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVALON, J. *A imagem, uma arte de memória*. In: ACHAR, P. et al. *Papel da memória*. (trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

DEITCHER, D. (ed.) *Over the rainbow: lesbian and gay politics in America since Stonewall*. London: Boxtree, 1995.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

D'EMILIO, J. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States 1940-1970*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (editors). *The landscape of qualitative research: theories and issues*. London: Sage, 1998.

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. (Trad. Luís Sérgio Krausz). São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____. *Greek homosexuality*. London: Duckworth, 1978.

DUBERMAN, M. *Stonewall*. New York: Dutton / Penguin Books, 1993.

DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. (Trad. L. F. Raposo Fontenelle). Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ENGEL, S. M. *The unfinished revolution: social movement theory and the gay and lesbian movement*. New York: Cambridge University Press, 2001.

EYLATH, G. C. *Marching and wathcing: the sociological meaning of the gay, lesbian, bi-sexual and transgender Pride March*. (tese de doutorado em sociologia). Brandeis University: Michigan, 1997.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FEINBERG, L. *Trans gender warriors: making history from Joan of Arc to Dennis Rodman*. Boston, Beacon Press, 1996.

FELMAN, S. *The scandal of speaking body. Don Juan with Austin, or seduction in two languages*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

FELMAN, S. *Le scandale du corps parlant*. Paris: Seuil, 1980.

FERREIRA, L. M. A & ORRICO, E. G. D. (Org.). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, R. Ser e não ser: eis a questão – as minorias sexuais entre a legitimidade da diferença e o perigo da ontologização. In: RAJAGOPALAN, K. & FERREIRA, D. M. M. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

FOUCAULT, M. *Isto não é um cachimbo*. 3 ed. (Trad. Jorge Coli). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. (Trad. Laura F. Almeida Sampaio). São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Histoire de la sexualité 1: la volonté de savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.

FRANÇA, I. L. Um breve histórico. In: COSTA NETTO, F. et al. (org.) *Parada: 10 anos de orgulho GLBT em São Paulo*. São Paulo: Editora Produtiva; Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, 2006.

FRANCHETTI, S. H. A. *Abordagem psicanalítica do homoerotismo masculino: uma leitura crítica e reflexiva de textos freudianos*. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: UNICAMP / FCM, 1997.

FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; o futuro de uma ilusão; O mal estar na civilização; Esboço de psicanálise*. (Seleção de Jayme Salomão; tradução de Durval Marcondes et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os pensadores).

FRY, P. & MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos, 26).

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. In: FREITAS, M. T. et al. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Portos de passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

_____. Políticas de inclusão em estruturas de exclusão. In: Simpósio Internacional sobre leitura na escola e na sociedade. Brasília, 1994.

GHILARDI-LUCENA, M. I. O homem que faz « coisas de mulher ». In : *Letras*, Campinas, SP, PUC, 23(1): 33-41, jan./jun., 2004.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. 2 ed. (Trad. Jônatas Batista Neto). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GREEN, J. N. & POLITO, R. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. (Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite). São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

_____. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. In: *Cadernos Pagu – Revista do núcleo de estudos de gênero – Campinas, SP: IFCH, UNICAMP, n.15, 2000, p. 271-295*.

GUMBRECHT, H. U. Minimizar identidades. In: *Literatura e identidades*. JOBIM, J. L. (org.). Rio de Janeiro: CNPq, CAPES, FAPERJ, 1999.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.

HALL, STUART. *A questão da identidade cultural*. 2 ed. tradução de Andréa B. M. Jacinto e Simone M. Frangella. Campinas, SP: Departamento de Antropologia e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1998. Coleção Textos Didáticos.

HERSCHMAN, M. M. & PEREIRA, C. A. M. (orgs.) *A invenção do Brasil moderno: educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IRAJÁ, E. *Psicologia da sexualidade: complemento a psicoses do amor*. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Costa, 1946.

IVANOV, V. V. “Rol’ idej M. M. Bakhtina o znake, vyskazyvanii i dialogue dija sovremennoj semiotiki. Posleslovie” / “Le rôle dès idées de M. M. Bakhtine sur le signe, l’énoncé, et le dialogue pour la sémiotique contemporaine. Poste-face (post-scriptum) /”, *Dialogue. Carnaval. Chronotope, Le revue des recherches sur la biographie, l’héritage théorique et l’époque de M. M. Bakhtine*. Num. 3, Vitesbk, Tipografia imeni Kominterna, pp. 56-57, 1996.

KAISER, C. *The gay metropolis: the landmark history of gay life in America since World War II*. New York, London: Harvest Book, 1998.

KATES, G. *Monsieur d’Eon é mulher: um caso de intriga política e embuste sexual*. (Trad. Rubens Figueiredo). São Paulo: Cia das Letras, 1996.

KATES, S. M. & BELK, R. W. The meanings of lesbian and gay pride day: resistance through consumption and resistance to consumption. In: *Journal of contemporary Ethnography*, Vol. 30, n. 4, p. 392-429, august 2001.

KATZ, J. N. *A invenção da heterossexualidade*. (trad. Clara Fernandes). Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KINSEY, A. et al. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: Saunders, 1949. Originally published 1948.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros de nós mesmos*.(Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. (Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira). São Paulo: Perspectiva, 1998.

- LANTERI-LAURA, G. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- LARROSA, J & LARA, N. P. (orgs.). *Imagens do outro*. (Trad. Celso Márcio Teixeira). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo : antropologia e sociedade*. (Trad. Marina Appenzeller). Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LEIGH, W. RUTLEDGE. *The gay decades: from stonewall to the present: the people and events that shaped gay lives*. New York: Penguin, 1992.
- LEMOS, M. T. T. B. & MORAES, N. A. (org.). *Memória e identidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- LEVINAS, E. *La realidad y su sombra. Libertad y mandato, transcendencia y altura*. (Trad. Antonio Dominguez Leiva). Madrid: Editorial Trotta, 2001
- LESSA, P. *Que « babado » é esse? Corpo, sexualidade e lesbianidade na Gay Pride*. In: LOPES, D. et al. *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.
- LIMA, M. E. C. C. *Sobre a estranheza de se contarem histórias ou da narrativa como mediação*. In: LIMA, M. E. C. C. *Sentidos do trabalho – a educação continuada de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LINS, D. *O sexo do poder*. In: LINS, D. A. (org.) *dominação masculina revisitada*. (Trad. Roberto Leal Ferreira). Campinas, SP : Papyrus, 1998.
- LOPES, D. et al. *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.
- LORD, A. B. *The singer of tales*. 2nd ed. (Stephen Mitchell & Gregory Nagy, editors). Cambridge: Harvard University Press, 2003.

LOURO, G. L. Corpos que escapam. *Revista Labrys de estudos feministas*, n. 4, ag./dez. de 2003. disponível em www.unb.br/ih/his/gefems

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. (org.). Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

MACDARRAH, F. W. & MACDARRAH, T. S. *Gay pride: photographs from Stonewall to today*. Chicago: Cappella Books, 1994.

MACEDO, F. F. *Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro; profilaxia da sífilis*. Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1872.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo; Contexto, 2005.

MACRAE, E. Em defesa do gueto. In: GREEN, J. N. & TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MANFRIM, A. M. P. *Enunciados escritos: relações dialógicas entre gêneros discursivos*. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: UNICAMP / IEL, 2006.

_____. A opção política do método: a construção de uma sociedade-mundo. In: *Triboluminescência: Gegelianos & Bakhtin – Ainda à sombra*. São Carlos, SP: UFSCAR, Grupo de Estudos do Gênero do Discurso – GEGE, 2005.

MARCUS, E. *Making gay history: the half-century fight for lesbian and gay equal rights*. New York: Perennial, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002

MASON, J. *Qualitative research*. London, New York: Sage, 1997.

MELO, M. H. A apropriação de um gênero: um olhar para a gênese de texto no ensino médio. In: ABAURRE, M. B. M et al (orgs.). *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas, SP: UNICAMP/Faculdade de Educação, 2003.

MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. (Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção). São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MIOTELLO, V. *Um mito amazônico em narrativas de roda: repetição e mudança nos processos enunciativos*. (dissertação de mestrado). UNICAMP/IEL, 1996.

_____. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MISKOLCI, R. Corpo, identidade e política. In: *XII Congresso Brasileiro de Sociologia* realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG, no período de 31 de maio a 03 de junho de 2005. O tema central do congresso "SOCIOLOGIA E REALIDADE: PESQUISA SOCIAL NO SÉCULO XXI". *Grupo de trabalho – G17 - Sexualidades, Corporalidades e Transgressões*. Disponível em www.sbsociologia.com.br

MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na Revista Vip Exame. In: *Cadernos Pagu* – Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP / IFCH. N. 16, p. 235-266, 2001.

- MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- MORIN, E. et al. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. (Trad. Sandra Trabucco Valenzuela). São Paulo: Cortez; Brasília / DF: Unesco, 2003.
- MORIN, E. Amor, poesia, sabedoria. (Trad. Ana Paula de Viveiros). Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- MORLEY, D. & ROBINS, K. *Spaces of identity: global media, electronic landscapes and cultural boundaries*. London and New York: Routledge, 1997.
- MOTT, L. "Nefandos pecados". In: *Nossa História*, ano 1, n. 8, jun. São Paulo: Editora Vera Cruz, 2004.
- _____. *O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- MOYSÉS, M. A. A. *A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- NASCIMENTO E SILVA, D. *Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero*. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2005.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. (Trad. Luiz Felipe Guimarães Soares). *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v.8. n.2 , p. 9-41, 2000.
- NICOLAS, J. *La cuestión homosexual*. (Trad. Roser Berdagué). México: Fontamara, 2002.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, L. O gênero dos invertidos: representações das práticas homossexuais de homens e mulheres no nascimento da sexologia brasileira. In: LOPES, D. et al (orgs.). *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

OLIVEIRA, R. C. A categoria de (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia. In: OLIVEIRA, R. C. et al. *Pós-modernidade*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

OTTONI, P. R. *Visão performativa da linguagem*. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1998.

PALOMINO, E. *Babado forte: moda, música e noite na virada do século 21*. São Paulo: Mandarim, 1999.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

PINHEIRO, M. M. S. *A travessia do avesso: sob o signo do carnaval*. São Paulo: Annablume, 1995.

PINTO, J. P. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. (tese de doutorado). Campinas, SP: UNICAMP / IEL, 2002.

PONZIO, A. *La revolución bajtiniana: el pensamiento de Bajtín y la ideología contemporánea*. (trad. Mercedes Arriaga). Madrid : Cátedra, 1998.

PLATÃO. *Diálogos*. 4 ed. (Seleção de textos José A. Pessanha, tradução de José Cavalcante de Souza et al. São Paulo : Nova Cultural, 1987.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. (trad. Roberto Leal Ferreira). São Paulo : Editora da UNESP, 1996.

_____. *O nascimento do tempo*. (trad. Departamento Editorial de Edições 70). Lisboa : Edições 70, 1988.

RABELAIS, F. *Gargantua*. (Trad. Aristides Lobo). Rio de Janeiro : Ediouro, s.d

RAJAGOPALAN, K. Discurso e história : Bakhtin versus Austin quanto às possibilidades de uma articulação. In : XL Seminário do GEL – *Estudos Lingüísticos*, USP, UNICAMP, 1993.

RAJAGOPALAN, K. Uptake. In: XXXVII Seminário do GEL – *Estudos Lingüísticos*. USP, UNICAMP, 1990.

RAMA, A. *A cidade das letras*. (Trad. Emir Sader). São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, L. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

REIS, J. J. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: SP, Editora da UNICAMP; CECULT, 2002.

RODRIGUES DA SILVA, H. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*, disponível em www.scielo.br acesso em 11/12/2006.

RODRIGUES SILVA, W. *Gramática no texto injuntivo: investigando o impacto dos PCN*. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2003.

ROMESBURG, D. Thirteen theories to “cure” homosexuality. In: WITT, L., THOMAS, S., MARCUS, E. (editors). *Out in all directions: the almanac of gay and lesbian America*. New York: Warner Books, 1995.

ROSÁRIO, N. M. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose*. Disponível em www.uff.br/mestcii/rep. Acesso em 2003.

SANT'ANNA, D. B. A insustentável visibilidade do corpo. *Revista Labrys de estudos feministas*, n. 4, ag./dez. de 2003. disponível em www.unb.br/ih/his/gefem.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. (14 ed.). Porto: Edições Afrontamento, 2003.

_____. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1989.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 20 ed. (Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, tradução Antônio Chelini et al.). São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHNITMAN, D. F. Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: SCHNITMAN, D. F. (org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. (Trad. Jussara Haubert Rodrigues). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, A S. *Marchando pelo arco-íris: da política à parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. (Tese de Doutorado em Psicologia Social). PUC, SP: 2006.

SILVA, J. Q. G. *Gênero discursivo e tipo textual*. In: Scripta, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1999.

SILVA, T. T (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMÕES, J. A. & FRANÇA, I. L. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, J. N. & TRINDADE, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SINISGALLI, A. “Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo”. *Arquivos de Polícia e Identificação*. São Paulo, v. 3, p. 304-9, 1938-40.

SOARES, C. L. Pedagogias do corpo. *Revista Labrys de estudos feministas*, n. 4, ag./dez. de 2003. disponível em www.unb.br/ih/his/gefem.

SOUZA, P. *Confidencias da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Edi-ora da UNICAMP, 2002.

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. 2 ed. (Trad. (Rubem Mauro Machado). Rio de Janeiro: Record, 1999.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: *Colonial discourse and post-colonial theory*. WILLIAMS, P. and CHRISMAN, L. (eds.). New York: Columbia University Press, 1994.

STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. (Trad. Heloísa Jahn). São Paulo: Editora Ática, 2000.

SUGIMOTO, L. O que Freud explica nos dias de hoje? In: *Jornal da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas*, n. 333, 21 a 27 de agosto de 2006.

SWAIN, T. N. O normal e o « abjeto » : a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. In: LOPES, D. et al. *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

SWAIN, T. N. “As teorias da carne”: corpos sexuados, identidades nômades. *Revista Labrys de Estudos Feministas*, n. 1-2, jul./dez. de 2002.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TCHOUGOUNNIKOV, S. L'idéologème comme procédé ou la querelle de Bakhtine. In: *Language*, 22/ II, 2000.

TOURAINÉ, A. *Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes*. (Trad. Horacio Pons). México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

TREVISAN, J. S. Para além do gueto. In: *CULT – Revista brasileira de cultura*. São Paulo: Editora 17, ano VI, nº 66, 2003.

_____. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. São Paulo, Record, 1998.

VAID, U. *Virtual equality: the mainstreaming of gay and lesbian liberation*. New York: Anchor Book; Doubleday, 1996.

VESALIUS, A. *De humani corporis*. (Trad. Pedro Carlos P. Lemos e Maria Cristina V. Carnevale). Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 2003.

WEEDON, C. *Feminist practice and poststructuralist theory*. Oxford, Blackwell: 1992.

WEISS, A. & SCHILLER, G. *Before Stonewall: the making of a gay and lesbian community*. New York: The Naiad Press, 1988.

WHITMAN, W. *Oh capitan, mi capitan!* (Trad. Francisco Alexander – selección de Jacobo Satrústegui). Madrid: Mondadori, 1998.

WITT, L., THOMAS, S., MARCUS, E. (editors). *Out in all directions: the almanac of gay and lesbian America*. New York: Warner Books, 1995.

WYLY, J. *A busca fálica : Príapo e a inflação masculina*. (trad. Aracéli Martins). São Paulo: Paulus, 1994.

12. ANEXOS

Relação de entrevistas gravadas

Nome	Profissão	Data
Regina	Estudante de pós-graduação em sociologia	02/11/05 e 04/02/06
Rubens	Professor universitário	10/12/05
Décio	Professor universitário	15/12/05
Steven Teachout	Empresário estadunidense – freqüentador do Stonewall durante a década de 60.	05/02/06

Relação de conversas não previstas. Não foram gravadas, mas anotadas.

Nome	Profissão	Data
Augusto Andrade	Estudante de pós-graduação em comunicação	16/06/04 – durante o II Congresso da ABEH (Associação Brasileira de Estudos da Homocultura) realizado em Brasília
Marcelo	Médico paulista – ex-participante da Parada.	Durante o seminário “ <i>Olhares sobre a homossexualidade: cidadania na diferença</i> ” realizado em São Paulo em 27/05/05
Bené	Professor do ensino médio e participante das Paradas de	Durante a Parada de 2005 em Campinas/SP –

	São Paulo, Campinas e Paris durante vários anos.	28/06/05.
Walter	Médico – freqüentador da Parada de São Paulo	15/11/06
Gerald Martin	Assistente financeiro – estadunidense, freqüentador da cena gay de São Francisco e Los Angeles.	09/07/06
Arno Klos	Holandês – fotógrafo. Cedeu-me fotos de Paradas de vários países.	28/10/04

Relação da participação em reuniões de avaliações das Paradas

Reunião da Parada 2004	01/07/04
Reunião da Parada 2005	28/07/05
Reunião da Parada 2006	03/08/06

Saudação a Walt Whitman – Álvaro de Campos

Portugal Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...
Hé-lá-á-á-á-á-á-á!
De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser...
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou contente.
Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos antes de eu nascer,
Quer pela Rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a Rua do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.
Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina ferosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a adversidade das coisas,
Sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!
Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contágio a tudo em corpo e alma,
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas,
Homero do insaisissable de flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura! incubo de todos os gestos
Espasmo pra dentro de todos os objetos-força,
Souteneur de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares...
Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes (em gente)
E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —,
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito
Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.
Nada do engageant em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o Universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.
Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!

Pertenço à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus sonhos,
Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vê-me ao contrário:
De dentro para fora... Meu corpo é o que adivinhas, vê a minha alma —
Essa vê tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista,
Não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!
Nunca posso ler os teus versos a fio... Há ali sentir demais...
Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontrões a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,
Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,
Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de estabelecimento,
No teto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do teto da tua intensidade inacessível.
Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma...
Passo sem explicações...
Se for preciso meto dentro as portas...
Sim — eu, franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou Deus!
Tirem esse lixo da minha frente!
Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, souteneurs,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!
Que nenhum filho da... se me atravessasse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
E comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito...
Pra frente!
Meto esporas!
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
De me cramponner às rodas dos veículos e meter por baixo,

De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade tem limite,
De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,
Dança comigo, Walt, lá do outro mundo, esta fúria,
Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
Cai comigo sem forças no chão,
Esbarra comigo tonto nas paredes,
Parte-te e esfrangalha-te comigo
Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
Raiva abstrata do corpo fazendo maelstroms na alma...
Arre! Vamos lá pra frente!
Se o próprio Deus impede, vamos lá pra frente Não faz diferença
Vamos lá pra frente sem ser para parte nenhuma
Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?
(Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho .
Não se pode ter muita energia com a civilização à roda do pescoço ...)
Agora, sim, partamos, vá lá pra frente.
Numa grande marche aux flabeux-todas-as-cidades-da-Europa,
Numa grande marcha guerreira a indústria, o comércio e ócio,
Numa grande corrida, numa grande subida, numa grande descida
Estrondeando, pulando, e tudo pulando comigo,
Salto a saudar-te,
Berro a saudar-te,
Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos guinos!
Por isso é a ti que endereço
Meus versos saltos, meus versos pulos, meus versos espasmos
Os meus versos-ataques-histéricos,
Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.
Aos trambolhões me inspiro,
Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
E os meus versos são eu não poder estoirar de viver.
Abram-me todas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!
Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença dóida de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,

Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!
Não quero intervalos no mundo!
Quero a contigüidade penetrada e material dos objetos!
Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como as almas,
Não só dinamicamente, mas estaticamente também!
Quero voar e cair de muito alto!
Ser arremessado como uma granada!
Ir parar a... Ser levado até...
Abstrato auge no fim cie mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!
Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!
Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!
Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes sangrem
Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me preso,
As mãos apertaram-me no escuro,
Morri temporariamente de senti-lo,
Seguiu-se a minh'alma a lambar o chão do cárcere privado,
E a cega-rega das impossibilidades contornando o meu acinte.
Pula, salta, toma o freio nos dentes,
Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,
Paradeiro indeciso do meu destino a motores!
He calls Walt:
Porta pra tudo!
Ponte pra tudo!
Estrada pra tudo!
Tua alma omnívora,
Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,
Tua alma os dois onde estão dois,
Tua alma o um que são dois quando dois são um,
Tua alma seta, raio, espaço,
Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New York,
Brooklyn Ferry à tarde,
Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,
Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!

PUM! pum! pum! pum! pum!

PUM!

Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,
O sujeito e o objeto, o ativo e o passivo,
Aqui e ali, em toda a parte tu,
Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,
Marco miliário de todas as coisas que podem ser,
Deus Termo de todos os objetos que se imaginem e és tu!

Tu Hora,

Tu Minuto,

Tu Segundo!

Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,
Intercalamto, libertação, ida, desfraldamento,
Tu intercalador, libertador, desfraldador, remetente,
Carimbo em todas as cartas,

Nome em todos os endereços,

Mercadoria entregue, devolvida, seguindo...

Comboio de sensações a alma-quilômetros à hora,

À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,

Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.

Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa

Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica —

Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,

A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra.

Heia que eu vou chamar

Ao privilégio ruidoso e ensurdecedor de saudar-te

Todo o formilhamento humano do Universo,

Todos os modos de todas as emoções

Todos os feitios de todos os pensamentos,

Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da alma.

Heia que eu grito

E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam

Com uma algaravia metafísica e real,

Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexo.

Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo,

Amante impotente e feroso das nove musas e das graças,

Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo.

Retirado de "<http://pt.wikisource.org> em 02/01/07

Moacir Lopes de Camargos¹

*“Como se fosse um raio que quebra seus ossos e
te deixa varado no meio do pátio”*

Júlio Cortázar

Era quase verão, mas as chuvas já haviam chegado e esperávamos ansiosos pelas mangas que logo estariam amarelas e suculentas; era só trepar nas mangueiras gigantes e devorá-las lá em cima mesmo, olhando alegremente as cascas caírem no chão. É verdade que nem distinguíamos as estações, apenas vivíamos e nos renovávamos com os tempos futuros, marcados pelas frutas – a laranja do inverno seco, as mangas do verão chuvoso e os coquinhos de dezembro que todos comiam: os meninos, as vacas, os porcos. Quase no natal, que nem sabíamos o que era, já de férias da escola, saímos pelos pastos, driblávamos os espinhos e amontoávamos montanhas desses coquinhos entre as bananeiras. Depois tudo era socado no pilão para extrair a polpa que era transformada em sabão. As cascas eram quebradas para extrair as castanhas que seriam vendidas e utilizadas na fabricação de óleo. Nossos pés também viam as diferenças do tempo pela poeira do inverno pelo barro das chuvas; tudo marcava nosso longo caminho para a escola. Eu e minha irmã subíamos ao topo da serra cortando o trilho entre as macaúbas, encontrávamos as quatro irmãs que vinham de um sítio vizinho e percorríamos por entre os pastos os quase 10 quilômetros para chegar até a escola. Com as chuvas o capim gordura crescia e, à medida que andávamos em fila indiana, víamos nossos pés dançarem compassadamente e serem molhados levemente pelo orvalho da manhã. Descíamos as grotas das Gerais, atravessávamos um trilho dos carros de bois – uma cava profunda com paredões em tom vermelho escuro - e percorríamos a estrada de areia branca para chegar até a Tuia. Era um barraco de tábuas perdido em meio a uma lavoura de café abandonada. Servia, na época produtiva, para armazenamento dos grãos secos. Em frente, o campo de areia branca, outrora terreiro para secagem do café, era agora o nosso pátio. O nosso recreio era ali; o local das brincadeiras com bola de meia – peladinhos, queimadas - ou com ramos frescos de árvores, o famoso rouba bandeira... Os quinze meninos e meninas de 1ª, 2ª e 3ª séries compunham os alunos da temida professora da Tuia.

¹ Doutorando em Linguística – UNICAMP.

Na entrada havia uma enorme pedra acinzentada para que pudéssemos subir na sala de aula improvisada. A grande porta, presa por um arame, rangia ao abrir e mostrava o quadro verde bastante visível e já envelhecido; uma pequena janela a nossa esquerda e, na frente, à direita, a mesinha e a cadeira - da professora - que tinha o mesmo tom marrom envelhecido das nossas carteiras longas onde sentavam 4 ou 5 alunos. Éramos separados por série: os menores da primeira, depois os da segunda e os da terceira por último. Apesar do meu corpo frágil e magro, eu tinha nove anos e era meu segundo ano na Tuia, mas cursava a segunda série. O ano era da música A Banda, quando a ditadura ainda estava em marcha. O motivo desse atraso foi a mudança de escola. Após o término do primeiro ano em outra escola, bem mais perto do vilarejo, minha mãe descobriu que nem eu, nem minha irmã sabíamos ler, tampouco escrever. Lembro de suas palavras pronunciadas em tom autoritário:

- Tem que mudar de escola, aquela professora da Tuia é braba, faz qualquer menino aprender! Diz que com ela todo mundo aprende.

Minha irmã já há muito não tinha voz. Eu apenas abri os meus olhos de espanto e a mudez ficou parada comigo no meio sala. Iríamos, no próximo ano, para a escola Municipal Nossa Senhora de Fátima.

2

A professora era uma mestiça alta, pele clara, traços finos, tinha cabelos claros, mas bem crespos. Os grandes olhos castanhos ganhavam mais cor com seu sorriso largo e mostrava sua dentadura superior bem amarelada que lhe servia para mostrar o sorriso de orgulho quando dizia:

- Não sou formada, tenho só o primário, mas ensino melhor que muita professora por aí!! Suas mãos com unhas felinas bem afiadas eram exibidas para contar os casos de castigos já realizados. Eram também essas mesmas mãos que cortavam galhos de macieira próximos do nosso pátio e os depositavam ao lado direito do quadro negro, bem perto de sua mesinha. No primeiro ano consegui passar impune a qualquer castigo. Mas, minha irmã, já com 10 anos, repetiu novamente a primeira série que juntamente com os fracos, ficavam na hora do recreio para *aprenderem a lição*. Ninguém jamais ousava comentar nada, não havia gritos, tudo era silenciado e as tábuas guardavam todos os segredos. Lembro-me apenas de ouvir a repetição dos sons da cartilha: *o boi bebe água e baba*. Em casa ficávamos mais

mudos ainda, pois o castigo poderia ser repetido. Minha irmã sabia bem isso desde o seu primeiro dia na escola. Virou chacota de toda a família e o signo burra a denotava.

Na sala, em frente ao quadro, era o palco para as punições; todos olhavam apenas, mudos. Todos sabiam que seu dia chegaria, não tinha escapatória. Lembro-me quando ela ria sarcasticamente contando quando cortou a orelha de um menino mais velho com a unha e viu o sangue escorrer pelo corpo do moleque que nem chorou. Era para nos lembrar que as tarefas eram olhadas uma a uma. E chegou o meu dia, a minha vez. Levantei, dei a volta tranqüilo, caminhei até a sua mesinha e mostrei o caderno.

- Problema de matemática errado volta e faz de novo!

Vi seus olhos se escurecerem e me atravessarem com uma flecha. Eu era a presa encurralada. Voltei com o caderno na mão; tremia. Sentei no meu lugar, na terceira fila, cruzei os pés fortemente debaixo da carteira como num gesto de proteção, olhei o caderno e quando levantei os olhos, ela repetiu em tom nervoso:

- É quadrinho igual a 72 ou 72 que é igual a quadrinho?

Não respondi nada. Meus olhos estavam cegos e a mão trêmula segurava a borracha e tentava apagar. Reescrevi, apaguei. Veio a aluna mais velha, sua ajudante, tentou explicar-me, não ouvi nada. Continuei mudo e meu caderno limpinho, que havia comprado com a venda das castanhas de coco, já estava sujo pelas repetidas tentativas de acerto. Meus pés cruzados tremiam, eu não tinha proteção alguma. Olhei o quadro, a vara estava erguida no canto. Vi todas as imagens da filha da professora gritando diante de nós, sendo espancada todos os dias. A garota tinha nove anos e seu corpo era todo marcado pelas estrias que a vara de macieira desenhava em seu rosto, braços e pernas. Fiquei parado, mudo e todo meu corpo tremia dentro de uma camiseta velha e um calção curto. Minhas pernas estavam expostas, meus braços também. Todos mudos. E apenas a voz cortando todo o meu, o nosso silêncio:

- Traz aqui de novo!

Segurei o caderno e vi meus pés sujos pelo capim gordura se moverem. Pelas frestas das tábuas os raios de sol me cortaram, não olhei ninguém, apenas me dirigi a sua mesa, depositei o caderno a sua frente. Ela sentada. Uma calça de tergal bege boca de sino, tamancos de madeira, uma camisa branca, o cabelo preso com grampos. Olhei para seus pés e, antes mesmo de ver seu rosto, suas unhas cravaram o lado esquerdo do meu rosto,

puxaram forte e vi meu corpo se curvar e senti meu nariz, meu rosto sendo esfregados no caderno e sua voz enfurecida dizendo:

- É aqui ó!

A outra mão correu a vara e não vi mais nada, meus olhos fecharam e a boca torceu. Somente dois estalos agudos. Não tinha voz para choro, a vergonha me consumia plasmado no palco dos castigos e a platéia apenas olhava-me emudecida, olhos esbugalhados. Virei e olhei para os meus pés que pisavam nas tábuas e o som parava na minha garganta. Pela porta pude ver o pátio branco vazio, parado...

Sentei, calei, cruzei novamente meus pés sujos para aliviar a dor nas costas marcadas que a camiseta rota escondia. Mordi meus lábios. Era agora a presa muda, destrocada, jogada ao chão em cacos. Pude ver os olhos da fera mostrando-se vingados, temidos e prontos para um novo ataque. Tudo se silenciou durante a manhã de mais um holocausto. Meus olhos engoliam as lágrimas secas. Acabou a aula. Voltei mudo para casa, os mesmos passos rítmicos pelos pastos na nossa fila indiana. De vez em quando parávamos para tirar as flores do capim gordura e comer a ponta do brotinho de seu caule longo; um alívio para a fome – era mais de meio-dia. Acariciávamos a palma da mão e o rosto com o cachinho da flor vermelha em um gesto leve, poético e depois o atirávamos ao lado, apanhavámos outro. Nesse gesto, sentia que meu rosto ainda ardia e minhas costas queimavam, mas tudo era tão calado quanto a brisa que soprava enquanto os raios de sol forte nos iluminava. O silêncio em casa foi aliviado quando o rádio em cima da cristaleira anunciou a ave-maria. Era hora de lavar, comer e rezar a salve-rainha, dormir, calar e esperar o fim da estação...

Juntei-me ao meu pai e irmãos para repetir tudo que estava encardido em minha memória, tudo sem sentido algum, não entendia nada, nunca entendi... Apenas imaginava, humildemente: Nossa Senhora de Fátima rogai por nós, tende piedade de nós.

3

No próximo ano fui à escola do vilarejo. Minha sala era a última - C. Sentei na última carteira ao lado de uma negrinha de tranças. Tinha agora uma companheira de mudez, que esteve comigo pelos anos escolares que ainda me vieram. Sabíamos que éramos diferentes e não tínhamos direito à voz. Se agora já não havia mais castigos corporais, a linguagem nos violentava. Ficou a lembrança do tempo das estações, dos frutos que nunca mais voltaram...

A Lenda das Jaciras

(Caio Fernando Abreu)

Reza não muito antiga lenda que homossexuais masculinos de qualquer idade ou nação – além bofe, bicha, tia ou denominação similar – dividem-se em quatro grupos distintos. Seriam na verdade, sempre segundo a lenda, quatro irmãos que atendem por nomes femininos. A saber, e essa ordem arbitrária não implica cronologia nem preferência: Jacira, Telma, Irma e Irene.

Para começo de conversa, vamos à mais popular delas: a Jacira. Suficientemente conhecida, seja pelo personagem Jaci (que no romance *Onde Andará Dulce Veiga?*, de minha autoria, em dias de arco-íris recebe uma Oxumaré de frente e transforma-se na devastadora Jacira) ou pelos louváveis esforços do jornalista Eduardo Logullo em divulgá-la através da coluna Joyce Pascowitch, na Folha de São Paulo. Das quatro irmãs, Jacira é aquela que todo mundo sabe que é homossexual, e ela mesma – que refere-se a si própria, seja qual for seu nome, sempre no feminino – acha ótimo ser. A Jacira usa roupas e cores chamativas, fala alto em público, geralmente anda em grupos de amigos também jaciras como ela, todas exercendo o velho hábito de "fechar". Como diria Antônio Bivar, é uma pintosa. Uma pintosa assumida, despudorada. Sempre foi bicha, adora ser bicha e, maniqueísta como ela só, continua achando que a humanidade divide-se entre bofes e bichas, categoria esta última na qual se inclui. Com orgulho. Superinformada, embora não leia muito (existem Jaciras nigrinhas, analfabetas), ela sempre sabe – de orelhada – tudo que está em cartaz na cidade. Fofocas que insinuam viperinas dubiedades sobre a sexualidade alheia. Ao entrar em qualquer ambiente, uma Jacira sempre é imediatamente notada. O que satisfaz seu principal objetivo na vida: aparecer.

Bem menos luminosa e mais sem graça que a Jacira é: a Telma. Seu nome provavelmente originou-se daquela versão que Ney Matogrosso cantava: "Telma eu não sou gay/ o que falam de mim são maldades", algo assim. Ao contrário da Jacira, a Telma é infelicíssima. Ela bebe. Bebe para esquecer que poderia ser homossexual. O problema é que, exatamente quando bebe, mais exatamente ainda depois do terceiro ou quarto uísque, é que a Telma transforma-se em homo. Embriagada, Telma ataca. E dramaticamente na manhã seguinte não lembra de nada. Aquela Jane Fonda de *The Morning After* perde. Embora a Telma fique muito erotizada em estado etílico, ela sempre nega que é, e negará até a morte. A única solução para uma Telma empedernida seria a psicanálise (que ela, a mais doente, acha que não precisa) ou parar de beber. O que, por tabela, significaria também parar de trepar. Pobres Telmas – categoria da qual países como o Brasil (vide academias de ginástica, futebol, chopadas com o pessoal da repartição, etc.) está cheio.

Menos trágica, mas ainda mais complexa, é a terceira irmã: a Irma. As Irmas não são exatamente infelizes – pelo menos, não tanto quanto as Telmas, embora bem menos felizes que as Jaciras – que aparentam ser e realmente são felicíssimas. Irma é aquela que todo mundo jura que é, incluindo a mãe, a irmã e a esposa (Irmas casam muito) – mas ela mesma não sabe que é. Não sabe ou finge que não. A Irma dá quase tanta pinta quanto a Jacira, adora todo o folclore gay, de Carmen Miranda a show de travesti, passando por concurso de miss, Mae West, leopardos, James Dean e Marilyn Monroe. Estranhamente não "faz". Quando solteira ninguém de sexo algum poderá afirmar – muito menos provar – que já fez sexo com uma Irma. Ou se fez, não prestou muito, pois há quem diga que Irmas costumam ser maldotadas, impotentes, dessas assim. Pode ser. A verdade é, quando casadas, as esposas das Irmas raramente apresentam um ar satisfeito. Sexualmente satisfeito. Irmas costumam ser afáveis – ao contrário das problemáticas Telmas, introvertidas e depressivas. Adoram Jaciras, apesar destas gostarem de chamá-las, sobretudo em público e aos gritos, de "queridas". É que toda Jacira sabe – ou supõe – que no fundo toda Irma é tão Jacira quanto ela. Mas como as Telmas, Irmas fogem de definições. E ao contrário das Telmas, muito pecadoras, podem até morrerem sem se atreverem a provar os prazeres do – para citar uma Jacira clássica – amor que não ousa dizer seu próprio etc.

Inicialmente limitada a essas três, a lenda recentemente incluiu a existência de uma quarta irmã: a Irene. Tão assumida quanto a Jacira, ao contrário desta, a Irene não dá pinta. Ela é, sabe que é, mas não exhibe nem constrange. Pode até usar brinquinho na orelha, dar alguma rabanada menos comedida, ou mesmo – de brincadeira – referir-se a si mesma ou uma amiga no feminino. Mas a Irene é tranqüila. Geralmente analisada, culta. Bom nível social, numa palavra – Irene parece serena em relação à própria sexualidade. Que é diversificada. Podem ter longos casos, morar junto, ou viverem certas idiosincrasias eróticas. Só gostarem de working class, por exemplo, ou de adolescentes, choferes de táxi ou estudantes de Física. Ou de Irenes como elas: são as Irenes lésbicas, bastante comuns e conhecidas, literalmente, como gays. Telmas e Irmas escondem tudo da família, vizinhos e colegas, embora a Irma não tenha nada a esconder. Jaciras não escondem coisa alguma, explicitérrimas. Irenes deixam no

ar: se alguém perceber, que perceba. Educação é básico para elas. Serenamente educadas, pois, às vezes até casam. Com mulheres.

Entre as quatro, desgraçadamente as relações são turbulentas. Jaciras, por exemplo, adoram seduzir Telmas. Estas (quando sóbrias, claro) têm medo pânico de Jaciras. Irenes por sua vez, nutrem uma espécie de carinho apiedado pelas desventuradas Telmas – e isso pode até resultar numa ardente noite de paixão entre ambas. Da qual naturalmente a Telma jamais lembrará, embora tenha feito horrores. O grande risco que toda Irene corre é apaixonar-se por uma Telma: comerá o pão que o diabo amassou, até entrar noutra. Com a Irma, de quem Irene também gosta, o risco não é tão grave: Irenes sabem que com Irmas não rola. E pode assim transformar tudo numa aparentemente saudável "amizade viril": as duas fingindo, para usar a terminologia antiga, que são bofes. Há quem creia.

Jaciras não simpatizam muito com Irenes, acham-nas "metidas". A recíproca também é verdadeira Irenes acham Jaciras pintosas demais, apesar de divertidas, folclóricas. E inconvenientes. E com a imperdoável mania de roubar namorados alheios. Irenes adoram namorar, pegar na mão, ir ao cinema, comer pizza, fim de semana em Ilhabela, ver TV – tudo isso together. Já Telmas e Irenes, entre si, são hostis. Talvez uma tema o julgamento da outra, vai saber. Irmas, no entanto, podem ceder aos insistentes encantos das Jaciras. Existem mesmo certas Irmas que algumas Jaciras – para ódio das Irenes – juram já ter feito. Jaciras, por sua vez, não raramente invejam Irenes, que sempre aparentam certa prosperidade (ao contrário das Telmas), com um cotêzinho decadente. Irenes mais neuróticas gostariam, de vez em quando, de serem confundidas com Irmas. E Telmas costumam sentir cegos, súbitos impulsos de desvendar suas almas abissais para os ouvidos compreensivos e ombros amigos das Irenes. Na verdade, Telmas, Irenes e Jaciras invejam um pouco aquela impressão (nem sempre verdadeira) de pureza que toda Irma passa. Assim como se estivesse por fora de qualquer grupo de risco.

A propósito, já que abordamos esse desagradável tema: embora aparentem ser as mais perigosas, no que se refere a riscos, e apesar de promíscuas (a promiscuidade está implícita na jacirice). Jaciras cuidam-se muito. Verdade que com camisinhas nacionais, daquelas que arrebentam na hora H, na primeira golfada. Irenes sempre carregam na frasqueira sortido estoque de poderosas camisinhas estrangeiras, compradas em suas viagens. Com a idade se tornam um tanto maníacas com higiene, meio obceçadas com safe sex. Certas Irenes não fazem há anos, vivem em permanente estado de nervos. Já as Irmas como não fazem, ou quando fazem é tão escondido que ninguém sabe dizer como fazem, não se preocupam com isso. O problema, novamente, são as Telmas. Impulsivas e atormentadas, nunca estão prevenidas. Jamais podem prever quando passarão do quarto uísque ou da décima quinta cerveja, e isso normalmente acontece em horas que as farmácias estão fechadas. Telmas, portanto, não carregam camisinha. Sequer as têm no banheiro, tamanha a negação. Enlouquecidas na cama (uma Telma com tesão vale por cem Jaciras), Telmas fazem coisas que Madonna (ídolo das Jaciras) duvidaria. Essa representa outra secreta tortura mental das Telmas: como às vezes realmente não lembram do que fizeram (por lapso etílico), têm sempre rabo preso e um medonho medo de serem positivas.

Irmas sempre são negativas. Ou aparentam ser. Acontecem surpresas, pois ser Irma não significa necessariamente ser casta. Irenes via de regra lidam bem com um teste positivo: espiritualizam-se, viram vegetarianas, zen-budistas, fazem ioga, procuram o Santo Daime ou Thomas Green Morton. Lêem muito Louise Hay, e até se recusam a tomar AZT. Jaciras muitas vezes negam-se decididamente a fazer O Teste: têm uma certeza irracional de que daria positivo. O que nem sempre é verdade, visto que nada mais forte que santo de Jacira.

Vírus e suas saias-justas sem nesga à parte, na verdade a AIDS não mudou muito o comportamento das quatro. Elas são arquetípicas, atávicas, eternas. Freud, por exemplo, na opinião geral era irmésima. Já Platão parece ter sido uma boa Irene. Ninguém colocaria em dúvida a jacirice de Oscar Wilde. Rimbaud, por sua vez, dá a impressão de ter começado como Jacira (quando chegou a Paris) para transformar-se – o que é raro – em Telma (na Abissínia). Já Verlaine, teria sido uma Irma que se ajacirou. Clássicas ou contemporâneas, nenhuma delas deve ser criticada por isso. À sua maneira, cada uma busca apenas essa coisa – o Amor: a Ancestral Sede Antropológica. O que pode acontecer (vide Rimbaud e Verlaine) são transmutações: Irenes que se ajaciram; Irmas (com tendência etílica) que viram Telmas; Telmas que – bem comidas – se irenizam ou mesmo ajaciram e etc. As mutações são tantas quanto as do I Ching. Há quem diga que essas novas têm até nome, como as Juremas (Jaciras que se tornam Irenes) ou Jandiras (Jaciras exacerbadas tipo Clóvis Bornay).

Pode ser. Mas segundo nossos estudos, Jacira que é Jacira nasce Jacira, vive Jacira, morre Jacira. No fundo, achando o tempo todo que Telmas, Irmas e Irenes não passam de Jaciras tão loucas quanto elas. E talvez tenham razão.

Ao olhar as bancas de jornal deste país, sempre reafirmo a impressão de que ser heterossexual é uma obrigação, senão formal com certeza induzida pelo cotidiano das orientações culturais: há mulheres peladas nas capas de qualquer veículo visando vender ou comunicar algo. E essa parece ser uma tendência que cresce. Considere-se também o material de divulgação dessas peças: são enormes displays ou cartazes que mostram mulheres gostosonas em todas as posições. Há alguns, que poderiam ser considerados chocantes (se fossem veiculados por homossexuais femininas), em que duas gêmeas ou até mesmo mãe e filha tocavam-se de modo insinuante. Os displays têm tamanho natural, expostos em qualquer banca da cidade, diante de todos os tipos de pessoas, inclusive crianças que passam. Nenhum juiz nunca se incomodou, sequer gente ligada aos direitos da criança e do adolescente.

Na outra ponta do espectro moral, as reações são bem diferentes, quando se trata de outros tipos de experiência sexual não consagradas. Já começa pela própria exposição, que enfia revistas homossexuais em cantos obscuros. Mas não só. Faz alguns anos, a extinta revista *Sui Generis* publicou uma capa com dois rapazes se beijando, muito tranqüilamente. Procurava-se assim comemorar o mês do Orgulho Guei. Mas o próprio distribuidor se recusou a vender a revista, alegando que aquilo era imoral e as bancas não iriam aceitar. Depois de alguns quiproquós judiciais, decidiu-se que a revista poderia ir às bancas desde que envolta em plástico escuro, para evitar a visão da cena “imoral”. Lembro que, indignado com o fato, mostrei a revista a uma parenta da minha confiança. Para meu espanto, ela se enfureceu e comentou que aquela foto era de extremo mau gosto. Olhei para a capa: dois rapazes graciosos se beijando tornava-se algo de mau gosto, por não estar de acordo com o projeto sexual socialmente obrigatório. Até mesmo a beleza acabava se revertendo em feiúra, graças ao enfoque moral do olhar. Ao contrário, fotos de mulheres gostosonas nas capas de revistas, nuas e em poses quase chocantes para um olhar neutro, tornavam-se belas e naturais quando olhadas sob o viés da sexualidade consagrada. Esses fatos evidenciam como há uma imposição do olhar hegemônico que cria a normalidade de acordo com seu gosto, e impõe como desvios tudo o que divergir dessa norma. Assim como certas culturas olham tudo através do seu foco exclusivista, criando o etnocentrismo, aqui temos o império do heterocentrismo. A nós, que não compartilhamos dessa visão hegemônica, compete desconstruir esse império.

Anteriormente, já mencionei aqui a necessidade de sermos pedagogos, ensinando a nos respeitarem enquanto homossexuais. Pois às vezes a nossa pedagogia tem que ser dura, para funcionar. Precisamos exigir e partir para o enfrentamento legal, quando não cabe nenhuma outra solução. Há pouco, a trans Cláudia Wonder foi vítima do golpe “boa noite cinderela”, realizado de maneira especialmente torpe, pois parecia envolver um grupo. O rapaz escalado para ajudá-la a voltar para casa surrou-a com uma tábua, na tentativa de obter sua senha bancária. Cláudia acordou no dia seguinte, muito machucada e com a casa roubada. Pesquisando, descobriu pelo menos mais duas pessoas que tinham sofrido o mesmo golpe no mesmo local. Algumas semanas depois, ela viu o ladrão num bar. Ligou imediatamente para a polícia, que o prendeu. Achei corajoso o gesto de Cláudia, pois em geral as vítimas fazem o jogo dos marginais e ficam caladas, com medo de se revelar. Infelizmente, foi o que acabou acontecendo. Cláudia precisava de testemunhas, mas nenhuma das outras vítimas aceitou comparecer à delegacia. Diziam preferir não aparecer. Resultado: o rapaz foi solto. É lamentável, mas ele deve estar por aí aplicando o mesmo golpe, justamente por causa de homossexuais que recusam enfrentar a situação.

O consolo é que já existem gueis mais atrevidos. Outro dia recebi um telefonema de um carinha pedindo ajuda urgente de um advogado. Estava no Shopping Frei Caneca (conhecido em São Paulo como Gay Caneca). Discutia com o segurança que o advertiu, ameaçou e apartou quando ele trocou um beijo com o namorado recém-chegado. O rapaz, João Xavier, que trabalha com direitos humanos, não gostou. Mandou chamar o chefe dos seguranças, de quem recebeu a confirmação da postura discriminatória: naquele local, homens não podiam se beijar, “em respeito às velhinhas freqüentadoras” (sic); se fosse homem com mulher, tudo bem, arrematou ele. Xavier chamou a polícia, alegando discriminação com base na lei estadual 10.948, promulgada pelo governador paulista Geraldo Alckmin em novembro de 2001. Xavier conseguiu uma testemunha que estava no local e rumou para a delegacia mais próxima, junto com seu namorado. Lá, fizeram um Boletim de Ocorrência. No dia seguinte, munido do B.O. e de um requerimento do advogado, Xavier apresentou queixa junto à Secretaria de Justiça e Cidadania, órgão competente para aplicar a referida lei. Solicitava punição administrativa do Shopping Frei



Caneca, que se condenado receberá desde uma advertência até uma multa, podendo triplicar em caso de reincidência. No limite, o Shopping corre o risco de ser fechado por 30 dias ou até perder a licença de funcionamento, por causa de sua atitude discriminatória contra homossexuais. Atenção: Xavier tem 25 anos, e seu namorado Rodrigo tem 21 – o que mostra que a meninada está de saco cheio. Mais: tanto a testemunha quanto o advogado são homossexuais muito conscientes do que estavam fazendo. Visando coibir a repetição desse gesto no futuro, o advogado tomou uma providência bastante apropriada: na ação administrativa, exigiu que o Shopping Frei Caneca exponha em local visível o texto da lei 10.948. Se essa ação funcionar, teremos um importante precedente para proteger nossos direitos.

Vale lembrar que vários outros estados e cidades brasileiras já aprovaram leis anti-discriminatórias. Não se trata de brincadeira. São leis pra valer. No caso paulista, que conheço melhor, a lei 10.948 pune tanto cidadãos (civis ou militares) quanto estabelecimentos públicos e privados que pratiquem discriminação por orientação sexual. Em seus vários artigos e incisos, ela visa ações intimidatórias, vexatórias ou violentas contra o cidadão homossexual, bissexual ou transgênero. E explicita que será punido o estabelecimento que “proibir a livre expressão e manifestação de afetividade, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos.”

Sei da existência de grupos de meninas e rapazes homossexuais reunindo-se em alguns shoppings para marcar presença enquanto comunidade. Encontram-se em determinada hora, combinada pela internet, e já chegaram a juntar mais de 300 pessoas no shopping Tatuapé, em São Paulo. Eles/as querem basicamente exercer o direito de socializar, como acontece com tantos outros grupos de jovens. No entanto, reclamam que os seguranças não lhes permitem beijar nem andar de mãos dadas, no local.

E aí, meninada, não está na hora de montarmos um mutirão de beijos homossexuais no Frei Caneca e em outros shoppings discriminatórios? Vacilou, solta a lei pra cima deles!

Veja: LEI Nº 10.948, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2001

Bento XVI diz que leis de casamento gay são "loucura"

8/ 9/ 2006

Por Redação www.mixbrasil.com.br

O Papa Bento XVI protestou durante discurso que pronunciou em inglês aos bispos canadenses em visita ao Vaticano que as leis de casamento gay vigentes no país são "loucura". O pontífice pediu aos políticos católicos que se libertem da escravidão das pesquisas de opinião pública.

"Em nome da tolerância, seu país cometeu a loucura de redefinir o conceito de esposo; e em nome da liberdade de escolha enfrenta diariamente a destruição de bebês não-nascidos", disse o papa.

Bento XVI lamentou a tendência dos dirigentes políticos católicos de "sacrificar os princípios da ética natural em virtude de evoluções efêmeras da sociedade e as pesquisas de opinião". "A militância católica na política não pode aceitar acordo sobre a pessoa humana", advertiu, insistindo no "respeito da dignidade humana e dos direitos inalienáveis que se desprendem da mesma".

LEIA OS COMENTÁRIOS

11/9/2006 - Cesar (mcesarpsa@yahoo.com.br)

18:26:35

Primeiro: as mulheres não possuíam alma (Tese de São Tomás de Aquino). Logo, deviam obediência irrestrita ao seu Senhor, que detinha o poder de vida e morte sobre elas. Depois: os índios não tinham alma, logo, deviam ser tratados como escravos e serem catequizados. Em seguida: os negros não tinham alma, e tiveram tratamento ainda mais brutal que os índios. Ah! Sim! Não podemos esquecer que a Terra era chata e o Sol girava em torno da Terra - óbvio!!! Só mesmo um herege como Galileu para contestar isso!!! Quantos erros! Quantos absurdos! Quantas destruições do patrimônio histórico, cultural e social a Igreja Católica já pilhou, destruiu e ainda destrói como um verdadeiro câncer!!! Quanto ATRASO!!! O pior de tudo é que a Igreja Católica fez escola: Pentecostais, Neo-Pentecostais... Mas nosso GRANDE ERRO é algo ainda pior: não temos uma UNIÃO verdadeira. Gays se divertem em massa. Mas não lutam em massa pelos seus direitos - são sempre um grupo ali e outro aqui. Nem todos fazem a sua parte! Por exemplo: fator dominante da sociedade mundial? Simples: dinheiro! Tão simples que não usamos com sabedoria. Então vamos lá: (1) Boicotar empresas que possuem padrão homofóbico; (2) Boicotar comércio de pessoas homofóbicas ou que lutam contra nós. Exemplo: comércio de neo-pentecostais! Por que comprar de gente que nos odeia? Estamos dando a eles dinheiro que será usado para financiar campanhas políticas e lobbys no Senado e na Câmara para impedir nossos direitos! Foco: usar o dinheiro somente em empresas e comércios que não são homofóbicos! Não importa o quanto nós gritemos pelos nossos direitos - gritos irritam. DINHEIRO FAZ FALTA! BOICOTEM!!!

11/9/2006 - Rafa El do Sahy (rafabresil@hotmail.com)

13:17:04

Pela primeira vez tenho de concordar com o herdeiro do discurso reaçã do judeu-palestino de Nazaré. Chega de casamento gay! Vamos fazer do mundo uma grande orgia. Uma comunhão de corpos sem fim. Germânicos, indígenas, esquimós-canadenses, ingleses, deficientes, soropositivos, mulheres islâmicas sem clitóris. Todos, juntos, numa catarse sexual, orgânica, sem limites, como o universo, que se expande a cada segundo. Somos poeria cósmica e devemos reconstruir a estrela de onde viemos numa anarquia sem precedentes! Chega de casamento pseudo-gay baseado nas leis burgueses euro-heterossexuais! Fuder é preciso. Amém-evoé!

11/9/2006 - Simone (sims70@uol.com.br)

11:45:50 Impressionante como ele tem que gritar cada vez mais alto a sua homofobia....o lado bom disso é que está cada vez mais evidente que se ele está precisando berrar é porque não está conseguindo chamar a atenção desejada...um dia ele cai de cara no trono e fica mudo....

11/9/2006 - flavio fellippo armsterdan sauer (dodi9943@msn.com)
08:09:57 Simplesmente, loucura são as declarações desse que é o mais nazista dos papas. Não merece ter esse título devido a sua postura não cristã. Afinal Ratzinger, que é ele, trabalhou quando adolescente para o maior e mais frutado homossexual da história e louco, Hitler. Ele se mostra uma pessoa extremamente desequilibrada e por conta disso a igreja católica vem perdendo seus membros. Mas as suas sandices têm efeito contrário pois as coisas quanto mais condenadas mais atraentes e portanto trazem mais curiosidade e as pessoas hoje em dia não se intimidam com insanos como ele. Espero que ele não venha ao Brasil. A bem da verdade, será que essa criatura não será destituída do cargo. Ele merece um processo pelo seu deserviço à cidadania. Que falta nos faz os Joões Paulos: - um era santo e mataram e o outro era santo e tentaram matar e ele morreu. Fora esse louco que se intitula papa Bento.

10/9/2006 - alex (fortunetehller.21@gmail.com)
18:27:48 O papa é pop, o pop nao poupa ninguem... E ainda se intitulam "Potífices", os "construtores de ponte", nome que sugere integração, aproximação... eca

10/9/2006 - Farley (farleymenezes@terra.com.br)
17:11:28 Pessoal, o que esse papa falou é tão absurdo que não merece nenhum comentário. Merece, isso sim, o degredo para os porões da história.

10/9/2006 - Breno (breno@mixbrasil.com.br)

15:48:11 Sinceramente, não vejo porque tanto alarde em torno da declaração papal. Afinal, ele apenas segue a Bíblia, que condena o sexo entre pessoas do mesmo sexo e ainda diz que no céu não entrarão os afeminados. Ou seja, a própria Bíblia condena os homossexuais. Porém, como diria o Fernando: o problema não é o papa dar a declaração, mas sim os gays continuarem católicos!!! Ninguém há de mudar a Bíblia, e segundo ela Deus é o mesmo no século passado e há de ser o mesmo nesse. Então, deixem de crer nesta religião, e partam para outra que aceite, através de outro livro, a tal condição a que cada um de nós foi exposta. Só.

10/9/2006 - Fernando (sp.fernando@bol.com.br)

11:42:00 E mesmo assim ainda tem muitos gays que insistem em ser católicos. Só podem ser masoquistas.

10/9/2006 - Marcos (marcosarruzzo@oi.com.br)

01:00:09 Religiosos poderiam ser pessoas tão mais interessantes... geralmente estudam filosofia, teologia, línguas de diversos povos, estudam música, que é uma das artes que mais comovem e olham as barbáries que defendem!?!?! Serem contra o "Casamento gay", que apesar de ser um termo que não concordo, (Acredito em união civil entre homossexuais) tudo bem... Até é uma questão nova no panorama mundial. Mas ser contra o aborto é de uma ignorância infinita... É um direito da mulher, de um casal de decidir o futuro de suas vidas, do seu país. Bem, mas não vale a pena nem ouvir o que este papa tem a dizer. Eu já o gonguei da minha gira. Viva o Candomblé que abraça os homossexuais.

9/9/2006 - Juanito (juanitosam6@hotmail.com)

20:56:11 É incrível que o sr Bento XVI ainda não se deu conta de que estamos no século XXI e não no século XII. Política deve anda separado de religião... ele que se meta em governar a sua multinacional (Igreja Católica) e a tomar conta de seus padres pedófilos! Hipócrita!!!!!!

9/9/2006 - Rev. Victor Orellana (outrasovelhas@hotmail.com)

13:17:50

DUAS DÉCADAS DE ÓDIO AO SER HUMANO - O antigo prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (Santa Inquisição) não poderia falar algo além daquilo que fala há cerca de 20 anos, quando iniciou sua campanha de perseguição aos gays, tanto fora como dentro das fileiras da Igreja Romana. É realmente um dessefviço à sociedade e a humanidade tamanha virulência reacionária do fanático-mór Ratzinger. Que os católicos do mundo, os que tem consciência reajam, principalmente aqueles que são gays, e não se deixem ludibriar por esse infame, tenha o cargo que tiver, ele é "servo dos servos", e não podem mais viverem em conflitos e situações de estaque, anulados, quando alguém se alvora contra seus direitos, principalmente ao direito de suas existências, de suas individualidade e de suas vidas, se dobrar a essa situação é desumanização e conformismo aos despotismos medievais. Dêem-se o direito à vida.

**9/9/2006
09:20:24**

- Kellen Spindolla (kellen.spindolla@click21.com.br)

Quem são eles para dizer o que é certo e o que é errado? Para quem prega que temos que amar o próximo como a nós mesmos eles deixam muito a desejar. Todos nós sabemos que as igrejas em Roma são lapidadas em ouro, que com certeza custou e custa sangue humano. Se amam e pressionam tanto a humanidade e a perpetuação da espécie por que não são exemplos? Por que não doam parte da sua riqueza que eles conquistaram explorando a fé humana, aos famintos da Etiópia, aos HIV da África onde para cada 5 adultos 03 são soros positivos, onde a mortalidade infantil destrói a continuação da vida. Acho que a igreja devia se preocupar mais com problemas sociais que destroem a humanidade do que com a vida alheia, com quem você casa ou deixa de casar. Antes de se preocuparem com bebês não nascidos, preocupar mais com os que já nasceram e não têm a menor perspectiva de vida. Sem falar nos escândalos com padres pedófilos, na verdade pra mim pobre de espírito são eles que são incapazes de amar o ser humano como Deus ama a cada um de nós. Um beijo Grande a todos!

**9/9/2006
02:32:00**

- Ari (ariobar@uol.com.br)

Os políticos querem se reeleger, assim é no Canadá como em todas as partes do mundo. Não é possível mudar os políticos sem mudar os eleitores.

**8/9/2006
22:54:26**

- Daniel (darv1979@hotmail.com)

Finalmente opiniões sensatas! A do José e a do Paulo, óbvio!

8/9/2006
20:57:42

- Luis (zlprn@hotmail.com)

Loucura é o que fizeram com a filosofia cristã. Transformaram todo o ensinamento de cristo, baseado no amor ao próximo em uma sanha em busca de poder e riquezas. O que mais me espanta é como as mulheres católicas se dedicam à uma instituição machista que as considera seres inferiores e pecaminosos, culpadas por todo o mal que assola a humanidade. Inacreditável.

8/9/2006
19:21:34

- marcio (marciomm2006@hotmail.com)

O dia que o homem descobrir que Deus mora dentro de si? Almejo o dia que toda a humanidade descobrir que deus (com d minusculo mesmo) é uma farsa inventada, tal qual outros deuses já adorados na história da humanidade. Não a considero uma panacéia, mas a religião, seguramente, é um dos grandes canceres da humanidade.

8/9/2006
15:17:48

- José (aldoreis13@yahoo.com.br)

Há estruturas de poder que desejam se perpetuar no comando da consciência humana. O dia em que o homem descobrir que DEUS mora dentro de si e ter confiança nesta força e SE LIBERTAR de todas as mentiras entranhadas dentro de sua cabeça que o DISTANCIA do DEUS INTERIOR, exemplo sexualidade reprimida, culpa por sua humanidade, se achar senhor da vida no planeta, senhor dos animais, raiva e ódio por viver reprimido, muito destes valores DESAGREGADORES colocados dentro da cabeça do homem como um cavalo de Tróia, para deixá-lo LESADO e sem confiança em EM SI MESMO DESABARÁ, parece que isto acontece de vez em quando, ACONTECENDO, NÃO MAIS PRECISARÁ DE SENHORES. Por não precisar de SENHORES, SE AUTO-DETERMINARÁ, isto é ameaçador para a estrutura de poder. Quando a única SANTIDADE para o HOMEM FOR O DEUS QUE HABITA O SEU CORAÇÃO, provavelmente, os homens viverão em paz neste planeta, passam a conviver bem com sua SEXUALIDADE e a expressá-la sem se SUBMETER a estes SENHORES, isto assusta os CACIQUES, porque passam perder as vantagens de QUEM VIVE NO PODER. A HUMANIDADE É NEURÓTICA POR TER SUA SEXUALIDADE REPRIMIDA. VIVA AS MUDANÇAS SOCIAIS PARA O BEM DA SAÚDE MENTAL DA HUMANIDADE! QUEM VIVE E SENTE O PRAZER DO SEXO COM AMOR NÃO PEGA EM ARMAS E LARGA DE SER UM GAFANHOTO CONSUMISTA A DAR BOA VIDA AOS SEUS SENHORES.

8/9/2006

- paulo (paguima60@yahoo.com.br)

14:50:10

O inquisidor-mor Joseph Ratzinger não por acaso escolheu o nome de Bento para o seu governo da igreja romana. Um dos seus antecessores, Bento XII, também adorava mandar hereges (no caso incluídos os homossexuais) para a fogueira. É impressionante o tesão que o clero católico tem pelo cheiro de carne humana queimada! Acredito que Bento XVI, como o XII, tem orgasmos quando vê proliferar o ódio que incentiva contra os gays. Ele ainda tem a cara de pau em falar de "respeito da dignidade humana", um defensor da morte! um papa advindo das hostes nazistas (que agora diz ter sido obrigado a se alistar!) um inquisidor que usou e abusou do direito de castigar os "herejes", agora um paladino pelo extermínio de homossexuais. Deve haver uma maneira dele ser processado pela sua campanha homofóbica e sua ojeriza aos direitos das pessoas. Temos o dever de alertar ao mundo católico que eles não têm o poder sobre todos os humanos. Que exerçam o ódio entre eles e deixem os outros em paz!

Dois municípios do agreste de Alagoas realizam suas paradas gays nos próximos dias. A primeira acontece em Delmiro Gouveia, já nesse domingo, 27/8.

Com o tema "Diversidade Sim, Preconceito Não", a 1ª Parada Gay de Delmiro Gouveia promete mobilizar cerca de 5 mil pessoas. Para Obenaldo Silva, presidente da Associação GLBT de Delmiro Gouveia, a "parada da diversidade sexual representa um momento impar de visibilidade para nós homossexuais e nossas organizações políticas, oportunidade para expressarmos nossa forma de amar e lutarmos pela afirmação de nossa cidadania plena".

Já no dia 22/10, o Afinidades GLSTAL promove a 1ª Parada do Orgulho do Agreste de Alagoas. O evento acontecerá em Arapiraca, que fica a 135 km da capital, Maceió, e contará com atrações de trios elétricos, DJs, danças e bandas e pretende reunir 20 mil pessoas.

LEIA OS COMENTÁRIOS

- 28/8/2006** - César (cesarsylva@yahoo.com.br)
09:15:48 Bom eu estive na primeira parada gay de Delmiro Gouveia, e fiquei surpreso com a participação da comunidade em geral, visto que nos estados nordestinos, principalmente em Alagoas e Pernambuco ainda temos muito preconceito vindo de familias tradicionais e arcaicas, apesar de tudo isso a parada foi um sucesso fala-se em mais de 5 mil pessoas onde se encontrava de idosos a crianças de colo todos vendo com "espanto" a comunidade GLS passar.
- 24/8/2006** - Danilo (dandedom@uol.com.br)
12:15:18 É isso aí, gente. Avanços sociais têm que chegar ao Brasil profundo. Sucesso a toda a comunidade GLBT desses rincões.
- 24/8/2006** - Cezário Aschar (jaschar@uol.com.br)
08:04:16 Resido em Cuiabá-MT. É interessante perceber que até mesmo nos rincões mais distantes deste país o movimento homossexual organizado se faz presente. Certamente nesses locais o machismo aliado à sua política coronelesca impera e obviamente causa furor o debate sobre a causa de cidadãos e cidadãs homossexuais. Parabéns à coragem dos nobres companheiros. O caminho é mesmo por aí. Sucesso a Todos e Todas.

23/8/2006 - bet (sigal@ig.com.br)

22:59:32

ai. ricardo.essa sua simples manifestação étão importante quanto as paradas. não estamos sós.

23/8/2006 - RICARDO (aguieiras2002@yahoo.com.br)

19:53:59

Isso me emociona profundamente, saber que a Luta Homossexual está atingindo os lugares mais distantes e, infelizmente, onde ainda falta muita coisa. O pessoal de Delmiro Gouveia e de Arapiraca está de parabéns, adoraria estar aí com vocês! Sucesso!!!!